

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História
Memorial Descritivo
Mara Regina do Nascimento**

“Eu não ando só. Só ando em boa companhia.”

**A trajetória profissional e de vida de uma
professora na Universidade Pública**

Uberlândia/MG

2025

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História
Memorial Descritivo**

“Eu não ando só. Só ando em boa companhia.”

**A trajetória profissional e de vida de uma
professora na Universidade Pública**

Mara Regina do Nascimento

Memorial Descritivo apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção de Promoção na Carreira do Magistério Superior da Classe D Associado Nível IV para a Classe Titular, conforme Resolução n. 3/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia/MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

N244m Nascimento, Mara Regina do, 1963-
2025 Memorial Descritivo [recurso eletrônico]: “Eu não ando só. Só ando em boa companhia.” A trajetória profissional e de vida de uma professora na Universidade Pública / Mara Regina do Nascimento. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5526>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - Formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de História. II. Título.

CDU: 378.124

Rejâne Maria da Silva
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Memorial Descritivo

Comissão Especial de Avaliação

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz – PPGEH/UFU (presidente membro interno titular)

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck - PPGH/ UFPEL (membro externo titular)

Profa. Dra. Regma Maria dos Santos – PPGHI/UFCAT (membro externo titular)

Profa. Dra. Sônia Maria de Magalhães – PPGH/ProfHistória/UFG (membro externo titular)

Profa. Dra. Jorgetânia da Silva Ferreira – INHIS/UFU (membro interno suplente)

Profa. Dra. Maria Medianeira Padoin – PPGPC/PPGH/UFSM (membro externo suplente)

Uberlândia/MG

2025

Dedicatória

À Isadora, minha filha, pelo tanto de vida compartilhada.

Aos meus pais, *in memoriam*, Raymundo Oliveira do Nascimento e Norma Therezinha Silva do Nascimento, por tudo o que me oportunizaram.

Às minhas amigas, Jorgetânia da Silva Ferreira, Olenir Maria Mendes, Mariza Barbosa, Ínia Franco de Novaes e Andréa Carla Arantes, porque nunca soltaram a minha mão nas horas mais difíceis, e porque estão sempre prontas a dividir comigo a felicidade dos bons momentos.

Será tudo? Não. Isso de nada serve se continuarem separando ação e pensamento, vida de historiador e vida cotidiana. Entre a ação e o pensamento, não há tabiques, nem barreiras. Não deixem que a história tenha a aparência de uma necrópole inerte, pela qual passam unicamente sombras despojadas de substância.

(Febvre, 1953, p. 52. Apud Prost, 2008, p. 137)

Resumo

Memorial Descritivo, requisito para a promoção da classe de Professor Associado IV para a classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, da Universidade Federal de Uberlândia, conforme regulamenta a Resolução n. 3/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 9 de junho de 2017. Relatado a partir do presente para o passado, apresenta as ações mais recentes até chegar aos acontecimentos mais remotos de minha vida profissional e acadêmica. Ressalto, descrevo e analiso atividades significativas de ensino, pesquisa, extensão e gestão, que contribuíram para a minha trajetória docente na Universidade Federal de Uberlândia/MG.

Palavras-chave: Memorial Descritivo; Trajetória profissional e acadêmica; Promoção na Carreira

Abstract

Descriptive Memorial, requirement for promotion from the class of Professor Associado IV to the class of Professor Titular of the Higher Education Career, at the Federal University of Uberlândia, as regulated by Resolution n. 3/2017 of Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 9 de junho de 2017. Reported from the present to the past, it presents the most recent actions until reaching the most remote events in my professional and academic life. I emphasize, describe and analyze significant teaching, research, extension and management activities, which contributed to my teaching career at the Federal University of Uberlândia/MG.

Keywords: Descriptive Memorial; Professional and academic trajectory; Career Promotion

Sumário

Agradecimentos	9
Introdução: uma biografia que parte do presente e rumo ao passado.....	11
Capítulo I. Chego aos 60 mirando novos começos: a UFSM.....	13
Capítulo II. O ProfHistória chegou para ficar em minha vida.....	17
Capítulo III. A UFU na vida de uma mulher madura, tenho 46.....	24
III a. Atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação, mestrado e doutorado.....	26
Ensino.....	26
Orientações.....	29
III b. Participação em Grupos de Estudos, Laboratório de Ensino, Núcleos e Grupos de Pesquisa.....	34
Leituras, Discussões, Pesquisas, Encontros	34
III c. Atividades de produção intelectual	44
Produção bibliográfica.....	44
Apresentação de trabalhos.....	73
Produção Técnica	75
III d. Atividades de extensão: quatro ações que me conectaram com o universo além dos muros da universidade.....	89
O Poeta e o Historiador (2010).....	90
Eixo 1 “Culturas e Linguagens” (2012 e 2013).....	98
O LEAH (2011 a 2015)	103
Curso de Extensão O Golpe de 2016 (2018).....	106
III e. Os Projetos de Pesquisa e seus frutos	113
III f. Coordenação de curso de pós-graduação: 4 anos com o ProfHistória.....	117
III g. Atividades editoriais – a Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer	128
III h. Consultorias: o início da parceria com o CEMEPE	129

III i. Direção da ADUFU – Associação de Docentes da UFU – seção sindical do Andes Nacional	130
Capítulo IV. Experiência Profissional na Educação Básica, tenho 24 anos de sonhos	137
Capítulo V. Formação estudantil, tenho 19 anos e chego ao universo diverso da Universidade.....	140
Capítulo VI. Sem conclusões: mãe, professora, pesquisadora, mulher - meu infinito particular	144
Referências Bibliográficas	146
Anexo 1 – Tabela de Pontuação - anexo da Resolução n. 03/2017, do Conselho Diretor – UFU.....	149

Agradecimentos

Compor um Memorial Descritivo e, sobretudo, constituir uma trajetória acadêmica, não é tarefa simples. Mas só é possível porque muitos e muitas caminham juntos e juntas.

Quero agradecer especialmente à Luciana Lemes de Andrade Barbosa, ao Luís Augusto Mesquita, técnica e técnico administrativos do INHIS, e à Renata de Oliveira Andrade, técnica administrativa do ProfHistória nos seus primeiros dois anos, porque, além de profissionais de extrema competência, foram amizades inestimáveis ao longo dos anos de UFU.

Muitos e muitas colegas do INHIS estão citados(as) no Memorial em forma de reconhecimento, mas gostaria de frisar meus agradecimentos a Maria Andréa Angelotti Carmo, Jorgetânia da Silva Ferreira, Gilberto César de Noronha, Gustavo de Souza Oliveira, Guilherme Amaral Luz, Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Ivete Batista da Silva Almeida, Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, Amon Santos Pinho, Iara Toscano Correia, Jean Luiz Neves Abreu, Patrícia Emanuelle Nascimento, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, Marcelo Lapuente Mahl, Newton Dângelo, Sauloéber Tarsio de Souza, Carla Miucci Ferraresi, Vera Puga, Jacy Alves de Seixas, Josianne Cerasoli e Antônio Almeida. Andamos juntos e juntas em comissões, projetos, bancas, publicações, eventos, encontros, festas... Não foi pouca coisa.

À Maria Andréa Angelotti Carmo, diretora do INHIS no mesmo período em que fui coordenadora do ProfHistória, um agradecimento especial pelo apoio, parceria, incentivo e amizade. Sem o seu trabalho de cuidado e dedicação ao INHIS, o Programa não teria sido possível.

Agradeço a todos(as) estudantes que estiveram comigo nesses 15 anos de UFU e 6 meses de UFSM, sejam orientandos(as) de PIBIC, PIVIC, Monografias, TCCs, no ProfHistória, no PPGHI, em grupos de estudos, mas também nos cafés e em divertidas comemorações. Todos(as) estão citados(as) no Memorial como forma de reconhecimento.

Agradeço aos(às) colegas da UFSM que, em tão breve tempo de convívio, já me ofereceram respeitosa e acolhedora recepção, Marta Rosa Borin, Maria Medianeira Padoin, Diorge Alceno Konrad, Gláucia Konrad e Guilherme Galhegos Felipe. Também agradeço a Semíramis Corsi e ao Fernando Figueiredo Balieiro, que, quis a vida não

fôssemos colegas na UFSM, mas por se tornaram amigos queridos durante as chegadas e partidas de Santa Maria.

Sou muito grata às docentes que aceitaram compor a comissão especial de avaliação do Memorial, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Regma Maria dos Santos, Sônia Maria de Magalhães, Jorgetânia da Silva Ferreira, Maria Medianeira Padoin e ao docente Guilherme Amaral Luz. A presença desses (as) colegas em um momento tão especial é muito significativo para mim.

Aos companheiros e às companheiras da CAN, Comissão Acadêmica Nacional do ProfHistória, meus agradecimentos por terem entrado em minha vida para partilhar não somente trabalho, mas também a felicidade de conduzir o maior Programa de Pós-Graduação Profissional do país, o ProfHistória: Marcelo Souza Magalhães, Mônica Martins da Silva, Carmen Teresa Gabriel Le Ravallec, Bruno Silva, Cinthia Monteiro de Araújo, Marinete Rodrigues, Helenice Aparecida Bastos Rocha e Renan Marques Birro.

À Isadora e à minha família, sempre, por tudo.

Não andamos sós, andamos na companhia um(a) dos(as) outros(as).

Introdução: uma biografia que parte do presente e rumo ao passado

A memória é uma mágica não desvendada. Um truque da vida. Uma memória não se acumula sobre outra, mas ao lado. A memória recente não é resgatada antes da milésima. Elas se embaralham.

(Marcelo Rubens Paiva. Ainda estou aqui, 2015, p. 18)

Este é um Memorial Descritivo contado de frente para trás. O começo dele é em 2024 e o seu final é em 1982. Numa linha de tempo invertida, inicio com os meus sessenta e um anos de idade para encontrar aquela jovem de dezenove anos, que eu fiquei feliz de ter lembrado.

Enquanto a memória coletiva é aquela que nós historiadores(as) temos o dever de investigar, interpelar e interpretar para servir a um conhecimento mais amplo, a memória individual, ao contrário, pode ser seletiva e sem compromisso. Geralmente, ela se fixa nas boas lembranças, naquilo que nos traz de alegrias e que provoca saudade. Foi este o meu sentimento ao trazer à tona um resumo dos meus 15 anos de Universidade Federal de Uberlândia.

Coincidência interessante essa a da convergência de comemorações: o INHIS fez 60 anos em 2024, eu recentemente fiz a mesma idade (em 2023) e chego ao maior nível da carreira acadêmica, almejando o grau de Titular, ao mesmo tempo em que chego à chamada terceira idade.

O Memorial tem a potência da recordação que, inevitavelmente, nos leva a perceber que tudo o que foi realizado tornou-se possível porque estivemos na companhia de muitas pessoas. Esse reconhecimento me remeteu aos versos de Vinícios de Moraes e à melodia de Toquinho, que cantarolou em minha cabeça enquanto escrevia sobre a minha vida acadêmica. Eles cantam:

“Eu não ando só

Só ando em boa companhia

Com meu violão

Minha canção e a poesia”

O poeta e o músico, a dupla *Toquinho & Vinícius*, estão se referindo nessa linda canção à mulher amada, ao amor que requer cuidado, carinho e dedicação. Aproprio-me

desses versos e de sua melodia para declarar meu amor aos meus alunos(as), colegas, amigos(as); para manifestar as minhas intenções de cuidado com a instituição pública; para expressar minha dedicação ao exercício da docência, da pesquisa e da boa relação profissional com os(as) colegas.

Neste Memorial descreverei as principais atividades que desenvolvi ao longo de uma década e meia, em ensino, orientação, pesquisa, produção bibliográfica, produção técnica, extensão, assessoria acadêmica, organização de eventos científicos, participação em sindicato, participação em grupos de estudos, colaboração em projetos de pesquisa, atividades editoriais e gestão administrativa. Mas, também, o que foi realizado antes de chegar à UFU, minha trajetória como professora da Educação Básica e minhas conquistas como aluna na graduação, no Mestrado e Doutorado. Foi na pós-graduação, como estudante, que me encantei com os teóricos do religioso, com os quais me cerquei para que continuassem a me conduzir na UFU nos projetos de pesquisas, nas orientações a estudantes, nas aulas, na participação das mais de 80 bancas de programas de pós e nos grupos de estudos.

O conteúdo do Memorial virá acompanhado de muitas imagens. Espero não cometer excessos. Minha intenção será apenas de tentar tornar a leitura menos enfadonha, já que sempre corremos o risco de deixar o Memorial Descritivo semelhante ao Currículo Lattes, este sim o mais entediante dos nossos documentos universitários.

Almejo conseguir, nas páginas que se seguem, demonstrar esse meu afeto e dedicação à UFU, à profissão de historiadora e o cuidado com quem andou comigo. Como forma de demonstrar que eu, realmente e verdadeiramente, não andei só, fiz referência nominal a todos(as) amigos(as), docentes, discentes, técnicos(as), autores(as), pensadores(as) que caminharam comigo nesta jornada. Como diz o *poetinha*: são “meu violão, minha canção e a poesia”.

Capítulo I. Chego aos 60 mirando novos começos: a UFSM

Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo.

(Antônio Bispo dos Santos. A terra dá, a terra quer, 2023, p. 102)

Na vida, chegar aos 60 anos já é motivo de comemorar, mas também de entrar num processo íntimo de reflexão e imersão (no nosso infinito particular) sobre a jornada trilhada, os amores começados e os finalizados, as viagens inesquecíveis, as culpas, os arrependimentos, os brios, as felicidades, as frustrações e, claro, enfrentar com sabedoria os preconceitos do etarismo e do machismo, esses velhos e decrépitos conhecidos nossos.

Mas e quando os 60 se encontram com o topo da carreira, quando a maturidade etária encontra o grau de Titular? Que marca simbólica é essa? Para mim, essa é uma feliz coincidência.

Desde a infância, na minha família, eu era enunciada pelos adultos como inquieta, e corajosa. Minha avó Almerinda Matheus e Silva me via assim, uma menina “sem medo de nada”. Não sei se por estímulo dela, ou por força que os rótulos nos encarnam, enfrentei com a coragem das meninas todos os meus desafios.

Aos 60 anos, me encorajei e encarei a possibilidade de redistribuição para a UFSM. Depois de 15 anos de UFU, por que não ir para outra Universidade? Por que não voltar ao Rio Grande do Sul e recomeçar? Por que não, aos 60, fazer o que fazem os iniciantes na carreira, porém levando para a UFSM a minha experiência já consolidada e as minhas contribuições? A expressão “por que não?” me acompanhou em cada momento em que eu me punha a pensar sobre uma mudança bastante radical na vida.

Afinal, em Uberlândia me fiz professora do ensino superior, em Uberlândia desenvolvi meus projetos de pesquisa, em Uberlândia criei os vínculos mais duradouros com os(as) alunos(as) da graduação e da pós-graduação, em Uberlândia me aprimorei na gestão de cargos administrativos do universo público federal, em Uberlândia fiz minhas melhores amizades do Instituto de História e fora dele. Mas.... “por que não?”

Assim, marcada pela minha característica de ser inquieta e corajosa, decidi voltar ao Rio Grande do Sul, mudando de endereço residencial e profissional.

Agradeço à Profa. Maria Andréa Angelotti Carmo, diretora do INHIS-UFU até o final de 2024, pela condução eficiente e precisa dos trâmites necessários para a redistribuição; agradeço aos colegas Professores Jean Luiz Neves Abreu, Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior e Nara Rúbia de Carvalho Cunha pela relatoria e parecer favorável à minha solicitação de mudança de universidade. Agradeço, ainda, à UFSM e aos colegas do Departamento de História, que concordaram com a redistribuição.

Nos anos de 2021 e 2022, enfrentamos a Covid, mas eu enfrentei ainda, uma doença grave e apreensiva. Enfrentei com coragem um câncer e um tratamento de meses de quimioterapia. A doença que, até o momento, está em remissão, me fez pensar na finitude e na mineirice de Guimarães Rosa a nos dizer: “O que a vida quer da gente é coragem”.

Foram meses em que cada sessão de medicação me levava a querer mudanças, a não deixar a vida passar sem aproveitá-la, ao mesmo tempo em que eu devia me resignar aos rigores do tratamento, ter paciência, humildade, resiliência e disciplina. Foi duro. Longe da família, isolada pelos perigos do Coronavírus, pela fragilidade dos efeitos da quimioterapia no corpo, vivi meses tristes, mas sem me entregar. Peguei Covid; fui hospitalizada; tive muito medo. Mas consegui me sair bem, graças ao apoio e cumplicidade incondicional da minha filha Isadora (tão jovem e com uma responsabilidade tão gigante, foi muito injusto).

Finalizado o tratamento em maio de 2022, o ano de 2023 foi o de me lançar a concretizar o desejo de mudança para novos desafios. Mais uma mudança de cidade. Nasci em Porto Alegre, mas já morei, por causa do trabalho, em Florianópolis, São Paulo, Ijuí e Uberlândia.

Em Florianópolis e em Porto Alegre me fiz professora da Educação Básica, em São Paulo fiz uma parte do meu doutoramento, em Ijuí morei enquanto fazia meu doutorado na UFRGS e em Santa Maria experimentei pela primeira vez o universo do Ensino Superior, como professora substituta, por um período breve no ano de 2001. E é como docente da UFSM, mas também como da UFU, que agora apresento este memorial para chegar a Titular. São muito interessantes os ciclos e as ondas que a vida apresenta.

Em tantas cidades, em tantos ambientes diferentes de trabalho, o que tive foi a felicidade e a oportunidade de conhecer muita gente com diversos sotaques e costumes. Me sinto uma gaúcha um pouco mineira, com pitada de catarinense, apreciadora do progresso paulistano, mas que gosta do sossego das cidades do interior.

Chico Buarque nos presenteou com os versos:

*O meu pai era paulista
 Meu avô, pernambucano
 O meu bisavô, mineiro
 Meu tataravô, baiano
 Vou na estrada há muitos anos
 Sou um artista brasileiro
 (Paratodos, Chico Buarque, 1993)*

Eu quero parafraseá-lo, com humor:

*O meu pai era sergipano
 Meu avô, porto alegreense
 O meu bisavô, italiano
 Meu tataravô, italiano
 Vou na estrada há muitos anos
 Sou uma professora brasileira*

Apesar de muito recente e do tempo muito curto, na UFSM, no Departamento de História, ministrei disciplinas que contribuíram também para a minha formação, sempre em contínuo processo.

No ano de 2024, no 1º. semestre, ministrei as disciplinas de Metodologia Científica em História, para o Bacharelado, e Trabalho de Conclusão de Graduação A, para a Licenciatura e o Bacharelado. Ambas as disciplinas estavam em andamento quando eu cheguei, porém haviam sido interrompidas em decorrência da triste enchente que submeteu o estado do Rio Grande do Sul a uma tragédia climática, nunca vista em toda a sua história.

Além da tragédia, que interrompeu o primeiro semestre de 2024 na UFSM, também a greve geral das Universidades Federais, coordenada pelo Andes Nacional, trouxe um percurso diferente e de exceção às aulas. Entrei em exercício na UFSM, em 15 de julho de 2024, sob um clima bastante fora do comum. Mas, como sempre, os(as) alunos(as) nos salvam nos momentos mais delicados de nossas existências acadêmicas. A minha insegurança diante da situação com tanto ineditismo e estranhamento com a nova casa foi, pouco a pouco, sendo superada com a ajuda do acolhimento dos(as) alunos(as).

No segundo semestre de 2024 ministrei as disciplinas de História Antiga na Licenciatura e Bacharelado e a disciplina Metodologia do Ensino de História: o pesquisador-professor e o professor-pesquisador, no ProfHistória, no Departamento de Educação. Enquanto a primeira foi absolutamente estranha para mim, muito longe das minhas experiências de ensino e pesquisa, a segunda me era totalmente familiar. Foi um alívio. Para quem está de mudança de residência, de universidade, de rumo na vida, é

muito bom poder transitar em solo familiar, e o ProfHistória tem para mim este sentido de me ser familiar, terreno acolhedor, abraço fraterno.



Figura 1- Aula no ProfHistória da UFSM, Departamento de Educação. Dia 5 de outubro/24, uma aula remota devido à suspensão das aulas por ocasião de um surto de Rotavírus na universidade. Disciplina: *Metodologia do Ensino de História: o pesquisador-professor e o professor-pesquisador*. Fonte: a autora¹

Assim é que, entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais, dei muitas aulas. Começando com as aulas para crianças do Ensino Fundamental I, adolescentes do Fundamental II e adultos da Educação Superior, que me formaram como docente e ajudaram a formar a minha história, que passa a ser contada neste Memorial.

¹ Na foto os e as discentes de Santa Maria, que me acompanharam no 2º semestre de 2024: Carlos Roberto Pereira, Diana Trevisan Mezadri, Dirlane Pacheco Machado, Elisabete da Silva Ilha, Isaque Franco, Mateus Costa Rosa, Tiago Silva Alves e Valdinei Luís Ciocari.

Capítulo II. O ProfHistória chegou para ficar em minha vida

Somos compartilhantes. Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende.
(Antônio Bispo dos Santos. A terra dá, a terra quer, 2023, p. 36)

O ano de 2019 foi um divisor no Instituto de História da UFU. Divisor entre desencantamento e entusiasmo. Fico extremamente feliz de ter feito parte deste momento único. Em 2019, o INHIS começou a efetuar a grande reformulação na sua pós-graduação, primeiro no Acadêmico, sofrido que estava pela perda do doutorado e pelo clima de descrença que atingia docentes e discentes. Uma reformulação necessária foi iniciada durante a direção do Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior e da coordenação do Prof. Newton Dângelo, se efetivando pelas mãos da direção subsequente, da Profa. Maria Andréa Angelotti Carmo. Atuei fortemente nesta reformulação, por fazer parte da “Comissão de Reestruturação da Pós-Graduação em História”, da qual me ocuparei mais adiante.

Foi também em 2020 que o INHIS teve o seu ingresso na Rede Nacional do ProfHistória aprovado. O entusiasmo tomou conta dos corações de muitos(as) docentes do Instituto. Uma Comissão, presidida pelo Prof. Amon Santos Pinho, da qual fiz parte, elaborou o material impecável com a proposta, que procurava mostrar o quanto Uberlândia e região e a UFU poderiam trazer contribuições para o ProfHistória – o Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, hoje com os cursos de Mestrado e Doutorado. O parecer favorável à adesão, elaborado pela Profa. Jorgetânia da Silva Ferreira, para apreciação no CONINHIS (Conselho do Instituto de História), em 21 de março de 2019, foi decisivo para a continuidade dos trâmites da adesão.

Esse é o primeiro, e até agora único, doutorado profissional dos Programas PROEB (Educação Básica) da Capes. No INHIS, a adesão à Rede Nacional do ProfHistória teve a Profa. Maria Andréa Angelotti Carmo a grande intermediadora com

a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), da UFU para o sucesso final da aprovação do Programa. Nesses esforços de implementação do ProfHistória é necessário deixar registrado ainda a atuação do Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, o Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho e da Diretora desta Pró-reitoria, Profa. Dra. Eloísa Amália Vieira Ferro.

De acordo com notícia publicada no Portal Capes, de 15/03/2024, intitulada “ProEB: transformando vidas do interior para o mundo”:

O ProEB é um programa inovador destinado à formação *stricto sensu* de professores da rede pública de educação básica. Criado com o intuito de promover a educação continuada, em 2023 o programa expandiu sua oferta para incluir o primeiro doutorado profissional na área de História, coordenado pela UFRJ e com a participação de 39 instituições, proporcionando 117 vagas. O programa é administrado pela CAPES através da Diretoria de Educação a Distância (DED) e é notável por sua abordagem de interiorização e inclusão, visando a democratização da educação de qualidade em locais onde pós-graduações são escassas.

Oferecendo cursos semipresenciais em 12 áreas especializadas, o ProEB alcançou a marca de 16.930 professores titulados até 2023. O programa fornece bolsas de estudo para até 30% dos matriculados e recursos para atividades acadêmicas. A colaboração com Coordenações Nacionais e instituições educacionais ampliou o alcance do programa, totalizando 25.379 alunos matriculados entre 2020 e 2023, e abrindo 6.320 novas vagas no primeiro semestre de 2023. Acordos de cooperação com órgãos diversos, incluindo a ANA (Agência Nacional de Água e Saneamento), Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e a Setec (Secretaria de Educação Profissional Tecnológica), promoveram a criação de mestrados profissionais em áreas como recursos hídricos (ProfÁgua), ciências ambientais (ProfCiAmb), administração pública (ProfiAP) e educação profissional e tecnológica (ProfEPT), evidenciando o impacto e a expansão do programa. (Link para a matéria completa: “*ProEB: transformando vidas do interior para o mundo*” <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/proeb-transformando-vidas-do-interior-para-o-mundo>)

Tornei-me coordenadora local do ProfHistória da UFU por quatro anos, duas gestões consecutivas, entre 2020 (2019) e 2024², gestões das quais tratarei mais adiante, e hoje integro a CAN (Coordenação Acadêmica Nacional) para o período 2023-2026.

Trabalhar na CAN, sob a coordenação geral do Prof. Marcelo Souza Magalhães (UNIRIO) e da Profa. Mônica Martins da Silva (UFSC) tem sido o meu mais recente

² Na primeira gestão o Prof. Amon Santos Pinho compartilhava a coordenação comigo e na segunda, o Prof. Gilberto Cêzar de Noronha. Aos dois agradeço imensamente a parceria. Prof. Gilberto inclusive teve que me substituir durante o período que estive afastada para tratamento de saúde, entre parte de 2021 e de 2022.

desafio. Somos nove colegas, de diferentes instituições do país, dedicados a dar continuidade ao mais ousado programa de pós-graduação do país.³

Muitas mãos são necessárias para manter o vigor de um curso dessa monta em 39 Instituições diferentes, espalhadas pelo território nacional. Criado em 2014, o ProfHistória completa agora 10 anos.

Na recente seleção para o Mestrado, no ano de 2024, ingressaram 672 novos(as) alunos (as). Na seleção de ingresso para 2025, foram 684 candidatos(as) classificados(as) para o curso de Mestrado Profissional e 107 candidatos(as) classificados(as) para o curso de Doutorado Profissional. Hoje, o ProfHistória está composto por 573 docentes, 39 coordenações locais, 1.632 discentes e 1.751 egressos(as), Mestres(as) em Ensino de História, atuantes na Educação Básica.

O ProfHistória significa muito na minha carreira acadêmica porque é o coroamento da esperança de um Ensino de História de qualidade nas escolas. É a valorização intelectual da classe trabalhadora da educação. Todas as minhas lutas travadas em tantos anos envolvida com o ensino, desde que me formei em 1986 e que passei a atuar como professora em 1987, ganham um novo sentido. Eu continuo, ainda mais, na luta por melhores salários para a nossa categoria.



Figura 2 - A Rede Nacional do ProfHistória. Fonte: a autora

³ Prof. Marcelo Souza Magalhães (UNIRIO); Profa. Mônica Martins da Silva (UFSC); Profa. Carmen Teresa Gabriel Le Ravallec (UFRJ); Prof. Bruno Silva (UNIFESSPA); Profa. Cinthia Monteiro de Araújo (UFRJ); Profa. Marinete Rodrigues (UEMS); Profa. Helenice Aparecida Bastos Rocha (UERJ) e Prof. Renan Marques Birro (UPE).

O ProfHistória é um programa que emprega um novo olhar para a Educação Básica, uma vez que toma a perspectiva formativa sem operar com os superados princípios de “atualização” e “reciclagem” de conteúdos, mas adota a proposta de uma formação pautada na experiência docente e os seus diversos aspectos teórico-metodológicos. As diretrizes do programa priorizam o saber-fazer do chão da escola, valorizam e respeitam a multiplicidade dos debates e vertentes do campo da História e do Ensino de História.

Participar da gestão nacional do curso permite-me testemunhar a sua potência. Vê-se na prática que o programa opera com princípios de transformação da sociedade e da realidade educacional brasileira, por meio do incentivo a propostas de dimensão propositiva emancipatórias, comprometidas com a diversidade regional, étnico racial e de gênero do país.

Por seu formato em rede, o curso vem possibilitando intensas trocas intelectuais que promovem a integração e interação de diferentes realidades acadêmicas, institucionais e regionais, que enriquecem o debate sobre a formação de professores de História no Brasil e inovam as formas de desenvolvimento de um programa de pós-graduação profissional.

Não são poucas as vezes em que me emociono quando me dou conta que simultaneamente, Brasil afora, mais de 1.500 pessoas estão pensando juntas em como qualificar e melhorar o Ensino de História nas escolas, são mais de 1.500 estudantes e outros tantos egressos pesquisadores(as) preocupados(as) em melhorar suas práticas cotidianas.

Sinto muito orgulho pelo convite que me fez o Prof. Marcelo Souza Magalhães para compor a atual CAN. Nessa presente gestão, juntamente com meus colegas, os principais desafios com os quais estou envolvida no ano de 2024 são: a implementação do Doutorado, o seu processo seletivo, as matrículas e a criação das disciplinas; os credenciamentos de novos docentes; a coordenação do Planejamento Estratégico da Rede⁴, além da participação na coordenação das Plenárias Nacionais, que ocorrem duas

⁴ A Comissão de Planejamento Estratégico do ProfHistória é composta pelos(as) colegas: Helenice Aparecida Bastos Rocha (UERJ/CAN) e Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues (UEMS/CAN), na coordenação junto comigo, e também os(as) docentes: Breno Mendes (UFG); Juliana Andrade (UFRPE-UFPE); Olívia Medeiros (UFNT); Sandor Fernando Bringmann (UFSC). A estes colegas meus agradecimentos pelo trabalho coletivo e amizade construída durante as atividades que realizamos ao longo de 2024.

vezes ao ano, e reúnem todas as coordenações locais, para discussão e deliberação sobre os rumos do Programa.



Figura 3 - Plenária Nacional 2023 Brasília – Encontro dos(as) Coordenadores(as) locais. Fonte: a autora

Na foto acima: “nos dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2023, coordenadores das Instituições Associadas ao ProfHistória e a Comissão Acadêmica Nacional se reuniram na CAPES, em Brasília, para discutir as pautas relativas ao segundo semestre do Programa”, ver mais em <http://site.profhistoria.com.br/plenaria-do-profhistoria-em-brasilia-discute-os-rumos-do-programa/>.

Enquanto escrevia essas linhas, em novembro de 2024, me preparava para a viagem de Santa Maria para Belém do Pará - do Sul para o Norte do país - para co-dirigir mais uma Plenária Nacional de Coordenadores(as) do ProfHistória e participar do III Congresso Nacional do ProfHistória. É nosso maior evento, que reúne mestrandos(as) e egressos(as) do Brasil inteiro para debater com os (as) profhistóricos(as), apresentar suas pesquisas e festejar a alegria dos encontros. Em 2024, o evento teve como marca comemorar os 10 anos do Programa.



Figura 4 - Encontro entre alunos(as) da UFSM, ex-colegas e ex-alunos(as) da UFU - III Congresso Nacional do ProfHistória – Belém, outubro de 2024. Fonte: a autora



Figura 5 - O III Congresso Nacional do ProfHistória - Belém – 2024. Fonte: a autora



Figura 6 - Cerimônia de encerramento do III Congresso Nacional do ProfHistória 2024, quando ocorreu também a 2ª. Plenária Nacional de Coordenadores(as) do ProfHistória. Belém. Fonte: a autora

Vida longa ao ProfHistória!

Capítulo III. A UFU na vida de uma mulher madura, tenho 46

“Viver a história”.
E já que tenho a felicidade de encontrar, nesta sala, jovens decididos
a dedicar-se à pesquisa histórica, quero dizer-lhes com toda a
franqueza: para fazer história, voltem as costas resolutamente ao
passado e, antes de mais nada, vivam plenamente a vida. Misturem-se
à vida. À vida intelectual, sem dúvida, com toda a sua diversidade.
[...], Mas, vivam também uma vida prática. Não se contentem em
olhar da praia, preguiçosamente, o que se passa no mar agitado. [...]
Arregacem as mangas [...] e ajudem os marujos em sua tarefa.

(Febvre, 1953, p.52. Apud. Prost, 2008, p. 137)

Neste esforço de trabalho de memória, em que tomei a decisão de partir do presente para o passado em uma viagem invertida no tempo, chego à Universidade Federal de Uberlândia. Em 2008, prestei concurso público para a área de Teoria da História, nessa universidade mineira, após ter defendido minha tese em 2006 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recém doutora passava pelo mesmo processo angustiante que muitos de nós acadêmicos passam depois que finalizam o Doutorado: e agora, o que fazer? A busca mais comum que almejamos é a de uma colocação na universidade pública. Buscamos o sonho de ministrar aulas para graduandos e o desejo de melhores condições de trabalho e salário.

Fui do Rio Grande do Sul (morava em Ijuí nessa época) a Minas Gerais, para a cidade de Uberlândia, participar de um concorrido concurso público com mais de 40 candidatos(as) para oito vagas, com a possibilidade de abrir mais duas ao longo do semestre. A notícia da situação inédita (10 vagas) correu o Brasil afora e doutores(as) à procura de uma melhor colocação profissional rumaram para o Triângulo Mineiro.

Deixei minha filha, que nessa época estava com cinco anos, aos cuidados do pai e da profissional que me ajudava a cuidar dela, Débora Uhde, e fiquei uma semana em Uberlândia envolvida com o concurso. Meus esforços, minha imersão completa nos estudos, deram o resultado esperado. Fui aprovada e em janeiro de 2009 tomei posse como docente de História na UFU, no INHIS dirigido nessa época pela Profa. Dra. Luciene Lehmkuhl.

Uma nova vida estava começando para mim. O entusiasmo e felicidade tomaram conta. Compromissos acadêmicos, aprendizagens diárias em lidar com as instâncias

públicas, voltar-se à formação de professores(as), leituras para a preparação de aulas, para pesquisas, gestão, etc. Enfim, uma vida profissional diferente da escolar se iniciava e eu só queria trabalhar. Carregava na mala quase 10 anos de experiência no magistério em escolas públicas e privadas, que sempre me sustentou na minha conduta para pensar a docência superior. Todo(a) o(a) professor(a) de Licenciaturas poderia ter em seu currículo a escola, faria muita diferença.

Foi na UFU que, por 15 anos, desenvolvi atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, cada uma a seu tempo, agregando alunos(as), colegas e comunidade externa. Foram anos dedicados a dar o melhor de mim para o serviço público.

A minha progressão na carreira assim se deu na UFU:

✓ Entre 22 de janeiro de 2009 e 22 de janeiro de 2010, primeira etapa do Estágio Probatório;

✓ Entre 23 de janeiro de 2010 e 22 de janeiro de 2011, segunda etapa do Estágio Probatório e a Progressão Horizontal de Professora Adjunto nível I para Adjunto nível II;

✓ Entre 23 de janeiro de 2011 e 22 de julho de 2011, terceira etapa do Estágio Probatório;

✓ Entre 23 de janeiro de 2011 e 22 de janeiro de 2013, Progressão Horizontal de Professora Adjunto nível II para Adjunto, nível III;

✓ Entre 23 de janeiro de 2013 e 22 de janeiro de 2015, Progressão Horizontal de Professora Adjunto nível III para Adjunto, nível IV;

✓ Entre 23 de janeiro de 2015 e 21 de janeiro de 2017, Promoção da Classe C, Adjunto nível IV, para a Classe D Associado, nível I;

✓ Entre 23 de janeiro de 2017 e 22 de janeiro de 2019, Progressão de Professora Associado D, nível I, para Professora Associada D, nível II;

✓ Entre 23 de janeiro de 2019 e 22 de janeiro de 2021, Progressão de Professora Associado D, nível II, para Professora Associado D, nível III;

✓ Entre 23 de janeiro de 2021 e 22 de janeiro de 2023, progressão de Professora Associado D, nível III, para Professora Associado D, nível IV.

Progredimos na carreira, como sabemos, quando preenchemos os quesitos em ensino, pesquisa, gestão, extensão e diversas outras atividades acadêmicas, que vamos realizando ao longo dos anos. As atividades de ensino nos permitem fazer pontes com

nossos objetos de pesquisa, grupos de estudos e, portanto, a orientação de discentes, tanto na graduação, como na pós-graduação, dão alma e sentido às nossas ideias.

Sobre essas orientações, que foram, de certa forma, geradas a partir das disciplinas ministradas, é o que trato a seguir.

III a. Atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação, mestrado e doutorado

Ensino

Na Universidade Federal de Uberlândia, durante os 15 anos de atuação, ministrei onze disciplinas na graduação e seis na Pós-graduação, sendo quatro no Mestrado e Doutorado Acadêmico e duas no Mestrado Profissional.

Foram as disciplinas, na aprendizagem junto com os(as) alunos(as), que me constituíram professora de Ensino Superior, compreendendo que eu era, acima de tudo, uma incentivadora de futuros novos colegas da área de História, nos seus estudos voltados para a formação profissional.

Entre os anos de 2009 e 2024, na Graduação, ministrei regularmente as disciplinas de Estágio Supervisionado. Por vezes era Estágio Supervisionado III (2009 e 2023); Estágio Supervisionado IV (2009, 2011, 2013, 2014, 2018, 2019, 2023 e 2024) e Estágio Supervisionado V (2010, 2012 e 2013).

Também ministrei disciplinas ligadas à História do Brasil: Tópicos Especiais II em História do Brasil (2009); História do Brasil I, ou Brasil Colonial (2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016, 2018, 2020); História da América portuguesa (2021); História Econômica e Social do Brasil (2011); História Econômica Política e Social (2016 e 2017).

Ministrei ainda, fora do eixo das práticas de Ensino de História ou da História do Brasil, as disciplinas de História das Sociedades Monoteístas: Cristianismo e Islamismo (2015 e 2017), Leitura e produção de texto em História (2019, 2020 e 2021) e Direitos Humanos, Educação e Democracia (2022).

Na pós-graduação, em nível de Mestrado Acadêmico, as disciplinas ministradas foram Seminário de Pesquisa em Política e Imaginário (2012); Estudos Alternativos em Política e Imaginário (2015 e 2018), enquanto em nível de Doutorado Acadêmico, as disciplinas foram Seminário de Tese I (2016), Seminário de Tese II (2018).

No ProfHistória, Mestrado Profissional em Ensino de História, as disciplinas foram Cidade, patrimônio urbano e ensino de História (2022) e Seminário de Pesquisa (2023).

Dedicar-me por tanto tempo às disciplinas de Estágio Supervisionado, quase que pela totalidade dos 15 anos de UFU intercalados por vezes com outras disciplinas, permitiu que as leituras para a preparação das aulas, as pesquisas bibliográficas e a elaboração dos planos de ensino fossem pontes para a pesquisa (ver *itens III b.* e *III c.* deste Memorial), como também para as atividades de extensão (ver *item III d.* deste Memorial).

Mas não apenas as questões do ensino de História e de suas metodologias me formaram. A disciplina de Brasil Colonial deu seguimento às minhas pesquisas realizadas durante o Doutorado (ver *capítulo V* deste Memorial), pois os séculos XVIII e XIX da América portuguesa, e a sociedade imersa nos princípios morais, políticos, éticos da religião, eram meus focos privilegiados de observação.

As temáticas abordadas em minha Tese de Doutorado – religião, representações da morte, devoção católica, irmandades religiosas – foram também temas em que os(as) discentes encontraram interesse e apoio para seguirem com suas pesquisas, passando por IC, ou monografias, Dissertações de Mestrado até Tese de Doutorado. Foi esse o caso em particular (mas não o único) de Renato Rodrigues Farofa, que foi meu orientando de IC e de Mestrado Acadêmico na UFU e depois se doutorou em 2024 na UFPEL, pesquisando a morte e os processos urbanos de constituição cemiteriais desde 2014.

Enquanto na Iniciação Científica, em 2014, trabalhou no projeto “A construção de um cemitério em Uberabinha, Minas Gerais. Ideais e discursos dissonantes para a nova necrópole, 1919-1928”. No Mestrado, defendeu, em 2016, a Dissertação “Para os vivos e para os mortos ... transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia (1898-1955)”, e, no Doutorado, em 2024, a Tese “‘Nosso cemitério deve ser um Campo de Deus’: comunidade, morte e administração cemiterial. Sínodo de Missouri/IELB (Sul do Rio Grande do Sul, 1900- 1968)”, defendida em outubro, sob a orientação do colega Mauro Dillmann. Testemunhar a trajetória de alunos e alunas, e reconhecer a nossa influência nas suas escolhas é gratificante.

Sempre me senti realizada quando discentes me procuravam para pedir orientação em suas monografias (ou TCCs) e dissertações, ou ainda se interessavam em se inscrever nos grupos de pesquisa que eu coordenava.

Se na graduação estive imersa nas leituras sobre Ensino de História, na pós-graduação me dedicava a estudos voltados à intersecção entre Religião e História. No PPGHI, credenciei-me na Linha de Pesquisa Política e Imaginário, em setembro de 2011, com o projeto de pesquisa “Práticas de devoção católica e vida religiosa no extremo oeste

de Minas Gerais (século XVIII)”, que estava vinculado ao projeto “Religião, Natureza e Costumes: gestos, saberes e discursos na América portuguesa (século XVIII)”, sob a coordenação do colega Guilherme Amaral Luz. Passei a ministrar disciplinas a partir de 2012, até 2019, quando pedi o descredenciamento para me dedicar apenas ao ProfHistória.

A Linha de Pesquisa nesta época era coordenada pela Profa. Josianne Cerasoli e tinha também como integrantes os colegas: Antônio Almeida, Christina da Silva Roquette Lopreato, Guilherme Amaral Luz, Jacy Alves de Seixas, Jean Luiz Neves Abreu, Joana Luiza Muylaert de Araújo, João Marcos Alem, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro e Regma Maria dos Santos. Em anos posteriores vieram se somar à Linha Política e Imaginário os colegas Amon Santos Pinho, Gilberto César de Noronha, Maria Andréa Angelotti Carmo e Jorgetânia da Silva Ferreira.

A todos estes colegas, agradeço muito os ótimos encontros para debates reflexivos e conversas acolhedoras. A Linha de Pesquisa Política e Imaginário era um espaço, o nosso reduto, onde resistimos à mentalidade produtivista que tomou conta da pós-graduação brasileira. Era no nosso “habitar o tempo lento”, contra a opressão dos resultados quantitativos.

A Linha foi extinta em 2019, com a reforma da Pós-Graduação do INHIS, e fundiu-se com outras Linhas para que o Programa pudesse constituir as suas novas Linhas de Pesquisa no novo Programa.

Na pós-graduação, Mestrado e Doutorado Acadêmico do INHIS, também pude contribuir na gestão administrativa. Além da participar de muitas comissões (de bolsas, de relatórios discentes, de análise de credenciamentos, de seleção de ingressos, de reestruturação do programa, entre outras) também fui membra do Colegiado e coordenadora da Linha de Pesquisa Política e Imaginário por duas gestões, entre 2013-2015 e 2018-2019.

No Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) credenciei-me na Linha de Pesquisa Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória em 2020, com o projeto de pesquisa “Guia histórico e analítico de verbetes sobre a morte e o morrer nos imaginários sociais dos séculos XIII ao XVIII”. As disciplinas ministradas entre 2022 e 2023, Cidade, patrimônio urbano e ensino de História e Seminário de Pesquisa, convergiam com meus interesses de pesquisa.

Nesta Linha de Pesquisa tive o imenso prazer de compartilhar bancas e profícuos diálogos com os colegas do ProfHistória, Gilberto César de Noronha, Maria Andréa

Angelotti Carmo, Ivete Batista da Silva Almeida, Amon Santos Pinho, Newton Dângelo, Guilherme Amaral Luz, Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Daniela Magalhães da Silveira, Patrícia Emanuelle Nascimento, Sauloéber Tarsio de Souza, Wellington Amarante Oliveira e Jean Luiz Neves Abreu.

Quando temos a oportunidade de combinar ensino, pesquisa e orientação, como foi o meu caso, as progressões na carreira ganham sentido e deixam de ser mero acúmulo de pontos para preenchimento de tabelas administrativas, trabalhosas e nada atrativas.

Orientações

Em quinze anos, foram concluídas as orientações de uma Tese de Doutorado, dez Dissertações de Mestrado Acadêmico, duas de Mestrado Profissional, vinte e sete TCCs, trinta e oito de Iniciação Científica e nove de orientações a alunos(as) nos projetos de extensão e/ou projetos de ensino de graduação.

Em andamento, com defesa prevista para abril de 2025, tenho uma orientação de Dissertação de Mestrado do ProfHistória na UFSM.

Ao fazer aqui no Memorial esse esforço de memória e levantar os nomes e os temas em que os(as) discentes se inseriram, ou mesmo criaram e produziram, percebo que tive a oportunidade de concentrar, convergir e consolidar um campo de pesquisa.

As orientações, os(as) discentes, os seus projetos e os colegas das bancas examinadoras – a quem agradeço muitíssimo – estão listadas abaixo que para que os(as) leitores(as) possam ter uma ideia tanto da criatividade desses(as) alunos(as), como da potencialidade que temos no campo de estudos sobre o Ensino de História e do fenômeno religioso.

Orientações concluídas:

Tese

Robert Mori. Mundos em Transformação: os Jê e os luso-brasileiros nos sertões da América portuguesa - século XVIII. 2020. Tese (Doutorado em História). Banca: Marcel Mano (UFU), Guilherme Amaral Luz (UFU), Robson Antônio Rodrigues (UFU), Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS) e Odair Giraldin (UFT).

Dissertações de mestrado profissional

Marcus Dias Gimenes. Ferramentas didáticas para o(a) professor(a) designado(a) de Minas Gerais. Ensino de História, Mundos do Trabalho e Patrimônio Cultural em Uberlândia. 2024. Banca: Cristiano Nicolini (UFG) e Jean Neves Abreu (UFU).

Núbia Tortelli Mendonça. Práticas pedagógicas que dão voz ao protagonismo estudantil: ressignificando o processo de ensino-aprendizagem em História nos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) em uma escola de Uberlândia/MG. 2022. Banca: Elaine Lourenço (UNIFESP) e Maria Andréa Angelotti Carmo (UFU).

Dissertações de mestrado acadêmico

Maria Helena Raimundo. Nas margens da fé: a Umbanda e o Candomblé e seus enfrentamentos contra a violência e a discriminação de práticas sociais afro-brasileiras, em Uberlândia/MG (1980-2000). 2020. Banca: Luiz Carmo (UFCAT) e Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior (UFU).

Aníssa Verônica Santos Felippini. “Razões finais”: a disputa entre Rodrigo Pereira Barretto e o Convento Nossa Senhora Do Carmo. 2020. Banca: Josianne Cerasoli (UNICAMP) e Gustavo de Souza Oliveira (UFU).

Wellington Barros de Andrade. O Operário em construção: a imprensa operária em Sorocaba: 1909-1913. 2018. Banca: Leandra Domingues Silverio (UFTM) e Antônio Almeida (UFU).

Renato Rodrigues Farofa. Para os vivos e para os mortos ... transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia (1898-1955). 2016. Banca: Mauro Dillmann (FURG) e Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior (UFU).

João Augusto Neves Pires. Cultura Funk e subjetividades consumistas: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras (1990-2014). 2016. Banca: José Roberto Zan (UNICAMP), Mônica Brincalepe Campo (UFU) e Antônio Almeida (UFU).

Beatriz Eugênio Maia. Humor e morte nos quadrinhos e charges da Internet. 2016. Banca: Márcia Pereira Santos (UFG) e Ana Paula Spini (UFU).

Pablo Henrique Costa Santos. A Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa): entre rupturas e continuidades, a criação de um novo ascetismo - São Paulo, 1954-1970. 2016. Banca: Eliane Moura Silva (UNICAMP) e Mariana Magalhães Pinto Côrtes (UFU).

Durval Saturnino Cardoso de Paula. Catolicismo, Poder e Controles no Oriente português (1557-1581): a ação de Dom Gaspar de Leão, primeiro bispo de Goa. 2015. Banca: Célia Cristina da Silva Tavares (UERJ) e Guilherme Amaral Luz (UFU).

Michel Ângelo Abadio de Oliveira. Movimento de Renovação Carismática Católica: História, Juventude e Representações. Uberlândia, 1977-2014. 2014. Banca: Rodrigo Coppe Caldeira (PUCMinas) e Antônio Almeida (UFU).

Adriana Simões Monteiro Maciel. História, catequese e gênero: uma abordagem dos sentidos de família, maternidade e mulher em discursos da Igreja Católica (Uberlândia, 1978-1980). 2014. Banca: Sandra Duarte de Souza (Universidade Metodista de São Paulo) e Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro (UFU).

TCCs ou Monografias

Larissa Matos Silva. "A alma que pecar, essa morrerá". A Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil: da ascensão do bolsonarismo à pandemia da Covid 19 (2018-2022). 2024.

Giovanna Lopes de Carvalho. Mídias e representações da morte. Comparações entre o Brasil e o México do século XX. 2023.

Antônio Edicarlos Mota Teixeira. Políticas da morte. O governo federal e o poder municipal de Uberlândia/MG, diante da Covid-19 (2020-2021). 2022.

Vanessa Ramos Silva. A festa em louvor à Nossa Senhora da Abadia, em Romaria, Minas Gerais: entre o sagrado e o profano (2017-2019). 2020.

Gabriella Carvalho Motta. Iluminuras nos Livros de Horas do século XIV: sobre os tons, a instrumentalização e a representação da Santíssima Trindade nas produções imagéticas. 2020.

Marcus Dias Gimenes. Religião e cultura em movimento: o matrimônio nas igrejas pentecostais de Uberlândia (1990-2010). 2018.

Valda Delia Teixeira de Almeida. O Espiritismo em Uberlândia. 2017.

Edsolanja Lemes. A desumanização de uma fé e de uma cultura: mitos formados pela cinegrafia estadunidense ao islamismo. 2017.

Maria Clara Costa. Por que será que não vingam aqui os cyprestes? Reflexões em torno da memória, do progresso e da saudade em Uberabinha de 1920. 2016.

Beatriz Eugênio Maia. Morte e Vida na perspectiva neopentecostal. Uma abordagem possível sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (2010-2015). 2015.

Darliene Borges dos Santos. Pedagogia da escola espírita. 2015.

Fabiana Silva Barros. Irmandades religiosas da Vila de Paracatu no século XVIII. 2015.

Jaryssa Bonaci. "As mulheres Promessistas". 2015.

Luciane de Araújo Santos. Ritos fúnebres e secularização: morte na contemporaneidade. 2015.

Leonilda Maria Cardoso Martins. Estado laico e ensino religioso nas escolas públicas: entre os discursos da lei e as práticas de ensino. 1996-2014. 2014.

Kélen Aparecida Vieira. www.atea.org (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos). Ateísmo, identidades culturais e não religiosas na sociedade contemporânea. 2014.

Saulo Ribeiro dos Santos. O jornal Folha Universal e sua influência na Igreja Universal do Reino de Deus no ano 2010. 2013.

Melise Batista Silva. Reforma cemiterial e gestão do espaço urbano em Uberlândia no século XX. 2013.

Cristiane Teixeira Menezes. O Diaconato Permanente na Igreja Católica em Uberlândia (1962/2010). 2013.

Isanete Aparecida. O Encontro de Foliões na cidade de Romaria no Estado de Minas Gerais. 2013.

José Carlos da Silva. A doutrina da prosperidade e a Igreja Mundial do Poder de Deus. 2012.

Durval Saturnino Cardoso de Paula. Entre o prescrito e o vivido: dimensões políticas e religiosas do governo português no sertão oeste mineiro. Séculos XVIII e XIX. 2012.

Anázia Aparecida de Carvalho. A doutrina social da Igreja Católica e a “salvação” para o dependente químico: a Fundação Frei Antonino Puglisi em Uberlândia (1994-2010). 2011.

Michel Ângelo Abadio de Oliveira. Religião e Contemporaneidade: a Renovação Carismática Católica em Uberlândia (2009-2011). 2011.

Adriana Simões Monteiro Maciel. Marias, Madalenas e Evas. Representações para a pureza, o pecado e a desobediência da mulher no poema bíblico Cântico dos Cânticos. Uma leitura possível. 2011.

Cláudia Pereira de Oliveira. História, Ensino e Teatro: uma experiência pedagógica na Educação Infantil em Uberlândia. Século XX. 2010.

Jonnathan Monteiro Margoliner. A Encíclica Mater et Magistra (1961) como leitura de uma época: o século XX e as questões sociais. 2009.

Iniciação Científica

Ana Clara Lucas Crosara Gustin e Gustavo Henrique de Freitas Coelho. Proposições Pedagógicas para temas sensíveis - a história da morte na Educação Básica. 2023.

Vinicius Roesler Pereira. “Jesus Te Ama”: A população LGBTQI+ entre o enfrentamento político e o acolhimento religioso nas congregações Neopentecostais no Brasil (1980-2020). 2021.

Giovanna Gessi, Gabriella Carvalho Motta, Antônio Edicarlos Mota Teixeira e Lorena Gabrielle. A história da morte na Educação Básica Guia didático de verbetes sobre a morte e o morrer, séculos XIII-XVIII. 2020.

Gabriella Carvalho Motta. Guia histórico e analítico de verbetes sobre a morte e o morrer nos imaginários sociais dos séculos XIII ao XVIII. 2019.

Marcus Dias Gimenes. Religião e cultura em movimento: o matrimônio nas igrejas pentecostais de Uberlândia (1990-2010). 2018.

Guilherme Mininel da Silva. Revista M. nas redes sociais: compartilhando a produção acadêmica. 2018.

Marcus Dias Gimenes e Nilva Ambrósio de Souza. Revista M. nas redes sociais: compartilhamento de produção acadêmica. 2017.

Beatriz Eugênio Maia e Lucas Prazeres Lamboia. Ensino e Aprendizagem nos Espaços do Laboratório de História da UFU. 2016.

Daniel Pinto Rosa. Os cultos fúnebres e as representações da morte entre os presbiterianos: A Igreja Presbiteriana de Uberlândia. 1926-1997. 2016.

Lorraine Dionísio, Beatriz Maia e Maria Fernanda Ribeiro Cunha. Revista M. em rede. 2016.

Maria Fernanda Ribeiro Cunha. Ensino e Aprendizagem nos Espaços do Laboratório de História da UFU. 2015.

Lucas Prazeres Lamboia. LEAH: espaço de interação entre ensino, pesquisa e extensão. 2015.

Maria Clara Costa Pereira. Reflexões sobre a “crise da saudade, no mercado das emoções” em Uberabinha nos primeiros anos da década de 1920. 2015.

Ana Terra Castro Lima e Jahde Ferreira Mendes Lopes. Vida urbana e morte cristã. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980). 2015. PIBIC Ensino Médio.

Maria Clara Costa. Viver a morte: análise dos rituais fúnebres católicos de Uberlândia nos séculos XIX e XX. 2014

Luciane de Araújo Santos. Ritos Fúnebres e Secularização: Morte na contemporaneidade. 2014.

Beatriz Maia e Yasmin Louise Nogueira Moura. Vida urbana e morte cristã. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980). 2014.

Jaqueline Peixoto Vieira da Silva e Daniel Pinto Rosa. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH). Espaço de interação entre ensino, pesquisa e extensão. 2014.

Maíza Tuisse e Lilian Carvalho de Miranda. Nas Mãos, o Berimbau: Cultura, História e Arte como prática da liberdade. 2014.

Renato Rodrigues Farofa. A construção de um cemitério em Uberabinha, Minas Gerais Ideais e discursos dissonantes para a nova necrópole, 1919-1928. 2014.

Nilva Ambrósio Souza e Edvânia Araújo. Ensino, Aprendizagem, Pesquisa: o LEAH como o espaço da experiência. 2013.

Renato Rodrigues Farofa. Lugares de memória e de esquecimento: Os cemitérios e o culto ao progresso em Uberlândia no século XX (1920-1980). 2013.

Durval Saturnino Cardoso de Paula. Festas católicas, práticas de devoção e diretrizes eclesiais no Oeste de Minas Gerais. Séculos XVIII e XIX. 2011.

Jéssica Honório de Oliveira Silva. Vivências religiosas no Oeste mineiro do século XVIII: o poder eclesiástico e as irmandades de negros. 2011.

Orientações de outra natureza

Lilian Carvalho de Miranda. Programa de Formação Continuada com Professores da Educação Básica - Eixo 1: Culturas e Linguagens/ PROEX. 2013.

Rosemary Ribeiro e Paula Cecília Borges. Experiências de ensino e aprendizagem em História nos espaços do LEAH. 2011 e 2012.

Ana Gabriela da Silva e Moisés Nascimento. Práticas de pesquisa e ensino de História; produção e circulação de saberes. 2011.

Jéssica Honório de Oliveira Silva e Driele Silva Honorato. Africanos, indígenas e a reinvenção das sociedades na América Portuguesa: mundos em movimento, transitoriedade e redes de interação. 2011.

Passam de sessenta os(as) alunos(as) a quem agradecer. Como são também muitos e muitas colegas docentes que colaboram para que as orientações alcançassem sucesso. Só foi possível chegar até aqui porque estive bem acompanhada. Eu não ando só.

III b. Participação em Grupos de Estudos, Laboratório de Ensino, Núcleos e Grupos de Pesquisa.

Leituras, Discussões, Pesquisas, Encontros

Minha trajetória de pesquisa na UFU foi marcada pelo espírito de compartilhamento com docentes e discentes. E eu sempre tive a sorte do retorno para essas minhas iniciativas. Muitos(as) colegas e alunos(as) estiveram comigo em grupos de estudos que organizei para leitura, boas conversas, reflexões profundas e filosóficas. Nossos temas eram, e são, a vida humana, as concepções da finitude, as culturas religiosas

em diferentes tempos, a história de temas tabus como o das representações da morte ao longo da História, as religiosidades populares, a religião institucional. Os temas ligados ao Ensino de História tinham espaço nos inúmeros projetos de pesquisa, contemplados com bolsas da PROGRAD e PIBIC, para estudantes colaboradores do LEAH, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, ou ainda os não vinculados ao Laboratório.

Entre os grupos de estudos, que se ligavam a projetos de pesquisa submetidos às agências de fomento (ver seção *Projetos de Pesquisa* deste Memorial) tive a alegria e orgulho de ter organizado três grandes grupos de estudos. O primeiro deles, “*História e Representações da Morte e do Morrer*”, reuniu alunos(as) interessados(as) em participar do Projeto “*A história da morte chega à Educação Básica. Guia didático e analítico de verbetes sobre a morte e o morrer nos imaginários sociais dos séculos XIII ao XVIII*”, com vigência, entre março de 2020 e março de 2022.

Foi este projeto e as discussões suscitadas por ele que tiveram como resultado uma das iniciativas que mais me orgulho: a junção entre meus dois campos de pesquisa. Demorei tanto a perceber e a conceber a ligação entre ensino de História – dos estágios Supervisionados e do ProfHistória – com as pesquisas sobre a morte e o morrer que, quando esta ligação ficou evidente ela se estabeleceu na materialização do *Guia didático*⁵. Eu não consegui acreditar o quão simples ela é. Às vezes as coisas mais simples são as mais surpreendentes e quando são descobertas, ou criadas, nos parecem extraordinárias, pois nos fazem sentir completos(as) e realizados(as). Sobre o *Guia didático*, que me trouxe muito dessa sensação, tratarei mais adiante.

O Grupo de Estudos “*História e Representações da Morte e do Morrer*” deu muitos frutos. Discentes que participaram dele transformaram seus interesses de pesquisa em monografias, como foi o caso de *Larissa Matos Silva, Giovanna Lopes de Carvalho, Antônio Edicarlos Mota Teixeira, Gabriella Carvalho Motta e Marcus Dias Gimenes*.

O outro grupo de leitura, discussão e pesquisa do qual também me orgulho, criado em plena pandemia da Covid, foi o “*História e Religião: problemas, abordagens, objetos*”, criado no ano de 2021, com encontros *online*, via Google Meet, cujo objetivo era dar a conhecer leituras que abordassem tanto questões teóricas e metodológicas, quanto as que envolvessem a escolha dos objetos de pesquisa no campo de intersecção

⁵ NASCIMENTO, Mara Regina do; DILLMANN, Mauro. (Org.). *Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer*. 1. ed. Porto Alegre: Casalettras, 2022. v. 1. 428p.

entre a História e a Religião. Voltado a agregar alunos(as) da graduação, buscava incentivá-los a propor projetos de pesquisa próprios.

As leituras eram sempre descobertas entusiasmadas por parte dos(as) alunos(as). Lembro da alegria deles(as) ao lerem João José Reis, Philippe Ariès, José Carlos Rodrigues, Nobert Elias, Achille Mbembe, Marcel Mauss, Émile Durkheim entre outros(as) teóricos que trouxe comigo desde o meu Doutorado. Deste Grupo de Pesquisa frutificaram monografias como a de *Jaqueline Peixoto Vieira da Silva*, *Beatriz Eugênio Maia*, *Antônio Edicarlos Mota Teixeira*, ou parceria em publicações como a de *Vinicius Roesler Pereira*.

O terceiro Grupo de Estudos, e mais antigo que esses mencionados, um dos meus primeiros na UFU, foi em companhia de Guilherme e Jean, colegas que sempre estiveram junto comigo em diversos momentos de pesquisas. O projeto “*Religião, Natureza e Costumes: gestos, saberes e discursos na América portuguesa (século XVIII)*”, coordenado por Guilherme entre 2010 e 2012, teve financiamento do CNPq, oportunizou bolsas e ajudou a criar um grupo de estudos e leituras com muitos estudantes, além de uma publicação importante, o livro *Ordem Crítica*, de 2013, que citarei mais adiante. Foi por meio deste Grupo que se abriram oportunidades de bolsas de estudos para os(as) discentes *Jéssica Honório de Oliveira Silva*, *Driele Silva Honorato* e *Durval Saturnino Cardoso de Paula*, esse querido companheiro de muitas outras jornadas acadêmicas e hoje professor doutor pela Faced/UFU.

No LEAH, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, foi que organizei por cinco anos os mais frutíferos Grupos de Estudos e de Pesquisas. Como coordenadora do Laboratório, que fui entre 2011 e 2015, posso afirmar que, graças a esses grupos, o espaço ganhou vitalidade. Foram conjuntos de alunos(as) bolsistas e voluntários (as) que deram gás ao Laboratório, um espaço que estava desativado quando ingressei na UFU em 2009.

O Grupo de Estudos “*Memória, Ensino de História e Novas Tecnologias*”, criado em 2010, coordenado por mim e compartilhado com docentes que passaram a desenvolver seus projetos dentro do Laboratório, era o guarda-chuva que abrigava os projetos que concorriam aos Editais da PROGRAD da UFU. Não me recordo de ter tido algum projeto recusado. Éramos contemplados(as) em todas as edições do Edital “*Programa Bolsas de Graduação - DIREN/ PROGRAD*, subprograma: *Apoio aos Laboratórios de Ensino*”.

Projetos como: “*Práticas de pesquisa e ensino de História; produção e circulação de saberes*” (2011); “*Experiências de ensino e aprendizagem em História nos espaços do*

LEAH” (2013); “*Ensino, Aprendizagem, Pesquisa: o LEAH como o espaço da experiência*” (2014); “*O Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH). Espaço de interação entre ensino, pesquisa e extensão*” (2015); “*Ensino e Aprendizagem nos Espaços do Laboratório de História da UFU*” (2016) são exemplos da vitalidade do laboratório, da força que ganhamos quando nos reunimos, e da necessidade de formarmos grupos para compartilhamento de saberes e experiências.

Foram muitos(as) estudantes contemplados(as) com bolsa, ou voluntários(as), dos Projetos de Ensino, como Moisés Nascimento, Paula Cecília Borges, Ana Gabriela da Silva, Rosemary Ribeiro, Nilva Ambrósio de Souza, Cássia Abadia da Silva, Larissa Macedo Garcia, Pedro Ferreira Oliveira, Edvânia Maria Soares de Araújo, Ana Maria Bertolino, Mirela Bansi Machado, Daniel Pinto Rosa, Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, Fabiana Barros, Isabelle Dias, Jeane Machado Ribeiro Ganda, Lucas Prazeres Lamboia.

Alguns deles ou delas se tornaram doutores(as) pelo PPGHI-UFU, como Cássia Abadia da Silva, outras, formaram-se mestras, como Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, Ana Maria Bertolino e Mirela Bansi Machado, ou ainda foram autoras de monografias que tiveram suas origens nas reflexões do Grupo de Estudos, como Fabiana Barros e Rosemary Ribeiro.

Rosemary Ribeiro, nossa querida Rosy, era a alma e o coração do LEAH. Muito a agradecer pelo seu empenho e dedicação ao Laboratório.

Nesses encontros, além de cuidarmos da manutenção do Laboratório e da divulgação de suas ações, cuidávamos de refletir e discutir sobre o Ensino de História. Nos encontramos nas leituras de autores(as) preciosos(as), como Martha Abreu; Rachel Soihet; Manoel Luiz Salgado Guimarães; Rebeca Gontijo; Marcelo Magalhães; Helenice Aparecida Bastos Rocha; Flávia Eloisa Caimi; Durval Muniz de Albuquerque Júnior; Carla Bassanezi Pinsky; Tania Regina de Luca; Circe Maria Fernandes Bitencourt; Giorgio Agamben; François Hartog; Jacques Le Goff; Kazumi Munakata; Reinhart Koselleck, entre tantos.

Alguns deles, eu nem imaginava, tornar-se-iam em 2023 meus colegas de CAN (Comissão Acadêmica Nacional do ProfHistória), como Marcelo Magalhães e Helenice Rocha.

Se, internamente, por um lado eu me movia e me organizava para criar e participar desses Grupos de Estudos ligados a projetos aprovados em Editais PROGRAD, ou financiados pelo CNPq, por outro eu participava como pesquisadora (e continuo a participar) de Grupos de Pesquisa interinstitucionais, como o “*Imagens da Morte: a morte*

e o morrer no mundo ibero-americano (UNIRIO)”, o “NEPHISPO-Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política” (UFU) e o mais recente, com ingresso em 2024, “Escravidão e Mestiçagens: poderes, povos, lugares e trânsitos culturais no Novo Mundo” (UESB), liderado pela colega Isnara Pereira Ivo, a quem agradeço o convite.

No “*Imagens da Morte*”, que sou integrante desde 2014, minha contribuição se dá na Linha de Pesquisa “Práticas e representações sobre a morte, o morrer e o além-túmulo”, cujos objetivos são: “Enfoques sobre as atitudes e concepções diante da morte, nas diferentes sociedades e culturas, ao longo do tempo, enfocando as tradições e transformações de: rituais e cerimônias funerárias, costumes fúnebres, práticas de sepultamento, escatologia e visões sobre o além-túmulo, concepções sobre a morte e o morrer, aspectos demográficos e sociológicos, etc.” (texto de acordo com a página do Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil). O “*Imagens da Morte*” já organizou nove congressos internacionais e o mais recente aconteceu em Lima, Peru, entre 18 e 24 de novembro de 2024. Participei ativamente do VII Congresso Internacional Imagens da Morte, em São Paulo, entre 23-26 de julho de 2016, como uma das organizadoras e apresentadora de comunicação.

O Grupo “*Imagens da Morte*” tem me proporcionado manter contato com inúmeros pesquisadores(as) nacionais e internacionais, além de ter permitido que alguns(as) desses(as) também conhecessem meu trabalho e de meus orientandos. Foi assim me senti no “VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais”- “Cemitérios como Patrimônio. Conceitos, métodos, abordagens”, acontecido no Rio de Janeiro, entre 20 e 23 de julho de 2015, quando levei quatro dos meus cinco alunos(as) PIBIC comigo. Uma viagem inesquecível para eles(as). Renato Rodrigues Farofa, Maria Clara Costa Pereira, Beatriz Eugênio Maia, Luciane de Araújo Santos. Todos(as) apresentaram seus projetos de pesquisa, projetos estes abrigados no Projeto-matriz “*Vida urbana e morte cristã: cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios. Triângulo Mineiro (1810-1980)*”, financiado pela FAPEMIG, contemplado no Edital Universal de 2013.



Figura 7- Nós no aeroporto de Uberlândia chegando do Rio de Janeiro em 2015, felizes com a participação no evento. Quem disse que a academia não pode representar felicidade também? Isadora sempre incluída.

Fonte: a autora

Agradeço a Claudia Rodrigues o convite em participar do Grupo de Pesquisa “Imagens da Morte”.

O Grupo de Pesquisa “NEPHISPO-Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política” (UFU), liderado pelo querido colega de muitas jornadas acadêmicas Gilberto César de Noronha, é, sem dúvida, aquele pelo qual guardo mais afeto. Foi pelo NEPHISPO que tive os encontros, chamados *Seminários do NEPHISPO*, mais ricos em reflexão e pensamento criativo. Esse Núcleo era formado por pesquisadores(as) e docentes da Linha de Pesquisa do PPGHI, Política e Imaginário, mas também por colaboradores(as) estrangeiros(as) e de outras instituições nacionais. Os *Seminários do NEPHISPO* tiveram, na minha vivência na UFU, sua maior vitalidade entre os anos de 2016 e 2020, embora o Núcleo já tivesse em atuação muito antes do meu ingresso na universidade.

De acordo com a página do CNPq de Diretório de Grupos de Pesquisa, o NEPHISPO: “Criado em 1994, aborda as relações de poder tecidas entre razão, sensibilidade e paixões na redefinição do campo político. Abre-se para temáticas, linguagens, temporalidades, territorialidades variadas no campo da pesquisa e do ensino de história que problematizam as relações de poder que instituem a sociedade contemporânea. Congrega pesquisadores(as) interessados(as) nas relações entre memória e esquecimento, história e historiografia, aos processos de (re)produção do saber e do

exercício do poder. Promove discussões políticas do fenômeno social do lembrar cujos contornos podem envolver traumas, opressões, violências, resistências, comemorações, reivindicações, reelaborações do passado, com expectativas e interesses diversos interpelando quem, quando, onde, como, por que e para que lembrar/esquecer. Questões contemporâneas urgentes reconfiguradas pelas novas tecnologias, quando a história, cativa da memória, ainda uma vez tem seus estatutos de verdade questionados”.

No *NEPHISPO*, faço parte da Linha Espaço, Cultura e Poder, que “propõe-se a investigar as práticas sociais que forjam identidades, alteridades, territórios, espacialidades, as diversas formas de (des)territorialização dos sujeitos sociais. Abre-se para recortes temáticos e espaciais específicos como a história do cotidiano, questões regionais, personagens, grupos e localidades memórias e histórias de vida, patrimônios; os conflitos e processos de negociação; as migrações, o mundo do trabalho; a escravidão e os processos de emancipação etc” (página do CNPq – Diretório de Grupos de Pesquisa).

Nos encontros do *NEPHISPO* para debates, colóquios, palestras e conversas tive a feliz companhia de Jacy Alves de Seixas, Josianne Cerasoli, Antônio Almeida, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, Gilberto César de Noronha, Joana Luiza Muylaert de Araújo e Regma Maria dos Santos. Sou muito agradecida a esses(as) colegas pelos bons momentos de sensibilidade e reflexão.



Figura 8 - Um dos Seminários do NEPHISPO. A alegria dos encontros. Em 2014, Mauro Passos esteve na UFU para o lançamento de nosso livro em co-autoria.. Fonte: a autora

CRONOGRAMA DOS SEMINÁRIOS DO NEPHISPO

2º SEMESTRE DE 2016

Às quartas-feiras, 19 horas

In(ter)venções Contemporâneas: *Quid pro quo*

24/08/2016 – In(ter)venção 1 – Jacy Alves de Seixas

Solidão e isolamento: o *quid* da modernidade

Monólogo de Godard: <https://www.youtube.com/watch?v=RLMEcxdMew>

Texto de apoio: ARENDT, Hannah. Sobre a natureza do totalitarismo: uma tentativa de compreensão. In: _____. *Compreender*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008. p. 347-380. (Texto na Pasta do Nephispo – Ideal Copiadora)

Local: bloco H, Sala 1H48

Horário: 19 horas

21/09/2016 – In(ter)venção 2 – Mara Regina do Nascimento

Entre Nós, o Eu e a Totalidade: o *quid* da subjetividade.

Texto de apoio: LÉVINAS, Emmanuel. O eu e a totalidade. In: [*Entre nós: ensaio sobre a alteridade*](#). Petrópolis: Vozes, 1997. p. 34-65.

Local: bloco H, Sala 1H48

Horário: 19 horas

19/10/2016 – Brasil, país do futuro: políticas de esquecimento e imagens identitárias da denegação

Texto em discussão: SEIXAS, Jacy. Brasil, país do futuro: políticas de esquecimento e imagens identitárias da denegação. *Impulso*, Piracicaba. n. 25(64), 161-178, set-dez, p. 161-178. Disponível em www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewArticle/2835

Local: bloco H, Sala 1H48

Horário: 19 horas

23/11/2016 – “Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano” (Título Provisório)

Convidada: Cláudia Rodrigues (UNIRIO)

Texto de discussão ou texto de apoio (A definir)

29/11/2016 - Conexões asiáticas e espiritualidades modernas em perspectiva global.

Atividades: Palestra com a professora Eliane Moura (IFCH/UNICAMP).

Comunicações: Professores Amon Pinho, Fabrício Pinto Monteiro, Guilherme Amaral Luz e Jacy Alves de Seixas.

Apresentação do projeto de extensão “Kung Fu: interfaces entre artes marciais e ensino e aprendizagem em humanidades” e da proposta do Programa de Extensão: “Interfaces entre artes marciais e ensino e aprendizagem em humanidades” – Guilherme Amaral Luz.

Local: Auditório do 5º A e B (7 às 23h)

Demonstrações de Artes Marciais.

Local: Saguão do Bloco 5ºB

Figura 9 - Em 2016 eu tive a ousadia de discutir o incomparável, complexo e incrível filósofo Emmanuel Lévinas nos Seminários do NEPHISPO. Hoje em dia não teria a coragem de fazê-lo novamente. Fonte: a autora



SEMINÁRIOS DO NEPHISPO 2º SEMESTRE DE 2016

Às quartas-feiras, 19 horas

In(ter)venções Contemporâneas: *Quid pro quo*

Neste segundo semestre de 2016, os Seminários do Nephispo objetivam constituir um espaço de (re)encontro e de debate das temáticas comuns aos pesquisadores e grupos de estudos ligados ao Núcleo buscando romper com o isolamento e insulamento presentes atualmente nas universidades, efeitos do estímulo à concorrência e à lógica produtivista promovido pela cristalização do sistema Lattes de *produção* acadêmica, que vem se revelando avesso à atividade de pensar com autonomia e densidade, o que se faz apenas na amizade e no “pensar com” como escreveu Hannah Arendt.

Sua linha de atuação neste segundo semestre de 2016 será, portanto, caracterizada por *in(ter)venções contemporâneas*, a interromper (ou irromper) o fluxo das pesquisas e estudos realizados por seus integrantes, visando contribuir para a reflexão e a compreensão das “relações entre racionalidades, sentimentos e sensibilidades”, não apenas no curso da história, mas no próprio fazer historiográfico.

Intervenções e invenções contemporâneas: **Intervenção** é um termo forense, que na definição de Raphael Bluteau, designa pessoas que assinam contratos, ainda que não sejam os principais contratantes. Uma mediação, intercessão. Intervir é achar-se presente, por-se de permeio. Esta intervenção pretendida é, como são as tradições, uma coisa inventada. E a **invenção**, também aqui entendida na acepção de Bluteau, diz respeito ao “excogitar algum artifício ou coisa nova (...) modo de falar com cerimônias intempestivas, com afetação, com melindres, (...) impertinências”.

As intervenções, inventivas que são, requerem, portanto, atitude e olhar contemporâneos, agora, no sentido em que Georgio Agambem utiliza o termo **contemporâneo**: aquele olhar fixado nas fraturas, nos interstícios deste espaço-tempo onde se localiza o observador atento não apenas às luzes que vêm deste contrato chamado processo histórico, mas sensível às suas incoerências, suas brechas, afetado por suas obscuridades. As **in(ter)venções contemporâneas**, propostas para este semestre, portanto, são atos políticos que envolvem uma perspectiva mediadora que, no movimento mesmo de ligação, propõe, provoca ou esgarça as rupturas, os isolamentos, as (des)conexões que instituem ou destituem as subjetividades e tantas vezes instauram, compõem ou depõem os (des)governos de si e dos outros. É neste terreno incerto, nesta fratura tectônica, *entre* os continentes escriturados e (re)conhecidos que pretendemos instalar nosso acampamento – a forma possível de habitar esta instituição chamada universidade, tão provisoriamente instalada.

Sendo assim, fiel à sua preocupação fundamental com as questões da modernidade e dos modos de subjetivação, através destas In(ter)venções contemporâneas, o Nephispo busca compreender a história e as relações de poder/submissão levando em conta a “presença e a gestão dos sentimentos e das paixões sociais, assim como a intervenção de motivações, a um só tempo, conscientes e inconscientes nas ações humanas”, conforme definido na [ementa](#) que o apresenta.

Figura 10 - Isso era o NEPHISPO e seus Seminários. Nem precisa de legenda. Fonte: a autora

Muitos TCCs e Dissertações que orientei em todos esses anos tiveram suas origens nesses grupos de estudos e grupos de pesquisa.

Assim listadas, em retrospectiva, as iniciativas e atividades de minha vida acadêmica realizadas até aqui, de 2009 a 2024, permitem visualizar o quanto dediquei-me às questões ligadas à relação entre História e Religião, mas, igualmente, relacionadas à intersecção entre História e Ensino de História. Este campo de pesquisa eu já explorava por força do exercício de atuação como docente dos Estágios Supervisionados e coordenadora do LEAH, e ganhou força e robustez com a chegada do ProfHistória em 2020 na UFU.

Mas talvez tenha sido a Religião, em todos os terrenos que ela nos autoriza caminhar, onde, suponho, fui mais útil aos(as) discentes que vieram me procurar para orientação. A relação entre orientandos(as) e orientadora sempre teve como ponto de partida respeitar o interesse dos(as) alunos(as), que viam em mim uma pessoa que poderia escutar, auxiliar, esclarecer, indicar leituras e dar as diretrizes para a pesquisa. Agradeço a todos e todas pela oportunidade.

III c. Atividades de produção intelectual

Produção bibliográfica

Partindo das produções mais recentes e chegando às mais distantes, percebi, com a elaboração deste Memorial, tanto a regularidade da produção, como a concentração e harmonia com os objetos de pesquisa eleitos por mim. Se não posso me caracterizar como uma docente-pesquisadora com muitos artigos, ou capítulos e livros, tenho a certeza de que é possível me classificar como uma investigadora atenta e preocupada em produzir de acordo com os meus interesses intelectuais e dentro dos limites e das possibilidades que o acúmulo de outras atividades de gestão, ou de ensino, permitiram.

Em algumas ocasiões da minha vida, tive mais dificuldade em produzir material autoral, como o ano de 2021 quando concentrei todas as minhas energias para o sucesso do tratamento contra o câncer; ou nos anos de 2019 e 2020, por um lado pela dedicação quase que exclusiva à gestão da coordenação local do ProfHistória, ou por outro pela tristeza que me abateu quando o mundo sofria com a pandemia do Corona Vírus e nós, no Brasil especificamente, fomos vitimados(as) por um governo negacionista, autoritário e irresponsável com as políticas públicas da saúde.

Ainda assim, em 2022, fiquei especialmente feliz e orgulhosa com a publicação do “Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer”, em parceria com o companheiro de muitas jornadas bibliográficas, Mauro Dillmann.



Figura 11 - No formato de ebook, o Guia é gratuito e tem sido muito compartilhado por docentes da Educação Básica. Fonte: a autora

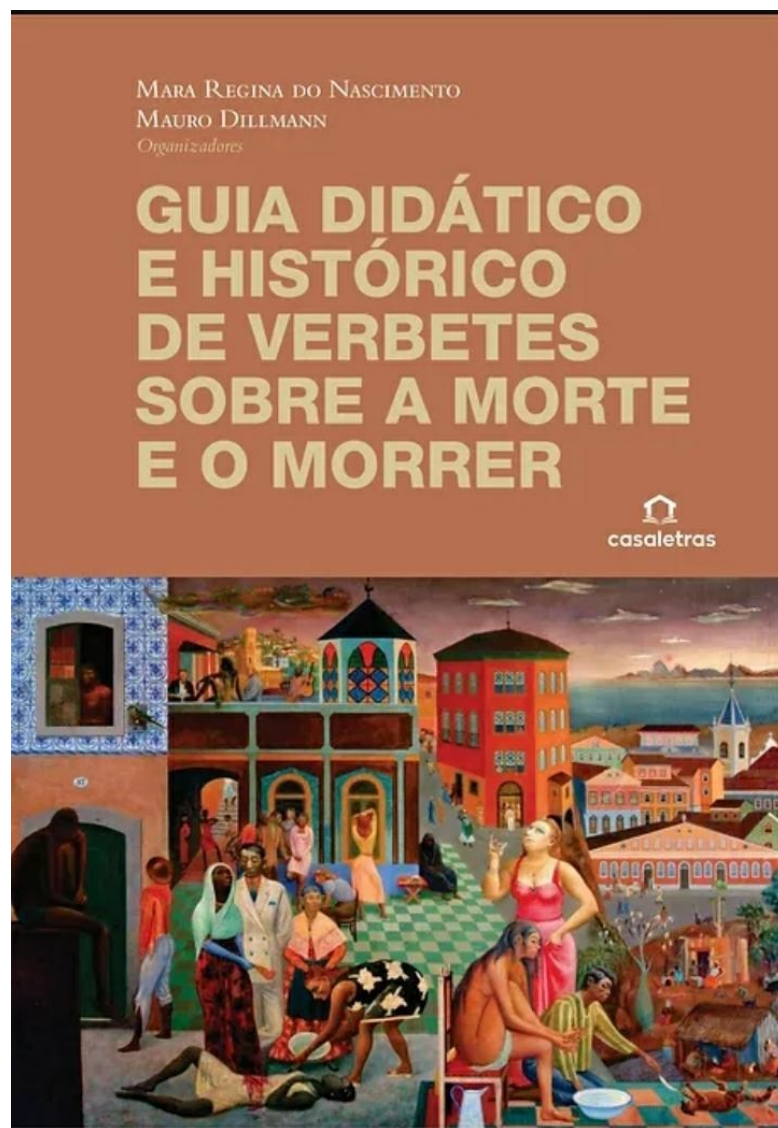


Figura 12 - Um guia que se propõe a servir de auxílio a docentes da Educação Básica, 2022. Capa da obra.
Fonte: a autora

Nesta publicação, nosso objetivo foi provocar a academia para trazer à cena a Educação Básica como partícipe do debate sobre a morte e o morrer, conforme escrevemos eu e Mauro na Apresentação: *“No Brasil dos últimos anos, incluindo esse final de 2022, a morte assumiu deliberadamente feições necropolíticas, evidenciado tanto pelo precário investimento e insuficiente assistência pública àqueles que se contagiaram pelo coronavírus ou outra enfermidade, quanto pela escolha deliberada – em discursos dúbios que apontam para o real e para o simbólico – em exterminar os supostos perigos e inimigos políticos, ideológicos e morais, num movimento de caráter violento e sectário, evidentemente antidemocrático.*

É nesse momento, com a morte tão presente, com a morte debochada, com a morte anunciada, prevista e explícita aos nossos olhos, noticiada em mídias atreladas aos variados suportes tecnológicos de informação e comunicação, que produzimos e apresentamos essa obra. Um livro que pretende trazer a morte e o morrer em perspectiva histórica, mas não exclusivamente fundamentada nos estudos históricos. Antes de considerar os contributos das importantes especificidades de diferentes áreas do conhecimento sobre a morte, buscamos apresentar a obra enquanto um projeto com proposta didática. Talvez mais do que isso, como contributo pedagógico. E nesse balanço entre o didático e o pedagógico, pensar um tema cujo interesse por vezes ainda soa estranheza e se faz paradoxal: a morte e o afastamento do fúnebre/funesto versus a morte e o desejo de matar, de ver morrer.

Numa síntese, podemos dizer que o objetivo do Guia didático e histórico sobre a morte e o morrer foi reunir pequenos verbetes críticos, de teor histórico e conceitual, com fins fundamentalmente didáticos e de divulgação, para uso na Educação Básica. Assim, buscamos trazer textos de referência cujas problematizações carregam os anseios analíticos contemporâneos das ciências sociais e humanas sobre a temática da morte.

Estudos têm revelado que o tema da morte está presente na vida cotidiana dos/as brasileiros/as nas mais diversas mídias, como a televisão aberta, as redes sociais, as rádios, mas, por vezes, com uma abordagem mórbida, sensacionalista e pouco educativa. Esta observação nos fez perceber que um assunto tão importante como este poderia ser abordado, por que não, em espaços de aprendizagem como as escolas – o ambiente por excelência da formação ética do ser humano.

Educadores/as são os mais capacitados/as para conduzir com propriedade a curiosidade de crianças e jovens sobre os temas relativos à morte para uma discussão crítica, reflexiva, sensata e embasada nas ciências. Foi este um dos motivos que nos moveu a compor o Guia, contando com a colaboração de cientistas das mais diversas áreas do conhecimento.”

O Guia foi gestado durante os anos de 2019 e 2020 como um desdobramento de dois projetos de PIBIC que desenvolvi na UFU, antes do período que fui obrigada a me submeter ao tratamento de saúde. Em novembro de 2020, eu e Mauro elaboramos a concepção metodológica do Guia, seu formato e escolha dos colaboradores. Disparamos os convites e esperávamos publicá-lo em dezembro de 2021. Entretanto, ao longo do ano de 2021, envolta com as sessões de quimioterapia, o projeto sofreu atraso. Pensei que não

seria capaz de levar a tarefa até o fim. Mas, em dezembro de 2022 conseguimos publicar a obra.

O *Guia* traz a colaboração de 39 pesquisadores(as) de diferentes instituições do Brasil e de Portugal que ajudaram na elaboração de 62 verbetes concebidos principalmente, mas não apenas, em perspectiva histórica sobre a morte e o morrer. Nossa ideia era que os verbetes tivessem utilidade em sala de aula, auxiliando docentes a responder perguntas que possivelmente crianças e adolescentes viessem a fazer por estarem preocupados(as) com a finitude humana. Afinal, a humanidade havia passado dois anos sob o espectro assombroso da morte por Covid.

Os verbetes e suas definições por si só já representam um bom auxílio pedagógico. Entretanto, eu e Mauro pensamos que criar sugestões de atividades práticas pudessem ajudar ainda mais na compreensão dos verbetes, além de aguçar a curiosidade e estimular a criticidades dos(as) alunos(as) escolares. Assim foi feito. E cada um dos 62 verbetes do *Guia* vem acompanhado de criativas sugestões de atividades, elaboradas por cada um(a) dos(as) colaboradores(as) do livro.

Seu download gratuito para que docentes da Educação Básica pudessem ter livre acesso foi disponibilizado pela editora Casalettras, de Porto Alegre, por esse link: https://www.casalettras.com/guiadidaticomorte?fbclid=IwAR0vhMqWWTy_mkBSbbaZcD_WlXqIs46ivHXUFNK2RkpZzqzPYh5mKyzVmlA

Aos(Às) colaboradores(as) dessa obra, que tanto me orgulho de ter realizado, quero explicitar meus agradecimentos neste Memorial. Obrigada por me acompanharem. Eu não ando só, eu só ando em boa companhia: *Adriana Zierer, Adriane Piovezan, Alexandra Esteves, Alexandre Marques Cabral, Andreia Vicente da Silva, Anna Julia Borges Serafim, Antonio de Pádua Fernandes Bueno, Beatriz Teixeira Weber, Claudia Rodrigues, Daniel Azevedo, Douglas Attila Marcelino, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Elisiana Trilha Castro, Elizete Silva, Flavia Medeiros, Gizele Zanotto, Janaína Teles, Jean Luiz Neves Abreu, Cícero Joaquim dos Santos, Juliana Luiza de Melo Schmitt, Karina Aparecida de Lourdes Ferreira, Lourival Andrade Júnior, Luiz Lima Vailati, Marcelina Almeida, Marcelo Tadvald Bastita, Maria Elizia Borges, Maria João Vaz, Maria Marta Lobo de Araújo, Mariana Antão de Carvalho Rosa, Maristela Carneiro, Monja Myoden (Adriana Muniz Retamal), Rachel Aisengart Menezes, Renato Cymbalista, Renato Rodrigues Farofa, Robert Mori, Thiago Henrique Mota e William de Souza Martins.*

Há uma produção minha de 2023 que hoje considero pertinente para o momento que estou vivenciando e tem relação, de certa forma, com esse espírito do Memorial de olhar para trás e referenciar o já realizado. Trata-se do capítulo “Simbioses Possíveis: religião, história e política”, que foi publicado na coletânea *“Territorialidades, cultura e poder: por entre temas e trilhas historiográficas”*, organizada pelos colegas Jean Luiz Neves Abreu, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro e Mônica Chaves Abdala. Um convite que gostei muito de ter recebido. Neste texto procurei *“demonstrar as potencialidades do campo de investigação que coloca a religião como chave de compreensão de múltiplos aspectos da história e suas interseccionalidades com as questões da política, de gênero, raça, etnia e história regional”* (p. 235). O capítulo traz uma síntese de algumas pesquisas *“realizadas por alunos e alunas sob a minha orientação acadêmica, na intenção de apresentar a riqueza de abordagens que podem despontar quando a temática do religioso se coloca como plataforma de observação da sociedade local”* (p. 235). A ideia fundamental foi levantar, apresentar e refletir sobre os sentidos de se dedicar na academia às pesquisas no campo religioso. Agradeço a Jean, Maria Elizabeth e Mônica pela oportunidade. Essas reflexões me prepararam para as produções de 2024 e para este Memorial.

O livro editado pela editora Cancioneiro, de Teresina, Piauí, pode ser baixado pelo link: <https://www.editoracancioneiro.com.br/product-page/territorialidades-cultura-e-poder-por-entre-temas-e-trilhas-historiograficas>

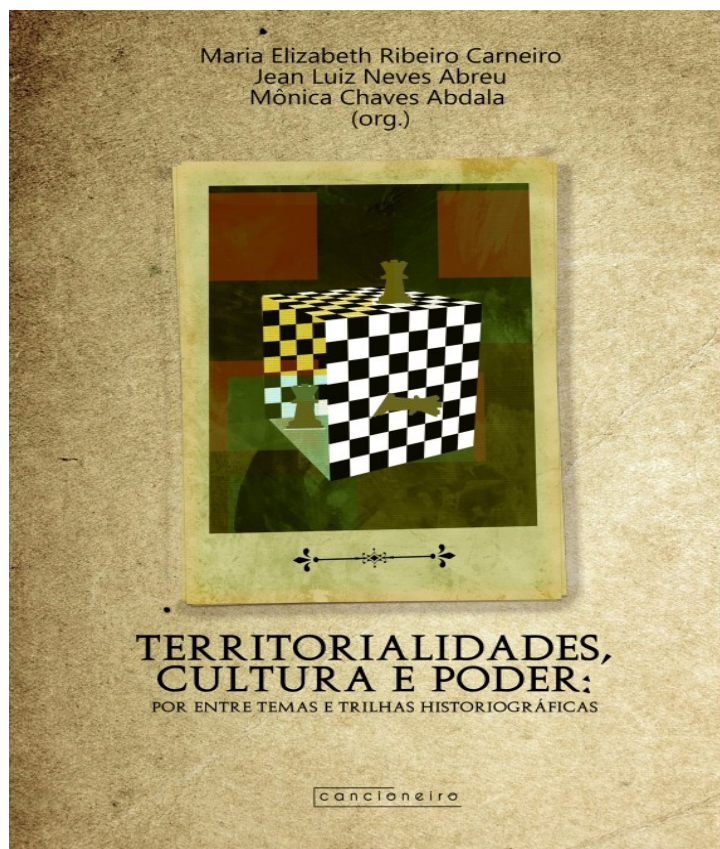


Figura 13 - Capa da coletânea que gostei muito de ter contribuído, em 2023. Fonte: a autora

Em 2024, me permiti ousar um pouco nas pesquisas e avancei em novas perspectivas, me aventurando sobre temática que não dizia especificamente à morte no mundo católico, mas ao campo dos estudos sobre o luteranismo e os manuais de preparação da morte. Fiquei muito feliz com o resultado do artigo publicado pela *Revista Brasileira de História das Religiões*, em seu número mais recente, em 31 de dezembro de 2024.

O bom cristão não deve temer a morte. O Manual de Conforto, do teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611

Mara Regina do Nascimento¹

Resumo: O *Manual de conforto para pessoas angustiadas e doentes* é uma tradução do *Manual de consolação. Pequeno livreto com poderoso conforto que podemos contrapor à morte e às tentações na angústia da morte*, de 1877, original de 1611, do teólogo alemão Johann Gerhard. Acreditamos que problematizar as instruções luteranas aos aflitos e enfermos, em proximidade da morte, nos leva a conhecer, na intimidade, o que os crentes experienciaram. Buscamos compreender o quanto o *Manual* revela os medos e as formas de enfrentamento da morte do século XVII, sob a ótica luterana. Do ponto de vista conceitual e teórico, nosso artigo se apoia na relação entre a história das religiões com a história da leitura, tomando por base os estudos acadêmicos sobre a morte e o morrer.

Palavras-chave: morte; manuais; cristianismo; Johann Gerhard.

The good Christian must not fear death.

The Handbook of Comfort, by Lutheran theologian Johann Gerhard, published in 1611

Abstract: The *Handbook of comfort for the anguished and sick* is a translation of the *Handbook of consolations: for the fears and trials that oppress us in the struggle with death* (1877), originally published in 1611 by German theologian Johann Gerhard. We believe that bringing into question the Lutheran instructions to the sick and dying leads us to intimately know the experiences of the believers. We search to comprehend how much the Handbook reveals the fears and ways of facing death in the XVII century, from the Lutheran perspective. From a conceptual and theoretical point of view, our article is supported by the relationship between the history of religions and the history of reading, using the academic studies of death and dying as the basis.

Keywords: death; handbooks; Christianity; Johann Gerhard.

Un buen cristiano no debe temer a la muerte.

El Manual de Consuelo, del teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611

Resumen: El *Manual de consuelo para personas afligidas y enfermas* es una traducción del *Manual de consolação. Pequeno librito de poderoso consuelo que podemos contrarrestar con la muerte y las tentaciones en la angustia de la muerte*, de 1877, original de 1611, del teólogo alemán Johann Gerhard. Creemos que problematizar las instrucciones luteranas a los afligidos y enfermos, cuando están cerca de la muerte, nos lleva a conocer, en privado, lo que vivieron los creyentes. Buscamos comprender en qué medida el *Manual* revela los miedos y las formas de afrontar la muerte en el siglo XVII, desde una

¹ Doutora em História, Professora no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0581-1753>
E-mail: mara.regina10@gmail.com

Figura 14 - Artigo publicado em 31/12/2024 na Revista Brasileira de História das religiões. Fonte: a autora

Nesta publicação quis trazer à cena o “*Manual de conforto para pessoas angustiadas e doentes*”, uma tradução do “*Manual de consolação. Pequeno livreto com poderoso conforto que podemos contrapor à morte e às tentações na angústia da morte*”, de 1877, original de 1611, do teólogo alemão Johann Gerhard. Minha intenção foi a de pensar sobre as permanências das crenças e atitudes relativas à morte. Coloquei-me a refletir sobre as doutrinas “graça em Cristo”, “remissão dos Pecados” e, em especial, a do “Purgatório”, como doutrinas que atingiam os corações e mentes de cristãos com o mesmo impacto e temor, tanto dos devotos católicos quanto dos luteranos. Conforme escrevi na introdução do artigo sobre essas doutrinas: “*a do Purgatório, era uma doutrina oficialmente negada pelo Luteranismo. Essas afinidades íntimas, expressas pelas*

manifestações de um bom cristão em sofrimento nos aconselhamentos dos manuais do conforto, permitem visualizar as tensões religiosas, mas, sobretudo, o afrouxamento delas. No universo católico e igualmente no luterano estavam presentes o medo da morte, o pavor ao Purgatório, a busca pela compreensão de como alcançar a graça e a preocupação em obter perdão e misericórdia dos pecados”.

A escrita deste artigo permitiu refletir sobre como os manuais de conforto não católicos foram contribuições teológicas importantes. Elas cumpriam a função de minimizar o medo da morte e, ao mesmo tempo, se transformavam em oportunidades de questionar, criticar, combater e desfazer alguns dos princípios que sustentavam o cristianismo liderado pela Igreja Católica medieval, entre estes os rituais da morte, os seus sacramentos e as crenças ligadas ao post-mortem.

No entanto, encaminhei as minhas conclusões para a ideia de que, apesar da condução pragmática da doutrina Luterana de priorizar o sentido literal das Escrituras, tomando-as como inseparáveis do seu sentido espiritual, a igreja de Lutero não estava livre de ter que enfrentar a doutrina do Purgatório. Uma doutrina essencialmente católica, mas que contagiava todos(as) os(as) cristãos(ãs) do período, sem exceção.

Conforme afirmei à página 18: *“Ao orientar clara e explicitamente o Confortador e negar a existência do Purgatório, na lição de n. 45, quando este temor aparece à pessoa angustiada e doente, Gerhard reconhece a preocupação eminente entre os cristãos de seu tempo sobre esse lugar no Além, até mesmo entre os não católicos, e estabelece com os católicos – por meio de seu manual didático – uma disputa pelo domínio da fé e da verdade sobre Deus.”*

Creio que a reflexão posta é só o começo. Temos um campo do conhecimento a construir quando colocamos em comparação diferentes doutrinas religiosas (acesso ao artigo em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbhr/issue/view/986>).

Orgulho-me também pela publicação bem recente, em 2024, de uma coletânea que reuniu textos de colaboradores(as) do “Ciclos de Debates do LEAH-ProfHistória”, na companhia de Gustavo de Souza Oliveira e Nara Rúbia de Carvalho Cunha. O livro *“Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas. Recife, EDUPE, 2024”*⁶ traz à público algumas das apresentações ocorridas no “Ciclos de Debate do LEAH-

⁶ O ebook pode ser acessado em: <https://www.edupe.upe.br/index.php/ensino-de-historia-debates-sobre-questoes-contemporaneas>

ProfHistória” que teve no Canal do Youtube o seu meio de comunicação. O “Ciclos” se constituiu de um espaço riquíssimo de discussão que criamos entre os anos de 2020 até o presente momento. Nara e Gustavo são queridos colegas do INHIS, parceiros de ótimas empreitadas intelectuais, de conversas animadas e também de encontros festivos.

Na apresentação do e-book escrevemos: *“Este e-book que o leitor possui é o resultado dos diálogos e debates que envolveram docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI), do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH) e do Programa de Mestrado Profissional em História (ProfHistória), todos vinculados à Universidade Federal de Uberlândia (UFU).*

Como fruto dessa parceria foi possível organizarmos o Ciclo de Debates do LEAH e ProfHistória que ocorreu no formato on-line durante os anos de 2021 e 2022. O evento se caracterizou por ser um espaço de integração entre pesquisadores e pesquisadoras do ensino de História e demais interessados(as) em dialogar sobre as demandas atuais e a problematização de abordagens contemporâneas na formação e atuação do professor e da professora. Nessa empreitada, reunimos docentes que atuam na educação básica e no ensino superior que relatavam suas experiências diante dos desafios da educação.

Como forma de divulgação científica, algumas palestras foram reelaboradas em textos escritos e compõem esta coletânea que recebeu o título de Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas. No conjunto dos capítulos os(as) leitores(as) vão encontrar diferentes gêneros textuais, desde artigos acadêmicos a relatos de experiência, uma vez que o livro busca preservar o aspecto dialógico do Ciclo de Debates, que primou por ouvir e colocar em diálogo vozes outras, para além da academia. Os textos instigam discussões sobre questões atuais e relevantes sobre o ensino de História, tais como currículo, decolonialidade, tempo histórico e prática docente durante a pandemia de Covid-19. Os capítulos foram divididos em quatro partes: “O papel do Ensino de História no questionamento das racionalidades tradicionais”; “Ensino de História e a problematização dos currículos escolares”; “Pensar a política e suas dimensões no tempo histórico” e “Relato de Experiência Docente”. Os (As) organizadores(as) e autores(as) esperam que esta obra contribua com a formação inicial e continuada de docentes, permitindo repensar e qualificar as práticas de ensino de História na sala de aula”.

Meus sinceros agradecimentos aos(às) colaboradores(as) da coletânea: *Elison Antonio Paim, João Jorge Morais, Carolina de Oliveira Silva Othero, Luciano Magela*

Roza, Adriano Mendes da Fonseca, Munís Pedro Alves, Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira e Rosiane da Silva Ribeiro Bechler.



Figura 15 - Capa da coletânea organizada em companhia dos colegas Gustavo e Nara. 2024. Fonte: a autora

O ProfHistória tem oportunizado algumas publicações no INHIS até o momento. Se tratando do período em que estive na coordenação, este acima foi organizado por mim, Gustavo e Nara. E foi um de três e-books que o Programa publicou entre 2022 e 2024.

Sob a organização do Prof. Gilberto César de Noronha e da Profa. Nara Rúbia Cunha, foi publicada a obra “*Na Terceira Margem: teorias, metodologias e sensibilidades do ensino de História. São Leopoldo, RS: Oikos, 2022*”⁷. Sob a organização da Profa. Ivete Batista da Silva Almeida e do Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior foi publicado o e-book “*Ensino de História em Perspectiva Decolonial. São Leopoldo: Oikos, 2022*”⁸. As obras contaram com o financiamento da Capes, orçamento

⁷ A obra pode ser acessada em: <https://oikoseditora.com.br/new/obra/index/id/1273>

⁸ A obra pode ser acessada em: <https://oikoseditora.com.br/new/obra/index/id/1293>

para 2021 e foram lançadas em 2022. Até onde pude, cuidei de todos os encaminhamentos necessários para a publicação, mas, ao precisar me afastar para tratar de minha saúde, a supervisão ficou a cargo do Prof. Gilberto César de Noronha, o substituto eventual que deu conta de tudo de forma exemplar.

Essas três coletâneas em formato e-book demonstram a potência do ProfHistória e a importância da área de conhecimento de Ensino de História para as discussões e reflexões que podemos levantar.

Em 2022, publiquei, em companhia do discente de PIVIC, Vinicius Roesler Pereira, um artigo na “*Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS*” sobre as descobertas que fizemos a respeito das Igrejas Inclusivas Neopentecostais de Uberlândia. Vinicius encontrou dados curiosos e interessantes sobre sujeitos uberlandenses, cristãos(ãs) LGBTQs, em busca de aceitação de suas orientações sexuais e inclusão como devotos(as) evangélicos(as). Um tema que tem se mostrado muito profícuo para um(a) pesquisador(a) das religiões.

The image is a screenshot of a web page for the journal "Cadernos de Pesquisa do CDHIS". The header is dark blue with the journal title in white. Below the header, there are navigation links: "Atual", "Arquivos", "Notícias", and "Sobre". The main content area has a light blue background. It displays the article title "As igrejas inclusivas no Brasil" in bold, followed by a subtitle "Os casos da Igreja Cristã Inclusiva (ICI), de Uberlândia/MG, e da Igreja Cristã Contemporânea (ICC)". Below this, the authors "Mara Regina Nascimento" (UFU) and "Vinicius Roesler Pereira" (Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia) are listed. A DOI link is provided: <https://doi.org/10.14393/cdhis.v35n2.2022.66877>. A "Resumo" section follows, starting with "Atualmente a comunidade evangélica corresponde a 31% da população brasileira...". To the right of the text is a thumbnail image of the journal cover, which features a silhouette of a person running. Below the thumbnail is a "PDF" button and the publication date "26-12-2022".

Figura 16 - Refletindo sobre uma interessante composição: gênero, inclusão e igrejas evangélicas. Artigo com Vinicius, na revista *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, em 2022. Fonte: a autora

O artigo explora “*a comparação entre dois tipos de igrejas evangélicas, as de caráter conservador e as de aspecto progressista/inclusivo, que também possuem, elas próprias, as suas diferenças, como é o caso da ICI e da ICC, a Igreja Cristã Inclusiva e a Igreja Cristã Contemporânea*”. Interessou-nos problematizar a violência de gênero, as acomodações e as negociações estabelecidas, em situação de conflitos ideológicos e de repressão dos comportamentos. Com este artigo pude explorar uma perspectiva que ainda pouco tinha me aventurado, que são as questões religiosas e suas intersecções com as teorias de gênero. É uma polêmica muito presente na história contemporânea, em nível local, nacional e internacional, uma vez que a chamada “pauta de costumes” tem demonstrado o retorno da centralidade da religião no debate público e dos arranjos da política partidária. Aborto, LGBTfobia, transexualidade casamento, machismo, patriarcado, feminismo são conceitos que, na contemporaneidade, passaram a figurar no nosso dia a dia sob um moralismo religioso repressor e restritivo, com tons de teocracia, a desafiar a construção das ideias de secularização e democracia modernas.

Um debate vigoroso que a academia tem promovido e que é de suma importância, razão pela qual gostei muito de ter costurado com Vinícius esse tramado. O artigo pode ser acessado aqui: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/66877>

Em 2019, em meio ao clima de perseguição do pensamento científico e acadêmico promovido por um governo negacionista, eu e meus colegas Gilberto César de Noronha (UFU) e Idalice Ribeiro Silva Lima (UFTM), produzimos um livro sobre o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, que foi publicado em 2020. Sou muito grata à Idalice e ao Gilberto pela companhia.

Essa coletânea envolveu uma diversidade significativa de colegas que estiveram conosco em 2018 no curso interinstitucional sobre o Golpe de 2016. O curso, que envolveu diversas unidades da UFU, o Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (NEPHISPO) e a seção sindical do Andes Nacional, a ADUFU, foi intenso e importante.

Apesar de não se coadunar especificamente com os meus principais interesses de pesquisa, os temas abordados, tanto no curso que ajudei a coordenar, como no livro que ajudei a organizar, eram uma urgência daquele momento da história contemporânea do país. Em harmonia com várias universidades brasileiras, nos insurgimos contra a perseguição que o Prof. Luis Felipe Miguel, da UnB, sofreu do MEC sob o governo Temer, ao oferecer um curso na disciplina de Ciência Política sobre o Golpe de 2016 na

graduação da sua universidade. Os(As) responsáveis pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff não queriam que o nome correto do processo sob o qual ela havia passado fosse divulgado. A urgência da promoção do debate era clara, como o próprio Prof. Luis Felipe Miguel alertou em seu capítulo:

Desde a produção do golpe de 2016, vivemos uma ofensiva para uma restrição ainda maior do espaço do politicamente possível no Brasil. As circunstâncias são diversas, mas, se alguém duvida do potencial de violência do processo que estamos vivendo, basta olhar para quem hoje senta na cadeira de presidente da República. Temos um líder político na cadeia, temos um deputado eleito no exílio, temos o assassinato de lideranças do campo popular, temos o crescimento da truculência policial, temos instituições judiciárias a serviço do arbítrio (Miguel, 2020, p. 25).

Ao apresentarmos a publicação, nós enfatizamos que: *“Este livro, escrito a muitas mãos de diferentes matizes disciplinares, resultou das discussões e reflexões desenvolvidas durante o curso intitulado “O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil”. Coordenado pela professora Mara Regina do Nascimento, foi ofertado, em 2018, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política (NEPHISPO), vinculado ao Instituto de História UFU. O curso consistiu não somente em um dos fios que teceram a rede de solidariedade de muitas universidades brasileiras a um professor que teve sua liberdade de ensinar cerceada por se propor a pensar, em sua disciplina, as tramas políticas que culminaram no golpe de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, mas também na reafirmação da liberdade de ensinar e de aprender assegurada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e da autonomia universitária frente aos ataques contra as universidades e as ciências, em particular as Ciências Humanas, neste país. Como não pensar o tempo presente da nossa vida política no momento mesmo em que desenvolvemos o nosso trabalho e fazemos tantas outras coisas em diferentes espaços sociais? Como falar dos temas constitutivos da grande área das Ciências Humanas sem tocar, ou tocando imparcialmente, nas questões de amor e ódio, de vida e morte que urdem a Política que nos constitui?”*

O curso e o livro que ora vem a público inscrevem-se em um debate político mais amplo sobre a democracia brasileira. Se no tempo curto dos acontecimentos políticos, acelerados pela sua disseminação pelas novas tecnologias, temos a impressão de que 2016 já teria ficado distante. Entretanto, quando nos aproximamos dos contornos que

levaram à articulação do golpe, através dos capítulos que compõem esta obra, é fácil perceber que ainda não nos desligamos desta trama política, cujo enleio ainda tece nossas vidas. Estamos a vivenciar um turbilhão de acontecimentos que se entrelaçam com os fios da urdidura do golpe de 2016, com as tramas de um passado autoritário que não passou, que se (re)atualiza e se (re)conduz na tessitura política do nosso tempo presente, ambicionando tomar também nossas perspectivas de futuro. Em que pesem os acontecimentos transcorridos desde a oferta do curso, em 2018, não estarem inscritos nas reflexões apresentadas pela maior parte das autoras e dos autores – por exemplo, os (des)propósitos do governo Bolsonaro –, esta coletânea trata de temas que nos ajudam a compreender os dilemas que enfrentamos no Brasil contemporâneo. Para a compreensão das configurações políticas atuais, parece-nos cada vez mais pertinente considerar o golpe de 2016 como um capítulo decisivo no jogo político brasileiro. Não apenas como acontecimento emblemático de reunião das forças conservadoras em torno de uma estratégia política arriscada de tomada do poder contra a vontade do povo, mas também o ponto de inflexão na história e na memória da Nova República brasileira. Desde então, a população brasileira toma consciência da fragilidade do projeto democrático construído nas três décadas de vigência da Constituição de 1988.”



Figura 17 - Capa de “O Golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil”, co-autoria entre mim, Gilberto Noronha e Idalice Lima, livro que resultou do Curso de Extensão na UFU, “O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil”. Fonte: a autora

O curso, o livro e o evento só foram possíveis porque estávamos todos(as) bem acompanhados(as). Se sofremos com o período daquele presidente, agora inelegível, também soubemos nos manter unidos(as) e combativos(as). A todos(as) que colaboraram no livro e no curso, deixo expresso aqui neste Memorial meus agradecimentos: Caio Navarro de Toledo, Jorgetânia da Silva Ferreira, Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior, Newton Dângelo, Rafaela Cyrino, Israel de Sá, Luiz César Machado de Macedo, Patrícia Vieira Trópia, Cleber do Couto Freitas Júnior, Iara Helena Magalhães, Dayana Ferreira da Fonseca, Leila Bitar Moukachar Ramos, Nilton Pereira Júnior, Sebastião Elias da Silveira, Maria Vieira Silva, Myrtes Dias Cunha, Olenir Maria Mendes, Sandra Cristina Fagundes de Lima, André Luis Bertelli Duarte, Leonardo Barbosa e Silva, James N. Green e, especialmente, a Luis Felipe Miguel.

O livro pode ser acessado neste link, embora não seja gratuito: https://www.pacolivros.com.br/o-golpe-de-2016-e-a-corrosao-da-democracia-no-brasil?srsId=AfmBOoqPzIMRBbkLKmjLGiCDQRegYYSgXePegLE2G8MJmLE9wPA_uscb

Em 2017, a convite dos colegas Mauro Dillmann e Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, escrevi algo que me deu muito prazer de ter realizado: o capítulo “Memórias e desafios. Uma trajetória acadêmica em torno da história, das mortalidades e da religião”, que fez parte da coletânea “*História & religiosidades no Brasil: a produção de um campo a partir de narrativas de historiadores*”. Foi um mergulho no início da minha vida acadêmica, profissional e vida pessoal.

No capítulo, tentei demonstrar como uma infância na cidade de Porto Alegre, assinalada pela presença da igreja Católica no cotidiano do lar, e uma juventude questionadora, foram decisivas para me transformar, ao longo da vida de estudante universitária, numa cientista da religião. Não por submissão à crença, mas por querer compreender as relações de poder e de dominação exercidas por instituições religiosas como a Igreja Católica. Como escrevi em determinado trecho do capítulo: “*Foi com o próprio curso de História, por meio das leituras oferecidas, que a oposição àqueles valores católicos conservadores começou a ser cultivada em mim. Passei a maior parte da minha juventude universitária rebelando-me contra a igreja Católica, seus dogmas,*

doutrina e diretrizes. Para retomá-los depois, como estudiosa, somente durante o mestrado e o doutorado.”



Figura 18- Uma obra belíssima, organizada por Mauro Dillmann e Cairo Katrib, da qual tive a felicidade de ser convidada a participar. Um mergulho na escrita de si. Fonte: a autora

Buscar as origens de meu interesse pelos temas da Religião e das representações da morte me colocou diante da “escrita de si”, no estilo do que chamamos de “ego-história”, que fiz com muita emoção e entusiasmo. Agradeço muito aos dois colegas, Mauro e Cairo, pela oportunidade.

Embora não seja gratuito, o livro pode ser acessado no link: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/32290-historia-religiosidades-no-brasilbr-a-producao-de-um-campo-a-partir-de-narrativas-de-historiadores>

A minha produção bibliográfica em outros anos, como em 2013, também foi marcada pelo entusiasmo com as oportunidades e convites que colegas ou discentes me fizeram para publicações coletivas e projetos de pesquisa. Foi um ano bastante “produtivo”, no sentido que damos a esse termo na academia. Em 2013 estive bem acompanhada de colegas queridos na organização de dois importantes livros. O primeiro com Mauro Passos (UFMG), no livro *“A Invenção das Devoções. Crenças e formas de expressão religiosa”*, e, no segundo, pelos companheiros Guilherme Amaral Luz e Jean

Luiz Neves Abreu na coletânea “*Ordem Crítica. A América portuguesa nas 'fronteiras' do século XVIII*”. É sempre um privilégio poder contar com colegas dispostos a compartilhar interesses acadêmicos e trajetórias de pesquisa.

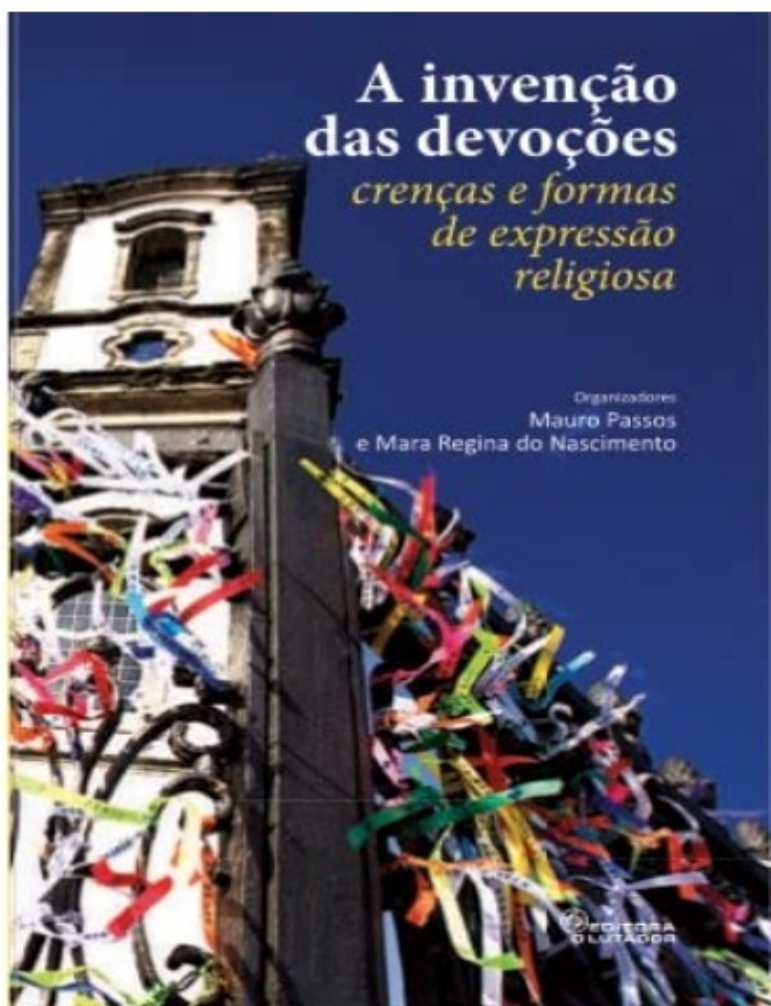


Figura 19 - Um livro que me deu muita alegria de ter ajudado a compor. Publicado em 2013, foi uma das minhas primeiras produções como docente da UFU. Feito com o colega Mauro Passos, da UFMG. Fonte: a autora

Nesse livro, “*A Invenção das Devoções*”, quisemos eu e Mauro tratar sobre as manifestações religiosas populares. Como escrevemos na apresentação: “*A história do cristianismo guarda uma memória de longa duração no itinerário espiritual, cultural e político. Em meio às diversas formas de expressão religiosa, as manifestações populares, enquanto busca do sagrado, trilham por vários caminhos para beber no poço onde o humano e o divino se encontram. Em meio às realidades do caminho, põe em marcha sua potencialidade inventiva para recriar o mundo e balançar a esperança, tantas vezes enlutada!*”

Este livro alinha diversas tradições religiosas populares. Texto e contexto cruzam-se na tematização histórica, deslizando num conjunto de fatos, elementos, símbolos e rituais que emolduram as religiões e as religiosidades. Quanto à religiosidade popular, compartilhamos a argumentação de José Jorge Carvalho: “No caso das culturas populares, a devoção é a principal força de preservação da sua dignidade” (Carvalho, 2008).

O tempo e o espaço têm itinerários diferentes, mas as promessas e as preces se encontram e alinham histórias, crenças, costumes, saberes e devoções que não se encolhem, “quando percorrem distâncias”. A diversidade cultural brasileira retrata a riqueza religiosa do povo onde transborda a fé, as crenças e as festas religiosas repletas de alegria, solidariedade e mistério. Um patrimônio em caminho para o futuro. Como descortinar o mundo da religiosidade popular sem interditar sua liberdade, expressão e utopia? Um passo, apenas, os trabalhos aqui publicados adentram, guardam e tentam interpretar, pois sabemos que quanto mais se descobrem os símbolos, apenas nos aproximamos de suas significações e sentidos. A invenção das devoções nos pede sensibilidade, educação e intuição, pois a linguagem popular sempre se esconde em suas representações”.

Há muito a quem agradecer neste livro: Eduardo Hoornaert, Beatriz Teixeira Weber, Bruno Cortês Scherer, Célia Maia Borges, Cícero Nunes Moreira, Durval Saturnino Cardoso de Paula, Ítalo Domingos Santirocchi, Leila Schoenenkorb e Paulo D. Spierski. São todos(as) pesquisadores(as) de renome que atenderam o nosso convite para enriquecer ainda mais um debate fundamental para o Brasil contemporâneo, em suas mudanças e permanências das experiências religiosas.

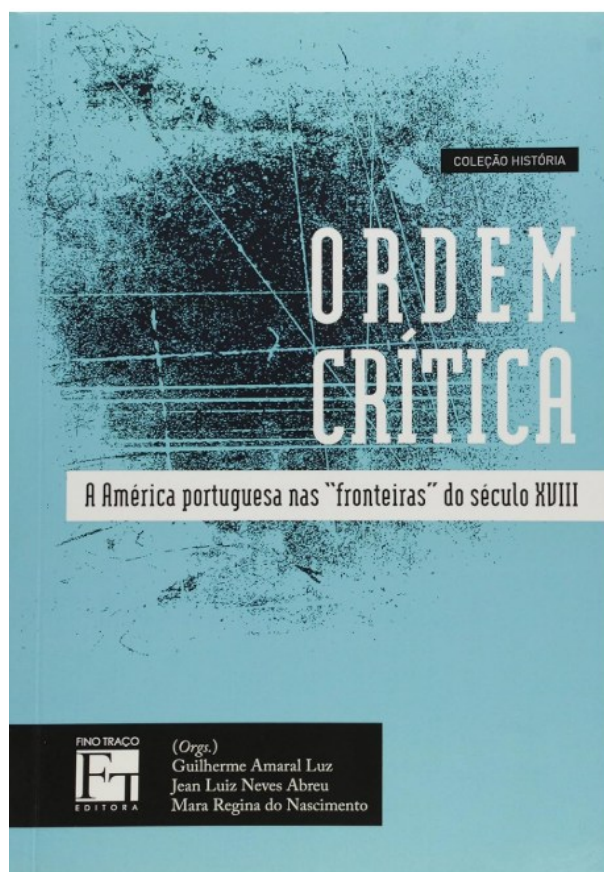


Figura 20 - Livro de 2013 que resultou de encontros com alunos(as) de PIBIC, aqueles bons frutos que germinam na academia. Fonte: a autora

A publicação “*Ordem Crítica*”, como descreveu Guilherme Amaral Luz na apresentação da obra, reunia textos que: “*não visam sintetizar o conjunto dos fenômenos que se estabeleceram a partir da complexidade social, territorial, cultural e política da América portuguesa setecentista. Mais propriamente, destinam-se a abordar aspectos dessa complexidade em situações muito particulares, explorando temáticas clássicas e recentes sobre aquela historicidade*”.

Embora não seja gratuito, o livro pode ser acessado no link: <https://www.finotracoeditora.com.br/ordem-critica-a-america-portuguesa-nas-fronteiras-do-seculo-xviii>

Ao Guilherme, agradeço imensamente o convite feito para participar do projeto e da organização da obra. Houve desdobramentos muito produtivos, pois o projeto que desenvolvemos juntos me permitiu publicar o capítulo “Esforços para tridentinização: as diretrizes das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e o compromisso da irmandade dos Pretos Livres de Paracatu (Minas Gerais, século XVIII)”, na obra “*Concílio de Trento. Innovar en la Tradición. Historia, Teología y Proyección*”, publicado em Madri, pela Editora Universidad de Alcalá, no ano de 2016. A publicação

reúne trabalhos apresentados no evento em Portugal, Braga, “Congresso Internacional Concílio de Trento: Restaurar ou Inovar - 450 anos”, ocorrido em 2013.



Figura 21- Capa do livro publicado em Madri, que reuniu trabalhos apresentados em evento em Portugal, Braga, sobre os 450 anos do Concílio de Trento. O livro foi publicado em 2016. O Congresso foi realizado em 2013. Fonte: a autora

Nesta obra, minha colaboração foi um capítulo que buscou refletir sobre as tramas da vida religiosa no “sertão das minas” e as relações tensionadas entre o poder político-religioso do Império português e as agregações fraternais, na conjuntura do século XVIII e nas circunstâncias da expansão lusa na América. Para tal, tomei como documentos o Compromisso de 1782 da Irmandade dos Irmãos Pretos Livres de Paracatu e os capítulos que, de certa forma, não se adequavam às diretrizes emanadas de Trento representadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707.

A obra está apenas parcialmente disponível em:
<https://publicaciones.uah.es/export/sites/publicaciones/.galleries/Galeria-Servicio-de-Publicaciones/primeras-paginas/9788418979903pp.pdf>

O capítulo desse livro e o evento ocorrido em Portugal foram importantes para a minha comunicação, um ano depois, em 2014, na UNIRIO, no “*I Colóquio Internacional Ecclesia/Imagens da Morte - Dimensões do Catolicismo entre a vida e a morte na Ibero-América (séculos XVI-XIX)*”, onde apresentei a comunicação “*A morte e as associações religiosas de leigos nas tramas da vida religiosa de Paracatu, Minas Gerais*”. Na ocasião, trabalhei com uma série de Compromissos de irmandades da região, colocando-os em perspectiva comparativa e em relação com as normas canônicas.

Ainda entre 2013 e 2011, estive bem acompanhada pelo querido discente, meu orientando de monografia, iniciação científica e, depois, Mestrado Acadêmico, Durval Cardoso de Paula. Durval foi uma pessoa muito importante para mim. Graças a ele, realizamos um lindo projeto de extensão sobre a Folia de Reis, no distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Durval me apresentou para as festas religiosas mineiras, me permitiu conhecer as devoções religiosas mais genuínas, sinceras e verdadeiras da religiosidade popular. Com ele produzi dois artigos, dos quais me orgulho muito: “Festa e devoção em Cruzeiro dos Peixotos”⁹, publicado da *Revista Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* em 2011, e “A Mitra que se levanta para a salvação das almas: a disciplina católica no mundo luso-americano do século XVIII”¹⁰, publicado na *Revista Horizonte Científico*, em 2013.

Enquanto a primeira produção resultou de uma ação de extensão, em parceria com Luiz Carlos Leite, diretor de teatro, por meio do projeto “O Poeta e o Historiador. A Folia de Reis na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. Teatro, memória e criação coletiva”, a segunda, foi resultado da pesquisa desenvolvida com bolsa PIBIC/FAPEMIG/UFU, intitulada “Festas Católicas, Práticas de Devoção e Diretrizes Eclesiásticas no Oeste Mineiro. Séculos XVIII e XIX”, como parte de um projeto mais amplo que ganhou o título “Práticas de devoção católica e vida religiosa no extremo oeste de Minas Gerais (século XVIII)”.

⁹ O artigo pode ser acessado em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n20p41>

¹⁰ O artigo pode ser acessado em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/14719>

Festa e devoção em Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG (Party and devotion in Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2011v9n20p41



Mara Regina do Nascimento
UFU

Durval Saturnino Cardoso de Paula
UFU

Resumo

Resumo

O texto trata da Folia de Reis na Comunidade de Cruzeiro dos Peixotos - Uberlândia - MG, que foi alvo de um projeto de pesquisa, financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX/UFU) e pelo Programa de Extensão e Integração UFU/Comunidade (PEIC/UFU). Os autores partem da premissa de que foliões, festeiros e devotos são, na feliz expressão de Carlos Rodrigues Brandão, "especialistas" do saber da devoção, por sentirem-se incumbidos de representar a Igreja em cada uma das partes que compõem a Folia, desde a saída do Terno até chegar o dia da festa de Santos Reis. O texto procura mesclar reflexão teórica conceitual sobre a festa com os métodos de pesquisa da História Oral, a partir da observação *in loco*. Conclui com a constatação de que esta importante tradição popular mantém-se ainda muito viva e forte, não apenas na comunidade em foco, mas ainda na região do Triângulo Mineiro. Reconhece que seu sentido se modificou ao longo do tempo e procura afirmar que esta festa não sofre da 'ameça da extinção', como quer a *doxa* corrente, representada pela voz da mídia, pelos agentes das secretarias de cultura, pesquisadores acadêmicos ou ainda pelos próprios devotos.

Palavras-chave: devoção; Folia de Reis; festa.

Publicado: abr 26, 2011

DOI:
<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2011v9n20p41>

Palavras-chave:
religião, festa, devoção

Figura 22 - Um artigo a quatro mãos que me trouxe muita alegria de ter produzido com Durval em 2011. Recém chegada a Uberlândia, aprendi muito sobre a Folia de Reis e a comunidade dos Cruzeiros dos Peixotos. Fonte: a autora

Horizonte Científico

Atual Arquivos Notícias Sobre ▾

Início / Arquivos / VOL 7, Nº 1 (SET 2013) / História

A MITRA QUE SE LEVANTA PARA A SALVAÇÃO DAS ALMAS: O CORPO DISCIPLINAR CATÓLICO NO MUNDO LUSO-AMERICANODO SÉCULO XVIII

Durval Saturnino Cardoso de Paula
Universidade Federal de Uberlândia/ Instituto de História

Mara Regina do Nascimento
Universidade Federal de Uberlândia

Palavras-chave: Historia. Catolicismo. Disciplina. América. Portugal.

Resumo

O artigo busca refletir sobre a dinâmica do corpo disciplinar católico luso-americano no século XVIII. Entretanto, extrapolando o limite temporal do Século das Luzes, busca-se perceber na legislação eclesiástica de Portugal e de suas adjacências a relação estrita com as disposições de Trento, para a construção, no âmbito disciplinar, da religião que se queria ter e possuir, tanto no reino, quanto em suas colônias.

Download

[PDF](#)

Publicado
2013-03-04

Edição
[VOL 7, Nº 1 \(SET 2013\)](#)

Seção
História

Licença
Direitos Autorais para artigos publicados nesta revista são do autor, com direitos de primeira publicação para a revista. Os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em aplicações educacionais e não-comerciais.

Figura 23 - Reflexão compartilhada, outro artigo a quatro mãos com Durval, 2013. Aprendi muito. Fonte: a autora

Em 2025 estou com um livro no prelo: minha Tese de Doutorado será publicada pela Paco Editorial como parte das comemorações pela minha progressão para Titular e pelos meus 60 anos. Essa foi umas decisões que mais fiquei feliz de ter tomado entre 2023-2024. Ainda fico me perguntando como foi que consegui realizar toda a revisão do volume de quase 300 páginas, para publicar, em meio ao processo de mudança de casa, de cidade e de universidade. Mas, consegui.

A tese defendida na UFRGS, em 2006, torna-se livro em 2025. O título original *“Irmandades leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII-XIX”* ganha agora mais liberdade e menos rigor acadêmico, a partir de uma frase-súplica retirada de um testamento do século XVIII: *“E todos os mais que se acharem na terra, dirão missas pela minha alma”*. *As irmandades religiosas em Porto Alegre nos séculos XVIII e XIX*. Com esta publicação decidi encontrar com uma Mara que ficou no passado, mas que também se encontra no agora. Para coroar a iniciativa, ainda tive a honra de ter textos de contracapa e orelha dos queridos amigos Mauro Dillmann e Pedro von Mengden Meirelles, especialistas porto-alegrenses do tema.



Figura 24- Capa da obra no prelo, previsão de publicação enquanto escrevo esse Memorial.
Fonte: a autora

Creio que, quando nos dedicamos a trabalhar nas muitas instâncias da Universidade – ensino, pesquisa, extensão e gestão –, é natural que algum descompasso numa ou outra área aconteça. Ainda assim, olhando para trás, eu me impressiono com a minha constância e estabilidade nas produções bibliográficas.

Para uma síntese, listo os diferentes formatos de publicações, produzidos ano a ano. Artigos/capítulos/livros/outras produções:

Produções de 2025- 2024-2023

No prelo: NASCIMENTO, Mara Regina do. “*E todos os mais que se acharem na terra, dirão missas pela minha alma*”. Irmandades religiosas em Porto Alegre, nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Paco Editorial, 2025.

NASCIMENTO, Mara Regina do. O bom cristão não deve temer a morte. O Manual de Conforto, do teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 17, p. 1-21, 2024.

ABREU, Jean Luiz Neves; **NASCIMENTO, Mara Regina do;** NOGUEIRA, André Luís Lima. Apresentação do Dossiê nº17: Morte aparente e os fins últimos do corpo (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer, 2024 (Apresentação).

NASCIMENTO, Mara Regina do; OLIVEIRA, G. (Org.); CUNHA, N. (Org.). Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas. 1. ed. Recife: EDUPE, 2024. v. 1. 174p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Simbioses Possíveis: religião, história e política. In: Jean Luiz Neves Abreu; Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro; Mônica Chaves Abdala. (Org.). Territorialidades, cultura e poder: por entre temas e trilhas historiográficas. 1ed.Teresina - Piauí: Editora Cancioneiro, 2023, v. 1, p. 235-254.

Produções de 2022-2020-2019

NASCIMENTO, Mara Regina do; PEREIRA., Vinícius R. As igrejas inclusivas no Brasil Os casos da Igreja Cristã Inclusiva (ICI), de Uberlândia/MG, e da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Cadernos de Pesquisa do CDHIS (Online), v. 35, p. 197-227, 2022.

NASCIMENTO, Mara Regina do; DILLMANN, M. (Org.). Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer. 1. ed. Porto Alegre: Casalettras, 2022. v. 1. 428p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Verbetes Conforto - Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer. Porto Alegre: Casaletas, 2022 (Verbetes - Guia Didático).

NASCIMENTO, Mara Regina do. Verbetes Irmandades e Ordens Religiosas - Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer. Porto Alegre: Casaletas, 2022 (Verbetes Irmandades e Ordens Religiosas - Guia Didático).

NASCIMENTO, Mara Regina do; DILLMANN, M. Apresentação - Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer. Porto Alegre: Casaletas, 2022 (Apresentação).

NASCIMENTO, Mara Regina do; LIMA, I. R. S. (Org.); NORONHA, G. C. (Org.). O Golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020. v. 1. 393p.

RODRIGUES, C.; **NASCIMENTO, Mara Regina do** ; ALMEIDA, M. G. Editorial: Revista M. Vol. 5 nº 9, jan.-jul., 2020. Rio de Janeiro, 2020. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: Unirio, 2020 (Editorial Revista).

LIMA, I. R. S.; **NASCIMENTO, Mara Regina do** ; NORONHA, G. C. A corrosão da democracia no Brasil. Jundiaí/SP, 2020. (Apresentação).

LIMA, I. R. S.; **NASCIMENTO, Mara Regina do;** NORONHA, G. C. Os monstros saem do armário. Jundiaí, 2020. (Prefácio).

NASCIMENTO, Mara Regina do. As formas elementares da vida confrarial, no sul do Brasil. São Leopoldo, 2020. (Prefácio, Posfácio/Prefácio). In: Pacheco, Henrique; Haack, Marina, Moreira, Paulo. Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul - RS): (in)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência. São Leopoldo, Editora Oikos.

NASCIMENTO, Mara Regina do; RODRIGUES, C. Editorial: Revista M. Vol. 4 nº 8, jul.-dez., 2019. Rio de Janeiro, 2019. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2019 (Editorial Revista).

NASCIMENTO, Mara Regina do; RODRIGUES, C. Editorial: Revista M. Vol. 4 nº 7, jan.-jun., 2019. Rio de Janeiro, 2019. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: Unirio, 2019 (Editorial Revista).

Produções de 2018-2017-2016

RODRIGUES, C.; **NASCIMENTO, Mara Regina do** . Editorial: Revista M. Vol. 3, nº 5, jan.-jun., 2018. Rio de Janeiro, 2018. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018 (Editorial Revista).

NASCIMENTO, Mara Regina do. Memórias e desafios. Uma trajetória acadêmica em torno da história, das mortalidades e da religião. In: Mauro Dillmann, Cairo Mohamad

Ibrahim Katrib. (Org.). História & religiosidades no Brasil: a produção de um campo a partir de narrativas de historiadores. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 101-120.

RODRIGUES, C.; [NASCIMENTO, Mara Regina do](#) . Editorial: Revista M. Vol. 2, nº 3, jan.-jun., 2017. Rio de Janeiro/RJ, 2017. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017 (Editorial Revista).

RODRIGUES, C.; [NASCIMENTO, Mara Regina do](#) . Editorial: Revista M. Vol. 2, nº 4, jul.-dez., 2017. Rio de Janeiro, 2017. (Prefácio, Posfácio/Apresentação). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017 (Editorial Revista).

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). Vida Urbana e Morte Católica: cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios. Triângulo Mineiro (1810-1980). In: GONTIJO, Diva do Couto; RIBEIRO, Maria Elizabeth Carneiro; SENA, Ernesto Cerveira de. (Org.). Tempos de civilização e outros tempos. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2016, v. 1, p. 97-116.

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). Esforços para tridentinização: as diretrizes das Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia e o compromisso da irmandade dos Pretos Livres de Paracatu (Minas Gerais, século XVIII). In: FRANCO, Eduardo; RODRIGUEZ, José Inácio; ABREU, Paulo Leite; CIESZYNSKA, Beata. (Org.). Concílio de Trento. Innovar en la Tradición. Historia, Teología y Proyección. 1ed.Madri: Editora Universidad de Alcalá, 2016, v. 1, p. 241-249.

Daniela Silveira; [NASCIMENTO, Mara Regina do](#) . Apresentação do Dossiê: 'Diversidade étnico-racial e cultural no ensino de História'. Uberlândia, 2016. (Prefácio, Posfácio/Apresentação).

Produções de 2015-2014-2013

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). Cemitérios e projetos de urbanidade no Triângulo Mineiro. Uberabinha e Uberlândia. Séculos XIX E XX. In: VII Encontro da ABEC Cemitérios como patrimônio. Conceitos, métodos e abordagens, 2015, Rio de Janeiro. VII Encontro da ABEC Cemitérios como patrimônio. Conceitos, métodos e abordagens. Rio de Janeiro: ABEC, 2015. v. 1. p. 254-267.

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). a Irmandade do Senhor dos Passos e a Santa Casa de Misericórdia: história, caridade e experiências de urbanidade em Porto Alegre/RS. Séculos XVIII-XIX. Paralellus (online), v. v. 5, p. 93-118, 2014.

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). Os serviços de assistência ao luto em Uberlândia, no século XX: apelos ao luxo, conforto e amparo. In: XVI Encontro Regional de História Saberes e Práticas Científicas, 2014, Rio de Janeiro. Anais XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2014. p. 1-9.

[NASCIMENTO, Mara Regina do](#). No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas. Revista Brasileira de História das Religiões, v. V, p. 131-144-144, 2013.

PAULA, Durval Saturnino; **NASCIMENTO, Mara Regina do** . A Mitra que se levanta para a salvação das almas: a disciplina católica no mundo luso-americano do século XVIII. Horizonte Científico (Uberlândia), v. 7, p. 1-26, 2013.

NASCIMENTO, Mara Regina do; PASSOS, Mauro (Org.). A Invenção das Devoções. Crenças e formas de expressão religiosa. 1. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2013. 312p.

ABREU, J. L. N. (Org.); LUZ, Guilherme Amaral (Org.); **NASCIMENTO, Mara Regina do** (Org.). Ordem Crítica. A América portuguesa nas 'fronteiras' do século XVIII. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 235p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Tramas e texturas da vida religiosa no sertão mineiro do século XVIII: Campo Grande e Paracatu. In: Mara Regina do Nascimento; Mauro Passos (Org.). A Invenção das Devoções. Crenças e formas de expressão religiosa. 201ed.Belo Horizonte: O Lutador, 2013, v. 1, p. 233-260.

PASSOS, Mauro; **NASCIMENTO, Mara Regina do**. A Invenção das Devoções. Crenças e formas de expressão religiosa. Belo Horizonte, 2013. (Prefácio, Posfácio/Apresentação).

Produções de 2011-2010-2009

NASCIMENTO, Mara Regina do; PAULA, Durval Saturnino. Festa e devoção em Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online), v. 9, p. 09-31, 2011.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Práticas de devoção católica e vida religiosa no extremo oeste de Minas Gerais (século XVIII). In: XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Editora ANPUH-SP, 2011. v. 1. p. 1-10.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Devoção católica e representações da morte na Porto Alegre dos séculos XVIII e XIX. ArtCultura (UFU) v. 12, p. 199-213, 2010.

NASCIMENTO, Mara Regina do; Daniela Silveira (Org.); CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro (Org.). Dossiê A liberdade da/na História: conceitos, objetos e práticas de pesquisa: Cadernos de Pesquisa do CDHIS. Edição Ano 23/1 - jan/jun de 2010. 23. ed. Uberlândia: EDUFU, 2010. v. 1. 305 p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. O Poeta e o Historiador: a Folia de Reis na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. Teatro, memória e criação coletiva. In: XVII Encontro Regional de História – Uberlândia-MG, 2010, Uberlândia. Anais do XVII Encontro Regional de História: O Lugar do Conhecimento no Mundo Contemporâneo. Conhecer, Pesquisar e Ensinar História, ANPUH-MG. Uberlândia: Anpuh-MG, 2010.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Religiosidade e Cultura Popular: Catolicismo, Irmandades e Tradições em Movimento. Revista da Católica, v. 1, p. 119-130, 2009.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Fios que se entrelaçam: a Santa Casa de Misericórdia e a Urbanidade em Porto Alegre, no século XIX. In: Centro-Histórico Cultural Santa Casa. (Org.). Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Histórias Reveladas. 1ed. Porto Alegre: Editora da ISCMPA, 2009, v., p. 11-16.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Intercessoras entre o Céu e a Terra: irmandades religiosas e a liturgia católica nos costumes fúnebres em Porto Alegre, nos séculos XVIII e XIX. In: III Simpósio Internacional sobre religiosidades, diálogos culturais e hibridações. Campo Grande - MS. III Simpósio Internacional sobre religiosidades, diálogos culturais e hibridações - ANAIS. Campo Grande: UFMS, 2009.

NASCIMENTO, Mara Regina do. A Irmandade do Rosário de Porto Alegre diante dos controles civis e eclesiásticos, no século XIX. In: XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética, 2009, Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de História. Fortaleza: UFC/Anpuh, 2009. p. 1-20.

Produções de 2006 (recém doutora)

NASCIMENTO, Mara Regina do. Festas religiosas de rua: as irmandades e a expressão leiga da fé. Porto Alegre, século XIX. In: VIII Encontro Estadual de História - História e Violência, 2006, Caxias do Sul. VIII Encontro Estadual de História - História e Violência. Caxias do Sul: Anpuh-RS, 2006.

Produções de 2005- 2004 (doutoranda)

NASCIMENTO, Mara Regina do. As irmandades no meio urbano: práticas funerárias e religiosidade entre os leigos. Porto Alegre, século XIX. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz, 2005, Anpuh, Londrina.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Irmandades religiosas na cidade: entre a ruptura e a continuidade na transferência cemiterial em Porto Alegre, no século XIX. Estudos Ibero-Americanos (PUCRS. Impresso), Porto Alegre, v. XXX, ano 1, p. 85-104, 2004.

Produções de 2000-1998-1997(recém mestra)

NASCIMENTO, Mara Regina do. Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira. In: Maria Tereza Zatti. (Org.). Cadernos Porto & Vírgula - Teses e Dissertações III. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000, v. 18.

NASCIMENTO, Mara Regina do; TORRESINI, Elizabeth (Org.). Modernidade e urbanização no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 170p.

NASCIMENTO, Mara Regina do. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: Nascimento, Mara Regina; Torresini, Elizabeth. (Org.). Modernidade e urbanização no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, v., p. 119-132.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Antropologia e História: redimensionamento de paradigmas e um convite à congregação festiva. Estudos Ibero-Americanos (PUCRS. Impresso), Porto Alegre - RS, v. XXIII, n.1, p. 143-154, 1997.

Apresentação de trabalhos

Algumas participações em eventos, congressos e exposições, como apresentadora de comunicação, de 2024 a 2009:

1. III Congresso Nacional do ProfHistória. Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a História da Morte na Educação Básica. 2024. (Congresso).
2. Vamos falar sobre a morte na escola? Desafios didáticos para um tema sensível. 2024. (Outra).
3. A pós-graduação no INHIS e suas possibilidades. O ProfHistória e suas possibilidades. 2023. (Encontro).
4. XXII Encontro Regional de História da ANPUH MG 2020 - História e produção do presente: narrativas, identidades, intermediações e projetos. Imagens da morte: atitudes e crenças diante da morte e suas formas de expressão. 2020. (Encontro).
5. 30º Simpósio Nacional de História (SNH) - História e o Futuro da Educação no Brasil. Imagens da Morte: crenças, atitudes e símbolos sobre a morte, os mortos e o morrer. 2019. (Congresso).
6. Semana de História da UFU: Um olhar constelar sobre a história. Delírios, narrativas e produções do conhecimento. “A religião está em mim, ou eu que estou nela?” Uma trajetória acadêmica em torno da História, das mortalidades e da religião. 2019. (Simpósio).
7. O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. Abertura do Curso de Extensão: 2018. (Outra).
8. XVIII Encontro de História. Encontro Internacional: História & Parceria. A crença no Purgatório e sua recusa no Manual do Conforto para pessoas angustiadas e doentes, do luterano Johann Gerhard, de 1611. 2018. (Encontro).
9. XXIX Simpósio Nacional de História. Diante dos nós existenciais da vida e da iminência da morte: modos de cuidar e tratar aflitos e enfermos na literatura católica e luterana europeia dos séculos XVII e XVIII. 2017. (Simpósio).
10. Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz - Escola Sem Partido e suas implicações. Escola Sem Partido ou um projeto de intolerância e de poder neoliberal? 2016. (Encontro).
11. Mostra de Pesquisa INHIS/UFU. História, Religião e Morte: as fontes documentais e suas possibilidades. 2016. (Encontro).
12. VII Congresso Internacional Imagens da Morte. Coordenadora da Mesa. 2016. (Congresso).

13. VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Vida urbana e morte cristã. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980). 2015. (Encontro).
14. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. A morte e o morrer no Triângulo Mineiro, nos séculos XIX e XX. Um projeto de pesquisa e suas muitas possibilidades. 2015. (Simpósio).
15. I Colóquio Internacional Ecclesia/Imagens da Morte - Dimensões do Catolicismo entre a vida e a morte na Ibero-América (séculos XVI-XIX). A morte e as associações religiosas de leigos nas tramas da vida religiosa de Paracatu, Minas Gerais (1782-1905). 2014. (Simpósio).
16. XVI Encontro Regional de História Anpuh-Rio - Saberes e Práticas Científicas. Os serviços de assistência ao luto em Uberlândia, no século XX. Apelos ao luxo, conforto e amparo. 2014. (Encontro).
17. Congresso Internacional Concílio de Trento: Restaurar ou Inovar - 450 anos. Esforços para tridentinização: as diretrizes das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e o compromisso da irmandade dos Pretos Livres de Paracatu (Minas Gerais, século XVIII). 2013. (Congresso).
18. Mesa-Redonda - Possibilidades e desafios na formação do historiador. Possibilidades e desafios na formação do historiador. 2013. (Outra).
19. IV Encontro do GT Nacional História das Religiões e das Religiosidades. No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas: entre os cemitérios dos Oitocentos e os 'serviços póstumos' contemporâneos. 2012. (Simpósio).
20. Programa de Formação Continuada com Professores de Ensino Básico. Problematicando conceitos: culturas, linguagens e identidades. 2012. (Outra).
21. XIII Simpósio Nacional da ABHR. Um passado sempre reescrito pelo presente: narrativas das festas populares de negros em Uberlândia-MG. 2012. (Simpósio).
22. 3o. Colóquio Festa e Sociabilidades. Festa e saberes religiosos no oeste mineiro dos séculos XVIII e XIX. 2011. (Congresso).
23. XXVI Simpósio Nacional de História. Práticas de devoção católica e vida religiosa no extremo oeste de Minas Gerais (século XVIII). 2011. (Simpósio).
24. 3º. Encontro Nacional do GT História das religiões e religiosidades - Anpuh. Festa, canto e devoção: a Folia de Reis em uma comunidade rural no interior de Minas Gerais (Cruzeiro dos Peixotos-Uberlândia). 2010. (Encontro).
25. XVII Encontro Regional de História. O Poeta e o Historiador: a Folia de Reis na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. 2010. (Encontro).
26. Ciclo de Debates - História e Cultura: trocando em miúdos. Celebrações religiosas nas ruas de Porto Alegre, nos séculos XVIII e XIX. 2009. (Encontro).
27. Ciclo de Palestras do Curso de História UFU- Religiosidade e Cultura Popular. Um estudo sobre o catolicismo do século XIX: as irmandades religiosas no Sul do Brasil. 2009. (Encontro).

28. I Ciclo de Palestras do Curso de História do Campus do Pontal. A morte e o morrer no século XIX: os cemitérios e a urbanização em Porto Alegre/RS. 2009. (Seminário).
29. III Simpósio Internacional sobre religiosidades, diálogos culturais e hibridações. Intercessoras entre o Céu e a Terra: Irmandades Religiosas e a liturgia católica nos costumes fúnebres em Porto Alegre, nos séculos XVIII e XIX. 2009. (Simpósio).
30. XXV Simpósio Nacional de História. As festas promovidas pela irmandade do Rosário de Porto Alegre, no século XIX, e as táticas de adequação aos controles políticos e eclesiásticos. 2009. (Simpósio).

Produção Técnica

Colegiados - Comissões – Organização de Eventos

Para mim, estar na UFU foi sinônimo de estar em Comissões e/ou Colegiados.

Não me recordo – à exceção dos meses em que estive afastada para tratamento de saúde – se fiquei algum momento sem participar desse tipo de instância democrática da Universidade. Eu diria, brincando, que “não há o que não haja” que eu não tenha me envolvido, seja por interesse pessoal, seja por sentir que era minha obrigação como servidora pública. Foi por gostar, simples assim.

Foram comissões representando o INHIS em Fóruns dentro da Universidade, em assessorias na comunidade externa; houve participação minha em comissões que envolviam reestruturação de Projetos Pedagógicos, reestruturação de Programa de Pós-Graduação, implementação de curso novo de Pós-Graduação, elaboração de Regimentos, Resoluções.

Participação em Comitês Científicos, coordenação de Simpósios Temáticos, Comitês Editoriais, Comissão de Biossegurança, Comissão de Ações Afirmativas, Comissão de Implementação da Lei 10.639, Comissão de Organização de Eventos Científicos, Comissão de Bolsas, Comissão de Relatórios Discentes, Comissão de Planejamento Estratégico, Diretoria da ADUFU, composição de Colegiados de Graduação e de Pós-Graduação, composição do Conselho de Pós-Graduação (CONPEP), Comissão Acadêmica Nacional do ProfHistória (CAN).

Foram incontáveis os pareceres para Revistas Acadêmicas e pareceres de Projetos de Pesquisa em Editais externos e internos de PIBIC, orientação de Monitorias. Foram inúmeros eventos organizados. Enfim, foram tantas as atividades ligadas à gestão e à administração do INHIS e da Universidade que temo cansar o(a) leitor(a) com listagens enfadonhas.

Trarei à baila neste Memorial somente o que eu gostaria de destacar/recordar, e não uma listagem completa das tantas Portarias que me nomearam para tais comissões.

Destaco, primeiramente, a coordenação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, por quase 5 anos, e a coordenação do curso de pós-graduação profissional em ensino de História, por duas gestões consecutivas, que ganharam seções específicas aqui neste Memorial. Foram duas ações como gestora que me deram muitos anos de trabalho, mas também muito tempo de aprendizagem sobre ética, transparência e busca pelas boas práticas do serviço público.

Sempre procurei participar com empenho e dedicação nos colegiados da graduação e da pós-graduação, no Conselho Universitário (CONSUN), no Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação (CONPEP) e em todas as Comissões internas do INHIS. Em termos de colaboração em Comissões, fui atuante nas três que foram, eu creio, de extrema importância para a história do INHIS: a primeira, a refundação do PPGHI, iniciada pelo colega Prof. Newton Dângelo. Esta comissão, chamada *Comissão de Reestruturação da Pós-Graduação em História*, fundou um novo Mestrado Acadêmico no INHIS, como novas Linhas de Pesquisas, disciplinas inéditas e novos princípios norteadores.

A segunda, a que implementou o ProfHistória na UFU, liderada pelo colega Prof. Amon Santos Pinho e a terceira, a que elaborou o novo Regulamento do INHIS, onde eu era a presidenta e estava acompanhada pelos colegas Gustavo de Souza Oliveira e Newton Dângelo. Também me deu muita satisfação ter sido a relatora do processo de implementação do Doutorado Profissional, já sob a coordenação do colega Prof. Guilherme Amaral Luz.

Essa relatoria foi a que deu o início à aprovação, nos Conselhos Superiores da Universidade, do Doutorado Profissional, seu regulamento, suas disciplinas, diretrizes, objetivos e natureza do curso. Ficamos todos e todas felizes quando o novo Programa foi aprovado finalmente no CONSUN.

Na organização de eventos, quero realçar o COEEPHIS – o Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História, que, em 2024, teve a sua segunda edição. Iniciado em 2022, o COEEPHIS é uma jornada bastante ousada, criada pelo colega Gilberto César de Noronha. A coragem e a criatividade são as marcas de Gilberto. E, no COEEPHIS, ele não deixou dúvidas da sua capacidade inventiva. Convidou-me para ajudar a coordenar o maior evento que o INHIS, Instituto de História da UFU, já empreendeu, sob a gestão da colega Maria Andréa Angelotti Carmo, Diretora. Todas as instâncias da unidade foram envolvidas. Em ambientes que produzem muitas coisas, porém separadamente como em

geral são as universidades, o COEEPHIS se diferencia pela proposta de juntar, agregar e trabalhar coletivamente.

Foi assim que Gilberto, em dezembro de 2022 e depois em março de 2024, reuniu o corpo docente, discente, técnico, todas as coordenações de Graduação, Pós-graduação, de Extensão, o Centro de Pesquisa, os Laboratórios, os Núcleos em convergência para colaborarem no evento, cada um com o que tinha a oferecer. De acordo com o site do evento:

“O COEEPHIS tem como objetivo geral articular as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidas em seus cursos de graduação e de pós-graduação e como objetivos específicos: fortalecer a relação universidade/sociedade, divulgando as ações de ensino, extensão e pesquisa por meio da ciência, da tecnologia e da inovação das práticas pedagógicas; debater e tornar públicas à comunidade escolar e ao público em geral as ações, os produtos, processos e intercâmbios desenvolvidos no âmbito dos cursos de graduação em História da UFU, do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) em Rede Nacional (da UFU e da UFG) e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI/UFU); promover a apresentação pública dos resultados das ações de ensino, pesquisa e extensão, objetivando a difusão de conhecimentos, produções educacionais, científicas e tecnológicas desenvolvidas pela universidade e seus parceiros nacionais e internacionais.”



Figura 25 - O I COEEPHIS – “Desafios do Tempo Presente”. A parceria entre o ProfHistória da UFU e da UFG teve aqui o seu início. Fonte: a autora

Coube a mim incluir o ProfHistória. Chamei a querida Sônia Maria de Magalhães, coordenadora do ProfHistória da UFG, em 2022, e o querido Breno Mendes, coordenador do ProfHistória da UFG em 2024, para virem comigo nas duas edições do COEEPHIS.

Em 2024, a continuidade da parceria com a UFG foi mantida graças ao colega Guilherme Amaral Luz, atual coordenador do programa na UFU.

No Congresso, os(as) discentes mestrandos(as) do ProfHistória UFU e do ProfHistória UFG, apresentavam seus projetos de pesquisa em mesas compostas por docentes externos, que eram convidados(as) a comentar os projetos e dar suas sugestões e apreciações. O “Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão ProfHistória UFU e UFG” acontecia dentro da programação do COEEPHIS e era uma espécie de preparação dos estudantes para o momento de suas Qualificações, uma experiência que considero riquíssima.



Figura 26- O I Seminário Interinstitucional do ProfHistória, dentro da programação do I COEEPHIS. A frutífera parceria entre o ProfHistória da UFU e da UFG. Fonte: a autora

Além das mesas de debates com os(as) mestrandos(as), também criamos, eu e Sônia, a sessão “*Conversa com mestres e mestras*”, uma profícua conversa entre egressos(as) da UFU e da UFG que apresentavam a dimensão propositiva de suas Dissertações e trocavam experiências.



Figuras 27 e 26 – “Conversa com Mestres e Mestras”, dentro da programação do I Seminário Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão do ProfHistória UFU e UFG. Fazia parte do COEEPHIS, 2022. Fonte: a autora

Na primeira edição do COEEPHIS, tive a felicidade de ter a participação de meus(minhas) queridos(as) convidados(as) UFG e da UFRJ como palestrantes, mostrando a beleza e a potência do ProfHistória, em Rede. Sônia Maria de Magalhães, Cristiano Nicolini e Mônica Lima e Souza estiveram presencialmente na UFU, para dar mais riqueza e qualidade ao evento.



Figura 27 - Mesa Redonda com colegas da Rede Nacional do ProfHistória, 2022, Profs. Sônia Magalhães e Cristiano Nicolini, da UFG. Fonte: a autora

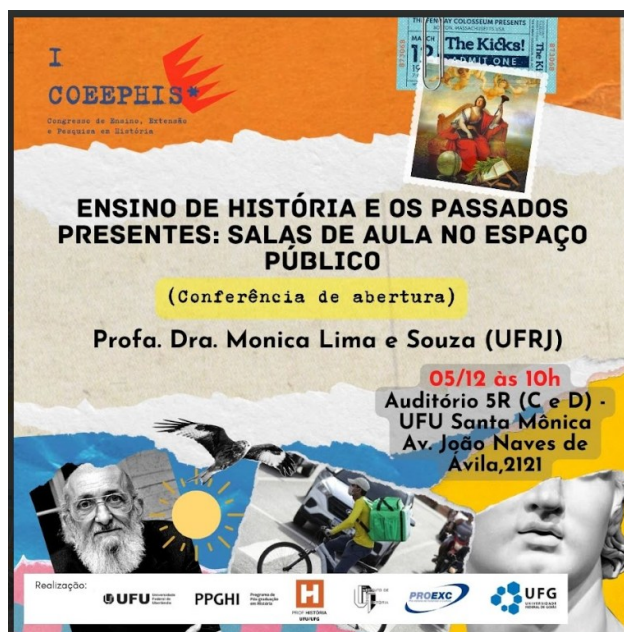


Figura 28 - Conferência de Abertura, 2022. Profa. Mônica Lima e Souza, do ProfHistória UFRJ. Fonte: a autora



Figura 28 - A alegria dos encontros: no I COEEPHIS 2022. Eu e Gilberto com os discentes do ProfHistória, Rogério Medeiros Silva e Jemmerson Antonio de Souza. Fonte: a autora

Em 2024, o COEEPHIS teve continuidade, mostrando que as sementes plantadas em 2022 renderam seus frutos. Eu espero que, em 2025, o INHIS dê continuidade ao COEEPHIS. Apesar dos esforços que são necessários para que ele aconteça, não tenho dúvidas sobre a riqueza de seu retorno. O COEEPHIS vale a pena.

Portal de **Eventos**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Buscar

f t y

Perguntas frequentes

APRESENTAÇÃO PROGRAMAÇÃO INSCRIÇÕES LOCALIZAÇÃO APOIO REALIZAÇÃO

II COEEPHIS*
Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História

A crítica à colonialidade: desafios no ensino, na extensão, na pesquisa e na escrita da história

18 a 22 de março de 2024

Realização: Universidade Federal de Uberlândia, PROPP, PROEXC, UFPA, UFPA, PPGH, LEAH, COCH, UFPA, UFPA

II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS)

'A crítica à colonialidade: desafios no ensino, na extensão, na pesquisa e na escrita da história'

Figura 29 - O II COEEPHIS, em 2024 – “Crítica à Colonialidade”. Pela quantidade de logotipos vê-se a abrangência das parcerias. Feito a muitas mãos. O ProfHistória UFU já sob a coordenação do colega Guilherme Amaral Luz. Fonte: a autora

II COEEPHIS

Programação Geral

Horário	18/03/2024 Segunda-Feira	19/03/2024 Terça-Feira	20/03/2024 Quarta-Feira	21/03/2024 Quinta-Feira	22/03/2024 Sexta-Feira
08:00-09:30	Credenciamento (Bloco 58) (Remoto até o fim do evento)	Miscelânea/Oficinas (Remoto/Presencial)	Miscelânea/Oficinas (Remoto/Presencial)	Miscelânea/Oficinas (Remoto/Presencial)	Conferência 3 (Remoto) Prof. Dr. Carlos Amado (Universidade Mogambique)
09:30-10:30	SOLENIDADE DE ABERTURA Conferência: Maria da Glória de Oliveira - UFPA Presencial: Bloco 58	Simpósio Temático (Remoto/Presencial)	Simpósio Temático (Remoto/Presencial)	Simpósio Temático (Remoto/Presencial)	Simpósio Temático (Remoto/Presencial)
10:30-12:00	Mesas de Debate: Profissionais ...UFPA, UFPA (Remoto)	Mesas de Debate: Profissionais ...UFPA, UFPA (Remoto)	Mesas de Debate: Profissionais ...UFPA, UFPA (Remoto)	Mesas de Debate: Profissionais ...UFPA, UFPA (Remoto)	Mesas de Debate: Profissionais ...UFPA, UFPA (Remoto)
14:00-17:00	Mesas de Debate do IV Seminário Interno do PPGH	Mesas de Debate do IV Seminário Interno do PPGH	Mesas de Debate do IV Seminário Interno do PPGH	Mesas de Debate do IV Seminário Interno do PPGH	Mesa de Debate UFU- COEEPHIS O programa Revitaliza Psicologia na UFPA experiências do núcleo

Figura 30 - II COEEPHIS, 2024, - uma intensa programação. Fonte: a autora

No II COEEPHIS, em 2024, coordenei juntamente com Núbia Tortelli Mendonça, egressa e minha ex-orientanda do ProfHistória, o Seminário Temático “O ProfHistória e o Ensino de História na Educação Básica: proposições, perspectivas, dilemas”. Reunimos, nesse ST, docentes de História da Educação Básica, mestrandos(as), egressos(as) da Rede Nacional do ProfHistória. Interessados(as) em refletir sobre a qualidade das práticas de ensino em sala de aula. O ST recebeu propostas de comunicação país afora para a qualidade do processo ensino-aprendizagem em História para escolas públicas da educação básica.

Segundo Gilberto, os números finais do II COEPPHIS foram: “492 certificados de participação geral (ouvintes), 108 ministrantes (de entre minicursos, STs, palestras, conferências, mesas, oficinas), 300 autores de trabalho (Comunicações em ST, seminários, rodas de conversa), 80 integrantes de Comissões (organizadoras dos diversos eventos, comissões científicas), 90 Monitores, coordenadores de evento e de atividades mais de 1600 certificados/funções/formas de participação, 1800 visualizações de atividades pelo canal do Youtube”. Vida longa ao COEPPHIS!

Outra participação minha como presidenta de comissão, voltada a eventos dentro do INHIS que gostaria de mencionar, foi a ocasião em torno das comemorações dos “50 anos do Curso de História da UFU” há 10 anos. Hoje os(as) docentes estão envolvidos com os 60 anos do curso, sob a coordenação da querida colega Iara Toscano, e há 10 anos uma outra comissão trabalhava para marcar o jubileu do curso.

Foram muitas ações: criação de uma logomarca, exposição de fotos no CDHIS, círculo de palestras, produção de um vídeo documentário, seminários e um festival de artes a céu aberto.

As comemorações em torno da data tiveram também como um dos resultados o vídeo que começou a circular em julho de 2014 no Youtube. Era uma chamada para a semana de comemorações que se seguiria:

https://www.youtube.com/watch?v=KW9_VIPcpZw&t=32s

(Os 50 anos do Curso de História da UFU)



Os 50 anos do Curso de História da UFU

Figura 31 - Vídeo no Youtube em torno das comemorações dos 50 anos do curso de História, comissão que presidi, com muita honra, em 2014.

Participam do vídeo a Profa. Maria Clara Machado e o ex-aluno Hugo Martins. Fonte: a autora.

Criamos ainda um concurso de criação de uma logomarca para o ano de 2014. A vencedora foi esta, criada pela discente Bruna Pereira Rosa, do curso de Arquitetura.



Figura 32 - A logomarca vencedora do concurso que lançamos na UFU em comemoração aos 50 anos do Curso de História, em 2014. Fonte: a autora

Para concluir essa seção deste Memorial, é preciso observar que o COEEPHIS significou muito para mim como coordenadora do ProfHistória, pois foi este Congresso que possibilitou dar vez e voz aos(as) nossos(as) colegas da Educação Básica, para poderem ter seu espaço de reflexão de forma crítica e criativa.

Mas a organização e coordenação de outros eventos, não ligados ao ProfHistória, também tiveram grande significado para minha trajetória acadêmica. Sobre estes tratarei mais adiante na seção sobre as minhas ações extensionistas como: o Eixo 1 - “Culturas e Linguagens”, do Programa de Formação Continuada com Professores da Educação Básica - PROEX-UFU; o curso sobre o golpe de 2016 e meu contato emocionante com os violeiros da comunidade dos Cruzeiros dos Peixotos.

Breve recapitulação da produção técnica, partindo do presente:

2024

Colegiado do ProfHistória UFSM, 2024

Comissão Acadêmica do ProfHistória - CAN, 2024

Coordenação de sessões de Grupos de Reflexão Docente (GRD) do III Congresso Nacional do ProfHistória “10 anos de ProfHistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História”, Universidade Federal do Pará, 2024

Coordenação de Simpósio temático da atividade de extensão - II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS), 2024

2023 - 2022 - 2021

Comissão Acadêmica do ProfHistória - CAN, 2023

Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – ProfHistória UFU até setembro, 2023

Coordenadora do Congresso NEPHISPO – COEEPHIS, 2023

Coordenadora do Ciclo de Debates LEAH/ProfHistória, 2023

Coordenadora do I Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória, 2023

Relatora do processo de reformulação do Regulamento do PPGEH e de reforma no currículo do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História Portaria PPGEH-UFU nº 34, de 01 de agosto de 2023

Relatora da Proposta de adesão da UFU ao curso de Doutorado Profissional em Ensino de História em rede nacional, 2023

Substituta Eventual do Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional do Instituto de História UFU, entre setembro e dezembro de 2023

Comissão Acadêmica Local (CAL); Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, COLPROFHIST, 2023

Conselho de Pós-Graduação (CONPEP), 2023

Coordenadora do Congresso NEPHISPO – COEEPHIS, 2022

Coordenadora do Ciclo de Debates LEAH/ProfHistória, 2022

Coordenadora do II Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória, 2022

Comissão Executiva da atividade de extensão I Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão do PROFHISTÓRIA - UFU e UFG, 2022

Presidência da Comissão para apresentação de proposta de Regimento Interno para o Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia - Portaria de Pessoal UFU n. 3575, de 22 de julho De 2022

Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – ProfHistória UFU, 2022

Comissão Acadêmica Local (CAL); Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, COLPROFHIST, 2022

Conselho de Pós-Graduação (CONPEP), 2022

Membra da Comissão Interna de Biossegurança do Instituto de História para o monitoramento e acompanhamento das ações da Unidade Acadêmica, em face da pandemia mundial de Covid-19. Portaria DIRINHIS no 4, de 05 de fevereiro de 2021

Coordenadora do Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória, 2021

Coordenadora do Ciclo de Debates LEAH/ProfHistória, 2021

Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – ProfHistória UFU, 2021

Comissão Acadêmica Local (CAL); Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, COLPROFHIST, 2021

Conselho de Pós-Graduação (CONPEP), 2021

2020 – 2019 – 2018

Coordenadora do Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória, 2020

Coordenadora do Ciclo de Debates LEAH/ProfHistória, 2020

Comissão Acadêmica Local (CAL); Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, COLPROFHIST, 2020

Comissão de Bolsas PORTARIA PPGHI Nº 11, DE 07 DE OUTUBRO DE 2020

Comissão Avaliação e Planejamento PORTARIA PPGHI Nº 5, DE 25 DE MARÇO DE 2020

Editora-adjunto da “Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer”, 2020

Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – ProfHistória, 2020

Comissão Acadêmica Local (CAL); Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, COLPROFHIST, 2020

Conselho de Pós-Graduação (CONPEP), 2020

Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional - ProfHistória do Instituto de História- Portaria REITO nº 692, de 21 de junho de 2019

Membra Colegiado PPGHI, 2019

Membra da Comissão de Reestruturação do PPGHI UFU - Portaria UFU, PPGHI Nº 2, de 18 de janeiro de 2019; Portaria PPGHI nº 17, de 28 de outubro de 2019

Membra da Comissão de Avaliação e Planejamento do PPGHI Portaria PPGHI nº 3, DE 02 de abril de 2019

Membra Comissão de Bolsas do PPGHI. Portaria PPGHI Nº 5, de 02 de abril de 2019

Editora-adjunto da “Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer”, 2019

Diretoria da ADUFU, 2019

Membra Comissão de Bolsas do PPGHI. Portaria SEI PPGHI Nº 14, de 29 de outubro de 2018

Membra da Comissão de Avaliação e Planejamento do PPGHI. Portaria SEI PPGHI Nº 9, de 26 de setembro de 2018

Coordenação do Simpósio Temático "Imagens da Morte: saberes e investigações interdisciplinares sobre a morte, os mortos e o morrer". In: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias - *campus* Gragoatá da Universidade Federal Fluminense, 2018

Coordenadora de mesa 'Da República Velha à República de Curitiba: entre golpes e retrocessos a apontamentos históricos sobre uma democracia violentada', 2018

Coordenação dos Seminários do NEPHISPO 2018: a BNCC e os enquadramentos da Educação Brasileira Contemporânea

Coordenadora do Curso de Extensão “O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil”, 2018

Editora-adjunto da “Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer”, 2018

Diretoria da ADUFU, 2018

Membro Colegiado PPGHI, 2018

2017 – 2016 – 2015

Comissão julgadora de Processo Seletivo simplificado para contratação de Professor Substituto para o Instituto de História/UFU, 2017

Editora-adjunto da “Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer”, 2017

Diretoria da ADUFU 2017

Palestra no CEMEPE- Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – Secretaria Municipal de Educação, Uberlândia – Conferência em Mesa Redonda “O Projeto de Lei 867/15 (Escola Sem Partido) e suas implicações”: Conferência: “*Escola Sem Partido ou um projeto de intolerância e de poder neoliberal?*”, 2016

Membro do Comitê Científico do VII Congresso Latino-americano Imagens da Morte. São Paulo, 2016

Editora-adjunto da “Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer”, 2016

Membro da Comissão de Elaboração de Propostas para a Promoção do Estudo e do Desenvolvimento da Educação em Direitos Humanos no âmbito da UFU [PORTARIA/PROGRAD NO. 003A DE 12 DE MAIO DE 2016]

Membro do Colegiado da Graduação, 2016

Membro da Comissão Científica do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, São Paulo, 2015

Coordenação do Simpósio Temático: A morte, o morrer e os mortos na Iberoamérica: história, representações e novos problemas. ANPUH- 27 e 31 de julho, 2015 Florianópolis- UFSC

Coordenadora do LEAH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História), 2015

Membro do Colegiado da Graduação, 2015

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História 2015

2014 - 2013 – 2012

Presidente da Comissão “Comemoração dos 50 anos do Curso de História da UFU” 2014

Coordenadora do LEAH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História)2014

Coordenação da Linha de Pesquisa "Política e Imaginário", no PPGHIS/UFU, 2014

Membro Colegiado PPGHI, 2014

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História 2014

Coordenadora de atividades do Eixo 1 - Linguagens e Culturas do(a) Programa de Formação Continuada Com Docentes da Educação Básica, promovido(a) pelo(a) Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) da Universidade Federal de Uberlândia 2013

Membro da Comissão julgadora do Concurso Público para Professor da Carreira de Ensino Básico, Técnico E Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU [ESEBA] Edital Nº 067/2013 – Área De História.

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História 2013

Coordenação da Linha de Pesquisa "Política e Imaginário", no PPGHIS/UFU, 2013

Membro Colegiado PPGHI, 2013

Membro do Programa de Formação Continuada com Professores da Educação Básica/PROEX/UFU 2012

Coordenadora do GT 22: “Tradições religiosas no Brasil – festa, devoção e misticismo”. XIII Simpósio Nacional da ABHR, São Luiz MA, maio 2012.

Coordenadora do Eixo 1 “Culturas e Linguagens” no Programa de Formação Continuada com Professores da Educação Básica/PROEX 2012

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História 2012

Coordenação da Linha de Pesquisa "Política e Imaginário", no PPGHIS/UFU, 2012

2011 – 2010 - 2009

Membro Integrante da “Comissão dos trabalhos para discutir e aprovar a inclusão, nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da UFU, dos conteúdos e atividades curriculares relacionados com a Educação das Relações Étnico-Raciais”, conforme PORTARIA/PROGRAD N. 005 de 17 de maio de 2011

Membro da Comissão de Estudo para viabilizar a implementação da Lei n. 10.639/2003 e Resolução n. 1/2004 nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Graduação da UFU. PROGRAD/DIREN - Portaria/PROGRAD Nº 005 DE 17/05/2011

Membro da Comissão para realizar estudos e atualização das Normas de Funcionamento do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, conforme PORTARIA/001/2011/INHIS, de 17 de março de 2011

Membro da Comissão para realizar estudos e implementação da Coordenação e Extensão do INHIS/UFU, conforme PORTARIA/002/2011/INHIS, de 17 de março de 2011

Membro da comissão do Núcleo Docente Estruturante, conforme PORTARIA/003/2011/INHIS, de 17 de março de 2011

Coordenadora do Simpósio Temático 112: “Os sentidos da devoção – crenças e formas de expressão religiosa”. XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, São Paulo, julho, 2011

Coordenadora do Simpósio Temático 07: “Catolicismo e tradições religiosas: narrativas e memória”. 3o. Colóquio Internacional *Festa e Sociabilidades*. Belo Horizonte, UFMG, 31 de agosto a 02 de setembro de 2011

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, 2011

Assessoria Acadêmica à Comissão de Reformulação das Diretrizes do Ensino de História da Rede Municipal de Uberlândia – CEMEPE, 1010

Curso de Formação Continuada CEMEPE/UFU/PROEX. Atividade de Extensão: “América portuguesa: memórias e leituras do passado”, 1010

Membro da Comissão Científica do IV ENESCPOP – Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares- PROEX/UFU, 2010

Membro da Comissão Científica na I Semana de História do Pontal FACIP/UFU, 2010

Organizadora da Exposição: O Poeta e o Historiador: a Folia de Reis na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. Teatro, memória e criação coletiva, 2010

Membro Integrante da Comissão para Elaboração do Projeto para o Programa de Consolidação das Licenciaturas – PRODOCÊNCIA, 2010

Membro da Comissão para avaliar o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História da UFU, 2010

Coordenadora do LEAH – Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, 2010

Membro do Comitê de Pareceristas ad hoc, para análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos e Projetos de Graduação, junto à PROGRAD, Portaria n. 003 de 3/9/2009

Membro da Comissão Científica da Semana de História 2009 e X Encontro de Professores de História do Triângulo Mineiro, 2009

Membro da Comissão Organizadora do VII Encontro Nacional Perspectiva para o Ensino da História, 2009

III d. Atividades de extensão: quatro ações que me conectaram com o universo além dos muros da universidade

Há ações que nos orgulham em nossa carreira docente. Por quê? Acredito que é porque produzem paixões, porque nos colocam em conexão com sujeitos que não estão na Universidade, mas que podem se beneficiar graças ao que ela oferece. E nós, docentes, podemos ser os agentes dessa conexão.

As ações de extensão nos ajudam a perceber a diferença entre educação e escolaridade, como nos diz o estudioso da cultura brasileira Luiz Antônio Simas. A educação é algo muito mais amplo. A educação pode se dar nas cozinhas coletivas, nas festas religiosas, no terreiro, nas conversas com as pessoas mais velhas, nos quilombos, nas rodas de samba. Educação é um fenômeno que acontece o tempo todo. Aprendi o que é educação em Cruzeiros do Peixotos, em 2010, e isso fez toda a diferença na minha vida.

O envolvimento em formulação de políticas públicas, em iniciativas promotoras de inclusão social ou de divulgação do conhecimento, nem sempre são iniciativas cotidianas nas universidades. Mas, quando as realizamos, apesar do trabalho que dão e da energia que é preciso despender, o fruto é de uma recompensa incalculável. Sair de nossos gabinetes e voltar-nos para as ações de extensão vale muito a pena.

Quero dar destaque e lembrar aqui neste Memorial quatro ações que considero fundamentais por terem me conectado com comunidades que estão além dos muros da universidade: a pesquisa sobre a Folia de Reis na comunidade de Cruzeiros dos Peixotos; a coordenação do LEAH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História); a coordenação do Eixo 1 “Culturas e Linguagens”, do Programa de Formação Continuada com Professores da Educação Básica - PROEX-UFU e o Curso de Extensão sobre o Golpe de 2016.

O Poeta e o Historiador (2010)

Em 2010, recém ingressante como docente na UFU, fui convidada/provocada/instigada pelo querido Durval Saturnino Cardoso de Paula, aluno do curso de História, a submeter projeto num Edital promovido pela Pró-reitoria de Extensão da UFU. Eu mal sabia, nessa época, o que era a Extensão, como se submetia um projeto de pesquisa, mal conhecia os trâmites universitários, não tinha ideia do que eram as festas religiosas de Minas Gerais. Mas foi Durval quem me conduziu, me inseriu neste universo, com toda a sua energia, entusiasmo e inteligência. Foi, sem dúvida, a experiência mais bonita que tive.

No ano de 2010, todos os meus finais de semana passaram a ter a rotina de pegar o carro e dirigir até o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, distante 30km da minha casa, para conhecer os(as) moradores(as), gravar entrevistas, fazer registros fotográficos, e conversar com os artistas da Folia de Reis, violeiros, poetas e cantadores, mas também as mulheres cozinheiras e festeiras.

Durval era morador do Cruzeiro e sabia valorizar como ninguém a cultura local. Com ele, submeti o projeto “*O Poeta e o Historiador: a Folia de Reis na comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. Teatro, memória e criação coletiva*” num dos editais da PROEX e fomos aprovados com bolsas e financiamento. O projeto envolvia muita gente: a Associação de Moradores do Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, o Grupo Comunitário de Teatro, a Escola Municipal José Marra da Fonseca, moradores(as), as estagiárias Vitória Elisa da Silva e Adriene Maycol Santos Bernardes, além de colegas da UFU, os queridos Luiz Carlos Leite, dramaturgo, e Vilma Campos dos Santos Leite, atriz e professora ligada à Pedagogia do Teatro, ambos do IARTE, Instituto de Artes das UFU.

Em um trecho do projeto submetido, dizíamos:

“A partir dos versos cantados pelo capitão da folia “Folia de Reis”, e também dos relatos dos foliões, de pessoas da comunidade e de documentação de natureza diversa (fontes orais, escritas

e materiais) objetiva-se construir, ao longo do período coberto pelo financiamento previsto neste projeto, uma peça teatral (um Auto de Natal) de cunho histórico/artístico/cultural. Partindo do ponto de vista dos moradores, objetivamos compreender, retratar e (re)construir a anunciação, o nascimento do Cristo e a visita dos Três Reis Magos. Parte fundamental de uma das festas mais conhecidas no Brasil, desde o período colonial, e em toda a Uberlândia e região, “a festa de Santos Reis” (que no distrito ocorre duas vezes ao ano, nos meses de janeiro e julho), é uma das manifestações populares mais características da comunidade do Cruzeiro dos Peixotos. Esta manifestação acompanha a história do distrito, bem como daqueles que atravessam os tempos renovando esta tradição de geração em geração”.

E, assim, com este propósito, eu, Durval, Luiz e Vilma coordenamos a pesquisa sobre a Folia de Reis e criamos uma peça teatral encenada pelas crianças da escola local e pelos(as) moradores(as) do Cruzeiro dos Peixotos. O resultado de meses de trabalho foi a entrega à comunidade de uma série de produtos culturais e artísticos, feitos com a efetiva participação de muitas pessoas do Distrito: a montagem de uma peça teatral, uma feira de artesanato, um vídeo documentário, exposição de fotos, o registro da própria festa *in loco* e, por fim, atendendo à academia, um artigo sobre o Cruzeiro dos Peixotos, publicado na revista científica *Horizonte*, conforme já citado neste Memorial.

Essa ação extensionista marcou a minha vida. O que aprendi com os(as) moradores(as) ficará eternamente gravado em meu coração. Obrigada, Durval Saturnino Cardoso de Paula.



Figura 33 - Seu José Florindo de Castro, morador antigo do Cruzeiro dos Peixotos nos concede uma entrevista. Pessoa de muita sabedoria. Fonte: a autora



Figura 34 - Folder Convite - Frente (dezembro 2010). Fonte: a autora



Figura 35 - Folder Convite - Verso (dezembro 2010). Fonte: a autora

Para o interior do folder de divulgação produzimos o texto:

O que particulariza a *Folia no Cruzeiro*? Como compreender, na busca de um horizonte conceitual, as interações sociais, um modo de ser e estar no mundo, os mistérios da fé? Que tipo de entrega religiosa é essa capaz de provocar hibridizações culturais, deslocamentos de práticas no tempo e no espaço e a desestruturação de premissas consolidadas? A *Festa de Reis do Cruzeiro* é surpresa para os visitantes, é desconcertante para os pesquisadores. Encontram quase nada do que esperavam: no lugar de uma comemoração alegre, partilham com os moradores momentos de emoções intensas, mergulho de si, investimento na interioridade. O *Cruzeiro* confirma as impressões de George Bataille para quem a festa é “ *fusão da vida humana*”, “*é uma conciliação amigável e cheia de angústia entre as necessidades incompatíveis*”¹¹, ou ainda, ilustra as palavras de Roger Callois: “*as*

¹¹ BATAILLE, G. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993 (1973), 45.

*cerimônias religiosas transtornam a alma dos fiéis. Se a festa é o tempo de alegria, é também o tempo da angústia*¹².

É junho. Ao lado dos mastros enfeitados de fitinhas coloridas com a imagem de São Antônio, em pleno período de comemoração das festas juninas, é possível acompanhar pelas ruas os ternos de violeiros que encarnam os *Santos Reis*, deslocados de um enquadramento temporal que os congelaria no período do Natal. O Capitão da Folia pede licença para entrar na casa de um devoto, que o recebe com respeito, gratidão e compaixão. A cantoria em torno do nascimento de Jesus se inicia, porém não muito distante dali um grupo de moradores trabalha intensamente na montagem de barracas e bandeirinhas. Afinal, está-se em junho! Numa noite fria, em pleno dia 24 de julho, um público em torno de mil pessoas circula pelo Distrito para festejar a chegada do *Terno de Santos Reis*, que peregrinou por nove dias, de casa em casa, cantando e recolhendo esmolas para compor a festa. Todos apreciam o presépio, os versos sobre o nascimento do Salvador recitados pelo Capitão, os arcos floridos dos Reis Gaspar, Baltasar e Melchior e aguardam um farto jantar que vem sendo preparado por cozinheiras insones desde o dia anterior. No entanto, está-se agora em julho!

Mas o que importa? A festa não é ela própria a exposição de nossos antagonismos e possibilidades de transgressão? “*A festa permite a vivência plena, um modo coletivo surpreendentemente denso e afetivo de se estar... um meio pelo qual as pessoas trocam entre si afetos e sentidos*”¹³. Então, não importam as datas oficializadas pelo calendário canônico. Têm valor, antes, a demonstração da fé, o cumprimento da promessa feita e o agradecimento pela graça recebida. Os moradores do *Cruzeiro dos Peixotos* são isso: especialistas na arte da devoção. A devoção é um saber que se transmite, que faz circular as práticas do ensinar e aprender o catolicismo. Os foliões e os devotos do *Cruzeiro* são os responsáveis por cumprir uma missão: a obrigação que foi deixada a eles pelos *Três Reis Santos*.

¹² CALLOIS, R. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988 (1950), p. 97.

¹³ BRANDÃO, C. R. *Prece e Folia, Festa e Romaria*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010, p. 27.

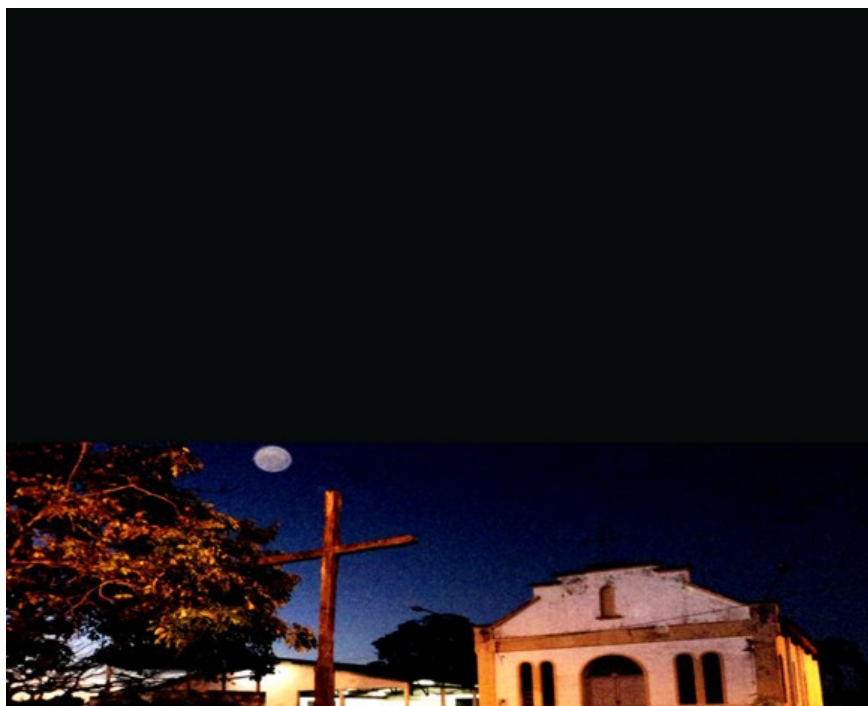


Figura 36 - O Cruzeiro dos Peixotos numa noite enluarada. 2010. Fonte: a autora



Figura 37 - Morador de Cruzeiro dos Peixotos portando o estandarte do Divino. 2010. Fonte: a autora



Figura 38 - O estandarte do Divino de Cruzeiro do Peixotos: devoção, pedidos e agradecimentos. 2010. Fonte: a autora



Figura 39 – Vilma Campos dos Santos Leite, sentada, de blusa azul, trabalha expressão corporal com o grupo de teatro formado por crianças de Cruzeiro dos Peixotos. 2010. Fonte: a autora



Figura 40- Vilma Campos dos Santos Leite, em pé, trabalha expressão corporal com o grupo de teatro formado por crianças de Cruzeiro dos Peixotos. 2010. Fonte: a autora



Figura 41 – Luiz Carlos Leite, ao fundo de blusa azul, trabalha com o grupo de teatro de crianças de Cruzeiro dos Peixotos. 2010. Fonte: a autora



Figura 42 - Mulheres na cozinha comunitária de Cruzeiro dos Peixotos preparam a festa do Divino. Folias de Reis. 2010. Fonte: a autora



Figura 43 - Panelas ao fogo, uma farta refeição será servida. 2010. Fonte: a autora



*Figura 44 - O grande dia: a festa em louvor aos Santos Reis, na comunidade de Cruzeiros dos Peixotos. 2010.
Fonte: a autora*

Essa experiência com a comunidade do Cruzeiro dos Peixotos me fez compreender algo que, como gaúcha, não tinha dimensão: a religiosidade do povo mineiro é cultivada, é explícita e faz parte do tecido social. No Sul, há um certo orgulho pela secularização da vida cotidiana e das instâncias do poder. No Sul, a religiosidade popular existe, certamente, mas não é tão confessa, tão manifesta, difundida e a historiografia regional tem responsabilidade nisso, como demonstrei em minha Tese de Doutorado. Em Minas, o louvor aos santos é desejado, esperado, preparado ano a ano. Santos Reis, Congada, São João, Divino, Cavalhada e tantas outras festas religiosas de rua ocupam verdadeiramente corpos, corações e mentes.

Eixo 1 “Culturas e Linguagens” (2012 e 2013)

Em 2012, fui convidada para coordenar o “Eixo 1 - Cultura e Linguagens” juntamente com os queridos colegas Rosa Maria Pelegrini e André Luis Batista Martins, ambos, à época, professores da Rede Municipal de Educação de Uberlândia e coordenadores no CEMEPE, respectivamente, da área de História e do Núcleo de Tecnologia e Educação.

O CEMEPE é o *Centro de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz*, um núcleo de formação continuada da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Oferece cursos, formação, material pedagógico e oficinas aos docentes da Educação

Básica Municipal. É um espaço de excelência na formação e acompanhamento de docentes das escolas municipais de todas as áreas. Fazer parte do CEMEPE é uma honra.

No ano de 2012, no curso de formação que ajudei a coordenar, tivemos a participação, entre outros(as), da Profa. Christina Lopreato, historiadora da UFU, que palestrou sobre “*Educar para a paz: ensinamentos de Gandhi*”, do Prof. Benedito Présia, da área de Etnologia Indígena, especialista na história da resistência indígena, que lançou seu livro *Brasil Indígena* e palestrou sobre aspectos da cultura originária do Brasil, e do Prof. Fernando Seffner, da UFRGS, especialista em Ensino de História, que foi a Uberlândia para proferir a palestra de encerramento da programação de 2012 “*Saberes da docência, saberes das disciplinas e os imprevistos da sala de aula: como conciliar?*”.

Em 2013 contamos com a participação, entre outros(as), da profa. Luciene Lehmkuhl, à época historiadora da UFU, prof. Hélio Ferreira Ferrari, especialista em Educação Científica e em Informática na Educação, prof. Julvan Moreira de Oliveira, docente no departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, profa. Carla Miucci Ferraresi, historiadora da UFU, Profa. Jorgetânia Ferreira, historiadora da UFU, profa. Vilma Campos dos Santos Leite e Luiz Leite, ambos professores de teatro da UFU. Todos(as) eles(as) docentes do ensino superior que, a nosso convite, se envolveram generosamente com a formação continuada de colegas da Educação Básica.

Esta é outra ação extensionista da qual me orgulho de ter atuado. Passamos os anos de 2012 e 2013 reunindo centenas de docentes para oferecimento de palestras, oficinas, minicursos, material de apoio etc. Os finais de semana eram reservados para esses encontros, que lotavam alguns dos auditórios da UFU, onde cabiam de 300 a 200 pessoas. Eram encontros que envolviam muita gente: alunos(as) bolsistas da UFU, voluntários do LEAH, docentes colaboradores (as). Uma força tarefa incrível para manter a participação de professores e professoras já tão atarefados e cansados do dia a dia na escola.

Os cursistas eram professores(as) de várias áreas do conhecimento, vindos(as) da Redes Municipal e Estadual, da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e estudantes de graduação, que já ministravam aulas em escolas públicas ou particulares. Os módulos de cada eixo aconteciam aos sábados e tratavam de questões variadas, como, diversidade cultural, gênero, linguagens e práticas docentes, inclusão digital, meio ambiente, questões indígenas e africanas, etc.



Figura 45 - Da esquerda para a direita: a bolsista Lílian Carvalho de Miranda, eu, André, Jorgetânia (docente convidada a palestrar) e Rosa no encerramento do curso de formação continuada de 2013. Fonte: a autora

Eixo 1 - Linguagens e Culturas
Programa de Formação Continuada com Professores do Ensino Básico da Proex/UFU

Início Programação Não Presencial Arquivos Álbuns Vídeos Site Contato

Imaginação, criatividade e fantasia no processo ensino/aprendizagem

quinta-feira, 7 de fevereiro de 2013

Inscrições abertas! Programa de Formação 2013
Estão abertas as inscrições para o Programa de Formação Continuada 2013.

Seminário de Abertura
Data: 02/03/2013
Horário: 8h
Local: Anfiteatro 3 Q - Campus Santa Mônica - UFU

Veja os detalhes de cada eixo temático. Escolha um deles e faça sua inscrição!

Eixo 1 - Linguagens e Culturas - Propõe reflexão, debates, palestras, leituras e oficinas que visam a problematizar e ampliar o conhecimento das diferentes linguagens da social - literária, matemática, oral, corporal, musical, poética, teatral, cênica e visual em suas diversas formas de manifestação na cultura contemporânea - popular, escolar, científica e da indústria cultural. O curso compreende atividades presenciais e as respectivas aulas não presenciais. **INSCREVA-SE!**

Eixo 2 - Gênero, Raça e Etnia - Desenvolve ações nas temáticas de Gênero, Raça e Etnia com enfoque nas alterações da LDB da Educação trazidas pelas Leis nº. 10.639/2003 e 11.645/2008, que obrigam a Educação para as Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena nos estabelecimentos de ensino públicos e privados. O Eixo-2 conta com a parceria do Canal Futura com a Metodologia do Projeto A Cor da Cultura. **INSCREVA-SE!**

Eixo 3 - Meio Ambiente e Saúde - Propõe discutir os problemas ambientais locais, regionais e mundiais, usando uma metodologia de ações teórico-práticas, que contribua efetivamente com a formação de "habitus" educativos para a preservação e conservação do meio em que vivemos, a partir de uma visão globalizada do tema, permeando pelas diversas áreas do conhecimento e dentro das perspectivas da Agenda 21, da legislação da legislação ambiental e implementação da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9.795/99). **INSCREVA-SE!**

Eixo 4 - Diversidade, Equidade e Inclusão Digital - O eixo 4 propõe realizar cursos que tem como objetivo contemplar estudos e reflexões acerca das temáticas sobre inclusão, equidade e diversidade, esta versão teremos Mídias na educação e comunicação, reflexões e intervenção na prática de EJA com foco na formação básica de futuros professores como também revisar prioritariamente vivências dos professores que atuam na escola pública. **INSCREVA-SE!**

Seminário de Abertura
Data: 02/03/2013
Horário: 8h
Local: UFU - Campus Santa Mônica

Mais informações através do site: www.rede.proex.ufu.br/index08
Bookmark and Share

Postado por Rosa Maria Pelegrini às 13:50

Nenhum comentário:
Postar um comentário

Postagem mais recente Página inicial Postagem mais antiga

Assinar: Postar comentários (Atom)

Visualizações
54,190

Encontros 2013
Google

Pesquisar este blog
Pesquisar

Arquivo do blog
fevereiro (1)

Eixo1 no Face
Facebook

Translate
Selecione o idioma
Powered by Google Tradutor

+ visitadas
Encontro 07 de dezembro presencial
Inscrições abertas! Programa de Formação 2013

Figura 46 - O blog do “Eixo 1- Cultura e Linguagens” mantido por Rosa Pelegrini. Um sucesso entre os professores(as) que se informavam por meio dele. 2013. Fonte: a autora

CRONOGRAMA - PROGRAMA FORMAÇÃO CONTINUADA – 2013 EIXO UM – Linguagens e Culturas**Curso: “Imaginação, criatividade e fantasia no processo ensino/aprendizagem”****Horário: Somente aos sábados, sempre às 8h, no Campus Santa Mônica da UFU.**

DATA (s)	Local	ATIVIDADE (s)	CH	PALESTRANTE (s)
02/03	3Q	Abertura – Rede UFU - Coletivo	4h	Coordenadores do Programa
16/03	Auditório 5 “O” A	O erro, a cabra e as cartas na mesa: criatividade/imaginação/fantasia na sala de aula.	4h	Profª Dra. Luciene Lehmkuhl (INHIS/UFU)
06/04	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Coordenadores do Eixo
20/04	Bloco 5 “O” Auditório A e B	Contação de Histórias: estratégia metodológica para formação de leitores	4h	Profª. Esp. Kátia Cristina Souza (PMU) Profª. Ma. Mariana Batista Nascimento (UFU)
04/05	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	No blog do Eixo 1
18/05	Bloco 5 “O” Auditório C e D	Criação de Podcasts (áudios) educativos	4h	Prof. Me. Hélio Oliveira Ferrari (Faculdade Pitágoras)
25/05	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Coordenadores do Eixo
08/06	Blog do Eixo	Atividade transferida para o dia 06/07	4h	Transferida
22/06	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Coordenadores do Eixo
06/07	Bloco 5 “O” Auditório A e B	A constituição de sujeitos e educação na Antropologia do Imaginário	4h	Prof. Dr. Julvan Moreira de Oliveira (Faculdade de Educação/UFJF)
09/08 - a partir das 18h	Campus Sta. Mônica (3Q)	Seminário Coletivo do Programa de Formação Continuada (CRENCIAMENTO)	4h	Profª Dra. Maria Inês Vasconcelos Felice
09/08 - 19h	Campus Sta. Mônica (3Q)	Seminário Coletivo do Programa de Formação Continuada (Abertura/mesa-redonda)		Profª Dra. Valeska Virgínia Soares Souza
09/08 - 21h	Pátio Interno do Bloco 5 “O”	Coquetel e Show		Prof. Dr. Waldenor de Barros Moraes Filho
10/08	Campus Sta. Mônica (5Q)	Seminário Coletivo do Programa de Formação Continuada	8h	Grupo Trio Brasil
24/08	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Prof. Dr. Hélio Ferrari Prof. Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros Prof. Dra. Beloni Cacique Braga Prof. Ms. Conceição Oliveira Prof. Esp. Cleber Ferreira Oliveira
14/09	Campus Sta. Mônica (5Q) A e B	As redes Sociais: possibilidades e Limites	4h	Coordenadores do Eixo
28/09	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Prof. Esp. Cleber Ferreira Oliveira Profa. Me. Maria Rosalina Pereira Miguel
05/10	Bloco 5 “O” Auditórios A e B	Teatro e sala de aula: fantasia e aprendizagens	4h	Coordenadores do Eixo
26/10	Bloco 5 “O” Auditórios C e D	Criação de Material Didático no contexto digital	4h	Prof. Me. Luiz Leite (IARTE/UFU) Prof. Dra. Vilma Leite (IARTE/UFU)
09/11	Blog do Eixo	Atividade não presencial	4h	Prof. Me. Rosa Maria Pelegrini Prof. Me. André Luís Batista Martins
30/11	Blog do Eixo	Atividade Não Presencial	4h	Coordenadores do Eixo
07/12	Bloco 5 “O” Auditórios C e D	O universo da docência com adolescentes e jovens na contemporaneidade	4h	Coordenadores do Eixo
				Profª Dra. Jogertânia Ferreira (INHIS/UFU)

Figura 47 - Em 2013 uma intensa programação - Eixo 1. Fonte: a autora

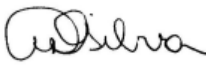
 Universidade Federal de Uberlândia			
Certificado			
Certificamos que Mara Regina do Nascimento			
participou como Coordenador do(a) Linguagens e Culturas – Diversidade Cultural e Ensino promovido(a) pelo(a) Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) da Universidade Federal de Uberlândia, realizado(a) no período de 25/02/2012 a 08/12/2012, com carga horária de 120 horas.			
			
Prof. Dra. Dalva Maria de Oliveira Silva Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantes		Uberlândia (MG), 06 de Março de 2013.	
Autenticação Eletrônica de Certificados de Extensão: b641.2a06.5504.d0da.51b1.8384.ca05.f1ba - em 06/03/2013. Para verificar a autenticidade desse certificado, acesse: www.ufu.br/proex/ufu/certificados/validar			
Linguagens e Culturas – Diversidade Cultural e Ensino			
PROPOSTA Os cursos do Eixo 1 – Linguagens e Culturas - trabalham diferentes linguagens - verbal, visual, corporal, musical, matemática, poética, literária - e diferentes culturas - popular e científica. Buscamos possibilidades prático-reflexivas de caráter interdisciplinar em ações educativas, priorizando a escola, mas também olhando a educação que permeia a sociedade. Visamos promover a discussão acerca dos estudos multiculturais na educação, integrando as diferentes áreas de conhecimento; realizar a formação continuada dos professores do ensino básico por meio de encontros, atividades coletivas, palestras e seminários; criar possibilidades de leituras e escrituras do mundo, reconhecendo as diferenças culturais e individuais. Bem como atividades interativas com o uso de um espaço virtual (blog) em www.eixo1.blogspot.com.			
OBJETIVO GERAL Realizar a formação continuada de profissionais de educação básica das redes públicas de Ensino, na perspectiva do trabalho com linguagens e culturas.			
OBJETIVOS ESPECÍFICOS • Promover a discussão acerca dos estudos multiculturais na educação, integrando diferentes áreas de conhecimento; • Realizar atividades coletivas: palestras e seminários; • Criar possibilidades de leituras e escrituras do mundo, reconhecendo as diferenças culturais e individuais.			
PÚBLICO ALMEJADO Professores de Educação Básica			
LOCAL DE EXECUÇÃO Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica			
Realização: Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantes		Universidade Federal de Uberlândia Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantes Diretoria de Extensão / Assessoria de Extensão Conforme Estatuto e Regimento Geral Universidade Título IV Capítulo I – Seção IV – Art. 138 § 2º	
Coordenadores: Prof.ª Dr.ª Mara Regina do Nascimento (INHIS/UFU) Prof.ª Me. Rosa Maria Pelegrini (PMU) Prof. Me. André Luis Batista Martins (PMU)		 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantes: Prof.ª Dr.ª Dalva Maria de Oliveira Silva			
Diretoria de Assuntos Estudantes: Prof.ª Dr.ª Gláucia Carvalho Gomes		Data: 06/03/2013 Cadastro SIEEX/UFU: 10494/12 Responsável: (Cadastro – Emissão – Registro) Assessoria de Extensão	

Figura 48 - um certificado de muito valor para mim. Fonte: a autora

Essa atividade, que se estendeu por dois anos, foi de suma importância para a minha conexão com a Educação Básica de Uberlândia e região. Foi o CEMEPE, em parceria com a UFU, que me possibilitou conhecer escolas, seus professores(as), participar de projetos, receber convites para colóquios e compreender melhor a dinâmica educacional do Estado. Foi esta experiência que fez de mim uma professora de Estágio Supervisionado melhor.

O LEAH (2011 a 2015)

As ações do “Eixo 1 – Linguagens e Culturas” só foram possíveis de acontecer na UFU porque tinham apoio institucional do LEAH, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, do INHIS. Laboratório que conduzi, juntamente com muitos(as) colegas, entre 2011 e 2015, sob as gestões, respectivamente, do Prof. Marcelo Lapuente Mahl e do Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, diretores do INHIS, que sempre ofereceram amplo apoio e colaboração de todas as ações empreendidas no Laboratório.

Penso que o LEAH, somado ao período de coordenação do ProfHistória, talvez tenha sido o que mais marcou a minha vida acadêmica e administrativa ao longo dos anos na UFU.

Minha colaboração como coordenadora iniciou-se em 2010, porém, em 2009, eu, Florisvaldo e Maria Elizabeth elaboramos um projeto a ser submetido a Edital de recursos financeiros, voltados a melhoria dos laboratórios de ensino da UFU. O projeto foi aprovado e, por meio do financiamento, foi possível adquirir o básico para montar a nova infraestrutura do Laboratório, como computadores, gravadores, armários, mesas, máquinas fotográficas digitais, filmadoras e datashow. Livros didáticos foram doados pelas editoras e um novo acervo começou a ser montado. O Laboratório se encontrava até então desativado e se localizava numa sala sem uso. No seu interior, amontoavam-se caixas, cadeiras, mesas, materiais empoeirados e aparelhos estragados e defasados. Sua retomada e reformulação só foi possível com a ajuda desse projeto escrito a seis mãos, com Florisvaldo e Maria Elizabeth.

O LEAH, de lugar esquecido, se tornou um espaço vivo, frequentado por docentes e discentes dos Estágios Supervisionados, por coordenadores(as) e bolsistas do PIBID, por docentes que reuniam seus(suas) orientandos(as) de Projetos de Ensino, bolsistas PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação, voluntários(as) de diferentes interesses. O Laboratório passou a funcionar manhã, tarde e noite, sempre aberto a receber quem estivesse pelos corredores do INHIS, quem precisasse usar computadores, impressoras, material didático, mapas, equipamentos. Estagiários(as) faziam o atendimento ao público interno e externo. Havia acolhimento dos(as) docentes da Formação Continuada do CEMEPE, organização de debates e eventos, filmagem, gravação, promoção e divulgação. Criamos uma logomarca para o Laboratório, concebemos um site com muito conteúdo e um perfil no Facebook e elaboramos um sistema de empréstimos de livros,

materiais de vídeo, mapas, etc. O Ensino de História voltava a ganhar importância dentro do INHIS.

- Oportunizar a utilização do espaço, seus equipamentos e material didático, para as disciplinas do núcleo pedagógico do INHIS:



Figura 49 - Extrato de um material de divulgação sobre o LEAH e seus espaços (2014). Fonte: a autora



Leah Ufu está com **Rosemary Ribeiro** e **Gilberto Noronha**.

18 de novembro de 2015 · 🌐

...

Entrevista com o Professor João Francisco Natal Greco, membro fundador da Revista "Cadernos de história", periódico vinculado ao LEAH, realizada pela Equipe do projeto "Cadernos de história: ensino, pesquisa e extensão em Revista."



Figura 50 – Ano de 2015, o LEAH é espaço para reuniões, pesquisas e encontros. Fonte: a autora



Leah Ufu

17 de novembro de 2015 · 🌐

...

Alunos do Colégio Batista entrevistando o Professor Dr Florisvaldo Paulo Ribeiro para um trabalho do docente Gilberto Pereira sobre o movimento negro



Figura 51 - O LEAH, seu acervo, mobiliário, frequentadores, espaço para acolhimento de iniciativas. Fonte: a autora

Leah Ufu está com **Jorgetânia Ferreira** e outras 3 pessoas.

23 de abril de 2015 · 🌐

...

PIBID: A História do Trabalho



Figura 52 - LEAH e PIBID: fortes e promissoras parcerias. Fonte: a autora

Eu coordenava grupos de estudos e projetos de pesquisa. Uma vez ao ano submetia um ou mais projetos aos Editais PROGRAD e, assim, o Laboratório ficava constantemente frequentado e ativo. Entre esses grupos de estudos estava o já citado neste Memorial, “*Memória, Ensino de História e Novas Tecnologias*”, que rendeu muitos frutos.

Minha gestão como coordenadora do Laboratório finalizou em 2015. Passado algum tempo, em 2020, o querido colega Gustavo de Souza Oliveira assumiu a coordenação do LEAH e nós dois, juntamente com as(os) colegas Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Iara Toscano e Thiago Lenine Tito Tolentino, criamos o *Ciclo de Debates do LEAH-ProfHistória*, sobre o qual tratarei mais adiante.

Curso de Extensão O Golpe de 2016 (2018)

Em 2016, foi o Golpe. Em 2018, teve o Curso. Em 2020, saiu o Livro. Outra ação extensionista da qual me orgulho de ter coordenado. Mas eu não andei só. Para que o curso de extensão “O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil” acontecesse, muitas mãos foram necessárias. UFU, PROEX, ADUFU, SINTET-UFU, SINASEFE, NEPHISPO foram instâncias que convergiram com o mesmo propósito: contar para a maior quantidade possível de pessoas sobre as consequências nefastas do golpe sofrido pela presidenta eleita Dilma Rousseff.

Algumas universidades brasileiras partiram em defesa do colega Luis Felipe Miguel, que sofreu tentativa de censura por parte do Ministro da Educação, Mendonça Filho, em 2018, por sua disciplina acerca do golpe, na UnB. A maneira de nos solidarizarmos com o colega e de tornar público a repreensão que estava tomando foi oferecer o mesmo curso, cada universidade em suas unidades Brasil afora.

Fiquei entusiasmada com a iniciativa e parti para o convite a colegas da UFU para fazermos o mesmo. Nos reunimos algumas vezes, decidimos o roteiro, submetemos projeto no portal da PROEX para certificação institucional e seguimos para a luta. O sucesso foi além do esperado: mais de 400 inscritos(as). Pessoas de variadas idades, classes sociais, localidades, níveis de escolaridade interessaram-se em fazer o curso que foi composto por 13 encontros ao longo do ano, sendo 12 aulas e uma sessão de filme no cinema de um dos shoppings da cidade. O filme “O processo”, de Maria Augusta Ramos, não estava programado para entrar no circuito de Uberlândia, mas foi graças à nossa ação, capitaneada por Iara Magalhães, que os uberlandenses puderam assistir.

Coordenar um curso deste porte deu muito trabalho, mas muitas unidades da UFU, muitos(as) docentes e técnicos(as), sindicatos, núcleos de pesquisa tornaram este trabalho mais ameno. Procuramos dar conta de esclarecer aos interessados(as) do quanto o golpe trouxe graves consequências para a saúde pública, educação, movimentos sociais, conjuntura internacional, crença nas instâncias jurídicas e midiáticas e para a economia do país.

Criamos site, perfil no Facebook, registros fotográficos, encomendamos camisetas, oferecemos lanches (afinal, tudo se passou em Minas Gerais). Até a cartunista Laerte nos permitiu usar um de seus cartuns para a estampa das camisetas.



Figura 53 - "Olha mãe, sem militares!" O cartum da Laerte nas camisetas do curso. Fonte: a autora

Aos e às colegas colaboradores(as), meus agradecimentos por terem permitido o curso acontecer com tamanho sucesso: *Caio Navarro de Toledo, Jorgetânia da Silva Ferreira, Antônio Almeida, Newton Dângelo, Dilma Andrade de Paula, Débora Prado, Pedro Henrique Cícero, Felipe Mendonça, Marisa Amaral, Vanessa Petrelli Corrêa, Wolfgang Lenk, Helvécio Damos de Oliveira, Luiz César Machado de Macedo, Rafaela Cyrino, Claudemar Fernandes, Israel de Sá, Iara Magalhães, Cleber do Couto Freitas Júnior, Patrícia Trópia, Dandara Tonantzin, Mario Costa de Paiva Guimarães, Nilton Pereira, Sebastião Elias da Silveira, Leila Bitar, Ínia Franco de Novaes, André Luis Bertelli Duarte, Aléxia Pádua Franco, Maria Vieira Silva, Olenir Maria Mendes, Jimi Nakajima, Edilson Graciolli, Leo Barbosa e Silva.*

Curso de Extensão - Universidade Federal de Uberlândia:

O GOLPE DE 2016 E O FUTURO DA DEMOCRACIA NO BRASIL

Sábados, das 8h às 12h - Campus Santa Mônica

Programação:

Abertura: O GOLPE DE 2016 E A DEMOCRACIA DO BRASIL
Local: Auditório 3Q - 07 de abril
Prof. Caio Navarro de Toledo (UNICAMP)
Prof. Jorgetânia Ferreira (INHS)

14/04 - DA REPÚBLICA VELHA À REPÚBLICA DE CURITIBA:
entre golpes e retrocessos – apontamentos históricos sobre uma democracia violentada.
Local: Auditório 3Q
Prof. Antônio Almeida (INHS – UFU)
Prof. Newton Dângelo (INHS – UFU)
Prof. Dilma Andrade de Paula (INHS – UFU)

28/04 - A CONJUNTURA INTERNACIONAL DO GOLPE
Local: Auditório 5S
Prof. Débora Prado (IERI – UFU)
Prof. Pedro Henrique Cícero (IERI – UFU)
Prof. Filipe Mendonça (IERI – UFU)

05/05 - A ECONOMIA POLÍTICA DO GOLPE
Local: Auditório 5S
Prof. Marisa Amaral (IERI – UFU)
Prof. Vanessa Petrelli Correia (IERI – UFU)
Prof. Wolfgang Lenk (IERI – UFU)

12/05 - O PAPEL DO JUDICIÁRIO NO GOLPE E OS SEUS ASPECTOS JURÍDICO-PENAI
Local: Auditório 5S
Prof. Helvécio Damis de Oliveira (FADIR)
Prof. Luiz César Machado de Macedo (FADIR)

19/05 - A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO GOLPE
Local: Auditório 5R C e D
Prof. Rafaela Cyrino (INCIS – UFU)
Prof. Cleudemar Fernandes (ILEEL – UFU)
Prof. Israel de Sá (ILEEL – UFU)

26/05 - DEMOCRACIA, CULTURA E MÍDIA:
NARRATIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS EM TEMPOS SOMBRIOS
Local: Auditório 5S
Prof. Iara Magalhães (PFCOM – UFMG)
Prof. Cleber do Couto Freitas Júnior (Mídia Ninja/FLACSO)
Prof. Ana Paula Spini (INHS – UFU): mediadora

09/06 - RESISTÊNCIAS
Local: Auditório 5S
Prof. Patrícia Trópia (INCIS – UFU)
Prof. Jorgetânia Ferreira (INHS – UFU)
Dandara Tonantzin (Estudante de Pedagogia – FAGED, Movimento Enegrece e Frente Brasil Popular)
Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior (SINTET – UFU)

16/06 - O GOLPE NA SAÚDE PÚBLICA E NO SUS
Local: Auditório 5S
Prof. Nilton Pereira (FAMED – UFU)
Sebastião Elias da Silveira (Hospital de Clínicas – UFU)
Prof. Lella Bitar Mouckachar Ramos (FAMED – UFU).

23/06 - OS GOLPES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARTE I
Local: EDUCA – Auditório Educação Física (ao lado da ESEBA)
Prof. Inia Franco De Novaes (ESEBA – UFU)
Prof. André Luis Bertelli Duarte (ESEBA – UFU)
Prof. Aléxia Pádua Franco (FACED – UFU)

30/06 - OS GOLPES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARTE II
Local: Auditório 5S
Prof. Maria Vieira Silva (FACED – UFU)
Prof. Olenir Maria Mendes (FACED – UFU)

07/07 - POLÍTICAS DO GOVERNO TEMER
Local: Auditório 5S
Prof. Jimi Naoki Nakajima (INBIO – UFU)
Prof. Edilson José Gracioli (INCIS – UFU)
Prof. Leo Barbosa e Silva (INCIS – UFU)

14/07 - ENCERRAMENTO - CINE DEBATE (com participação da diretora)
Exibição de O PROCESSO (2018, 2h17min.) (A CONFIRMAR)
Direção de Lídia Augusta Damasceno

Figura 54 - Card da programação. Fonte: a autora



Mara Nascimento

7 de abril de 2018 · 🌐

...

1o. dia do curso O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil.
Universidade Federal de Uberlândia



Jorgetânia Ferreira ▶ Curso de extensão: O golpe de 2016 e o futuro da democracia.

7 de abril de 2018 · 🌐

Tá lindo!

Figura 55 - Auditório 3Q da UFU - capacidade para 300 pessoas. Fonte: a autora



Mara Nascimento está em **Ufu Campus Santa Mônica.**

28 de abril de 2018 · Uberlândia · 🌐

...

No curso O Golpe de 2016.
Vem!
Lanche oferecido pela ADUFU -SS!



Figura 56 - Em Minas Gerais se não tiver café e pão de queijo... nem me chame. Lanche fornecido pela ADUFU. Fonte: a autora



Mara Nascimento está com Maria Socorro Militão em Universidade Federal de Uberlândia.

9 de junho de 2018 · Uberlândia · 🌐

Mesa "Resistência" no Curso O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. Pesquisa acadêmica e militância.

Com Patrícia Trópia, [Jorgetania Ferreira](#) e [Dandara Tonantzin Castro](#).



Figura 57 - Uma mesa sobre misoginia, movimentos sociais e o Golpe. Fonte: a autora

Sequência de alguns cards, criados por Isley Borges, jornalista da ADUFU, para o curso:





Mara Nascimento ► Curso de extensão: O golpe de 2016 e o futuro da democracia. ...

22 de maio de 2018 · 🌐

Fique atento e atenta!

Poucas apresentações.

Ingressos e horários a partir do dia 23 de maio



Figura 58 - Iara Magalhães, figura importante no cenário cultural de Uberlândia, conseguiu trazer o filme sobre o Golpe para os cinemas da cidade.

Uma sessão especial para encerrar o curso

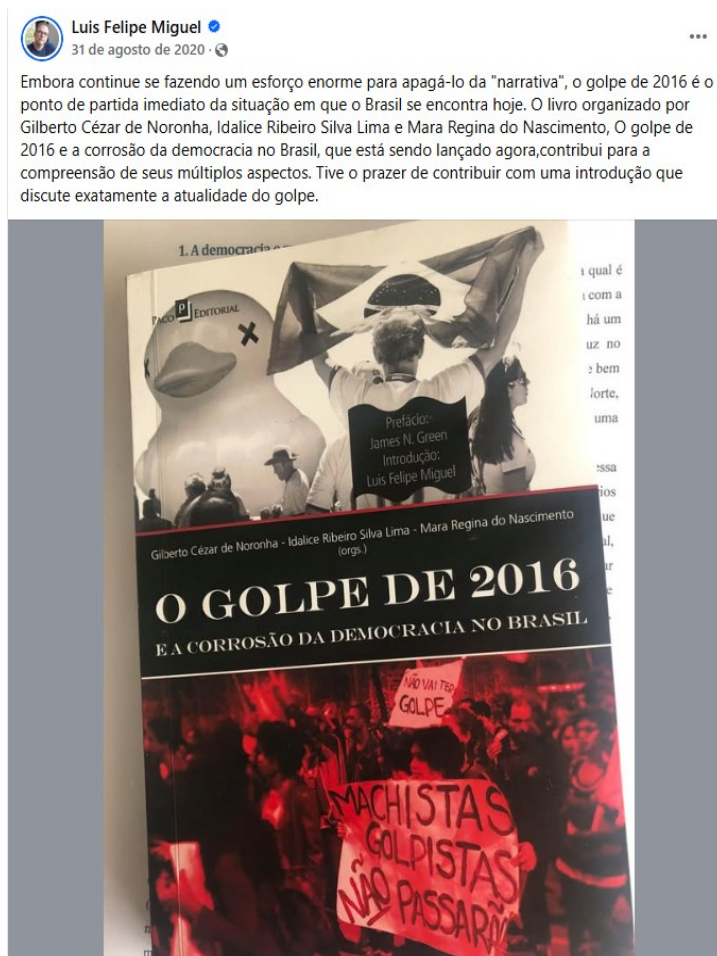


Figura 59 - O Prof. Luis Miguel, da UnB, divulga o livro em suas redes sociais

O Curso alcançou seus objetivos: agregou um número muito grande de pessoas de fora da Universidade, inseriu a UFU no cenário importante da História recente do país, tratou do golpe com a seriedade da ciência e funcionou como uma espécie de “catarse” coletiva, pois estávamos com um grito preso na garganta e precisávamos desse *processo* de libertação das nossas emoções.

Para concluir essa seção sobre ações extensionistas preciso confessar sobre o temor que andava junto com o meu entusiasmo e minha adrenalina na organização desse tipo de atividade acadêmica. Temor vindo da grandiosidade que a Extensão Universitária implica: ela mexe sempre com um grande número de pessoas, com uma burocracia às vezes difícil das infraestruturas da universidade, envolve comunidades, bairros, escolas. É tudo sempre gigantesco, se comparado às nossas atividades de sala de aula. O temor de que as coisas saiam erradas é constante. Mas, apesar disso, fazendo essa retrospectiva afetiva, penso que as coisas deram certo.

III e. Os Projetos de Pesquisa e seus frutos

Em 15 anos e 6 meses de UFU e 16 de serviço público (completados em 22 de janeiro de 2025), participei de muitos projetos de pesquisa, seja como coordenadora, ou como colaboradora.

Neste exercício de memória em que descrevemos as nossas contribuições, com o fim de buscar reconhecimento para o grau de Titular na carreira, elencarei aqueles projetos que mais me trouxeram prazer de pesquisar e aqueles que mais renderam frutos para os(as) alunos(as), seja porque adquiriram e aprimoraram seus conhecimentos historiográficos, seja porque conseguiram maiores possibilidades de ingresso na pós-graduação, ou elaboração de seus TCCs, ou ainda, publicação de produção bibliográfica.

No LEAH, enquanto estava na coordenação, os projetos “*Práticas de pesquisa e ensino de História; produção e circulação de saberes*” (2010-2012) e “*Experiências de ensino e aprendizagem em História nos espaços do LEAH*” (2012-2013) foram se desdobrando em vários outros projetos, ano a ano até 2016, e sendo submetidos a editais de bolsa PROGRAD, para manter alunos(as) em atividade no Laboratório. Muitos(as) discentes incluíram, devido à participação nesses projetos, o Ensino de História como seus temas de pesquisa em novas oportunidades.

Em 2019, já não estava mais na coordenação do Laboratório, mas ainda assim as questões ligadas à História ensinada continuaram a me instigar. Foi neste momento que escrevi e submeti ao Edital DIRPE/PSFE nº 4/2019 de Bolsas PIBIC o projeto “*Guia histórico e analítico de verbetes sobre a morte e o morrer nos imaginários sociais dos séculos XIII ao XVIII*”, com vigência entre março/2020 e março/2021. Este projeto nasceu com a intenção de criar verbetes sobre a morte, para serem inseridos no site do LEAH e, posteriormente, disponibilizados para escolas, via link de acesso ao site.

Entretanto, o projeto cresceu, discentes, bolsistas e voluntários(as) aumentaram em número, e minhas intenções tornaram-se mais ambiciosas. Escrevi uma segunda versão do projeto para novamente concorrer à bolsa PIBIC e poder dar outros desdobramentos a ele. O projeto “*A história da morte na Educação Básica: Guia didático de verbetes sobre a morte e o morrer, séculos XIII-XVIII*” foi aprovado no Edital DIRPE/PSFE N 0006/2020, com vigência entre 2021-2023 e tornou-se o embrião do livro *Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer*, publicado em 2022.

Voltando no tempo, em se tratando de embrião, importa lembrar e resgatar meu interesse pelos estudos que envolvem o diálogo entre História e Religião, cujas origens estão no meu Mestrado e na minha Tese de Doutorado, que tratarei um pouco mais diante, na seção sobre a minha vida estudantil.

O meu envolvimento, em 2010, com o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, relatado na seção sobre a Extensão, e sua cativante Folia de Reis me impulsionou a querer saber mais sobre a história das religiosidades no Triângulo Mineiro.

Foi neste momento que recebi o convite do colega Guilherme Amaral Luz para compor a equipe do Projeto, sob a sua coordenação, *“Religião, Natureza e Costumes: gestos, saberes e discursos na América portuguesa (século XVIII)”*, aprovado no Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

Dentro deste projeto, tocado por Guilherme, por mim e por Jean Luiz Neves Abreu, elaborei o meu projeto *“Práticas de devoção católica e vida religiosa no extremo oeste de Minas Gerais (século XVIII)”*, que buscava investigar as ações de leigos católicos e suas práticas devocionais na América portuguesa do século XVIII, focalizando, mais detidamente as zonas agropastoris do oeste mineiro, adjacentes à área mineradora. Esta pesquisa foi concluída e teve como frutos, além da formação de alunos(as), também a publicação de um artigo científico e de dois capítulos de livros, já mencionados na seção “Produção Intelectual” deste Memorial. Jéssica Honório de Oliveira Silva foi aluna-bolsista no projeto.

Foi a partir deste projeto guarda-chuva que orientei o subprojeto *“Festas católicas, práticas de devoção e diretrizes eclesiásticas no Oeste de Minas Gerais. Séculos XVIII e XIX”*, elaborado pelo bolsista Durval Saturnino Cardoso de Paula. Durval seguiu com tema em suas pesquisas para a monografia de graduação e dissertação de Mestrado Acadêmico. Um outro subprojeto vinculado foi o *“Vivências religiosas no Oeste mineiro do século XVIII: o poder eclesiástico e as irmandades de negros”*, elaborado pela bolsista Jéssica Honório de Oliveira Silva. Ambos os bolsistas foram aprovados(as) no Edital nº 03/2011 Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFU.

Vale lembrar ainda que anteriormente ao projeto *“Religião, Natureza e Costumes...”*, eu, Guilherme e Jean coordenamos, entre 2010 e 2011, o projeto *“Africanos, indígenas e a reinvenção das sociedades na América Portuguesa: mundos em movimento, transitoriedade e redes de interação”*, uma espécie de “aquecimento” para o projeto que veio em seguida. Driele Silva Honorato era a bolsista que, posteriormente, se engajaria em outras pesquisas sob a orientação de Jean.

Entre 2013-2015 (Edital Interno UFU PIBIC e PIVIC) e 2015-2017 (FAPEMIG (Edital Nº 01/2013-Demanda Universal), eu era novamente contemplada com financiamento e bolsas para o desenvolvimento do projeto: “*Vida urbana e morte católica. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Uberlândia (1810-1980)*”. Esse projeto foi o que mais atraiu e agregou discentes e ainda concorreu ao Edital PIBIC Ensino Médio, ganhando mais duas bolsas para alunas da Educação Básica, Ana Terra Castro Lima e Jahde Ferreira Mendes Lopes, da Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa.

Os(As) universitários(as) formularam seus próprios projetos, que se transformaram em TCCs e Dissertações de Mestrado, e as secundaristas tiveram a experiência de pesquisar em arquivo histórico (o Arquivo Municipal de Uberlândia) e elaboraram uma página no Facebook, com muito material disponível sobre os cemitérios de Uberlândia (<https://www.facebook.com/vidaurbanaemortecrista/>). Os títulos dos projetos e seus autores estão nas seções “Orientações” e “Grupos de Estudos” deste Memorial.

Este Projeto “*Vida urbana e morte católica. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Uberlândia (1810-1980)*”, nos levou ao Rio de Janeiro para o evento da ABEC. Rendeu muitos frutos, como TCCs, Dissertações e publicações.

No ínterim dos anos de 2016 a 2020, por conta da atividade editorial junto à *Revista M.*, que tratarei mais adiante, coordenei sucessivos projetos de Iniciação Científica de Bolsas PROGRAD, com objetivo de manter ativos o Facebook e o Instagram da revista, com material de divulgação e chamamento do tema das representações da morte. O motor dessa engenharia foram os projetos “*Revista M. em rede. Divulgação acadêmica nas redes sociais*” e “*Revista M. nas redes sociais: compartilhamento de produção acadêmica*”. Igualmente, eram muitos(as) alunos(as) de graduação envolvidos.

Nos anos de 2021 e 2023, graças ao convite do colega Jean Luiz Neves Abreu, participei de um projeto, sob a sua coordenação. Eu estava voltando de um período bastante difícil de minha vida, causado por duas doenças graves, câncer e covid, e poder ter contribuído neste projeto me resgatou a alegria da pesquisa.

O projeto “*Os debates sobre a morte e os usos do corpo post mortem no Brasil do século XIX*”, um projeto de cooperação institucional, aprovado com financiamento pela Fapemig, contou com os colegas Mauro Dillmann (UFPel), André Luís Lima Nogueira (Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muiyler, SEPAM/FAETEC) e Tânia

Salgado Pimenta (Fundação Oswaldo Cruz). Um dos resultados foi a organização do dossiê “*Morte aparente e os fins últimos do corpo (séculos XVIII e XIX)*”, publicado recentemente, em 30 de junho de 2024, na *Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*. Meus mais sinceros agradecimentos ao colega Jean pelo convite.

Em 2024, tive que deixar inconcluso, infelizmente, um projeto de pesquisa voltado à produção de material paradidático. A minha redistribuição para a Universidade Federal de Santa Maria, em julho, forçou-me a encerrar a proposta, aprovada em 2023, do projeto “*Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a história da morte na Educação Básica*” e tive que interromper a participação da bolsista, Ana Clara Lucas Crosara Gustin, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, e do bolsista Gustavo Henrique de Freitas Coelho, do INHIS. Ainda pretendo retomar esse projeto, porém na UFSM, quando me sentir mais adaptada e conhecer melhor o interesse dos(as) alunos(as).

Acredito que o projeto de pesquisa que se iniciará em março de 2025 me dará ferramentas para retomar alguns pontos deste último interrompido. Refiro-me ao projeto “*Os currículos de história na licenciatura: entre semelhanças e diferenças nos projetos pedagógicos formativos e na construção da docência em história na UFPEL e na UFSM*”, que será desenvolvido em colaboração com o querido colega Mauro Dillmann.

Neste projeto interinstitucional, propomos analisar, sob uma perspectiva comparativa, as propostas curriculares dos Cursos de Licenciatura em História da UFSM e da UFPEL, de 1990 até o presente. A análise buscará compreender as mudanças nas prescrições curriculares, as inclusões e exclusões de disciplinas (obrigatórias e optativas), as concepções de currículo de História de ensino superior em licenciatura, os saberes para a formação profissional de licenciados em História e a construção de significados à docência. Estou empolgada para iniciar essa pesquisa por meio da nova instituição.

Ao concluir essa seção, em que procurei lembrar e evidenciar o meu movimento de pêndulo entre a História Ensinada e entre a História e a Religião, na interface com o tema das representações da morte, preciso confidenciar que me sinto um pouco emocionada. Penso que consegui construir pontes de conexão entre pessoas, temas, interesses, trabalho – algo que só é possível no universo da Universidade Pública.

III f. Coordenação de curso de pós-graduação: 4 anos com o ProfHistória



Figura 60 - Recepção da primeira turma do ProfHistória da UFU - 2020 - dois dias antes da suspensão das atividades universitárias, devido à triste situação da pandemia de Covid 19. Fonte: a autora

De agosto de 2019 até agosto de 2023, minha contribuição à Universidade Federal de Uberlândia foi me colocar, por duas vezes, à disposição para a Coordenação Local do ProfHistória, sob a gestão da colega Maria Andréa Angelotti Carmo, Diretora do INHIS e também docente do Programa. Foram anos intensos, com muito trabalho, muita dedicação, muita responsabilidade, mas também muitas recompensas.

Penso que contribuí desde o início, participando da Comissão que criou a proposta para ingressar na Rede do ProfHistória, presidida pelo colega Amon Santos Pinho, até o ano de 2023, quando deixei o cargo de substituta eventual do colega Prof. Guilherme Amaral Luz, atual coordenador, para ser redistribuída para a Universidade Federal de Santa Maria.

Na coordenação local do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, realizei inúmeras ações, que ficaram registradas nos Relatórios Anuais da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH).

Começo aqui por lembrar/relatar o ano de 2019, no segundo semestre. Foi um enorme aprendizado ter participado da 1ª. Plenária de Coordenadores(as) do ProfHistória, no Rio de Janeiro, entre 17 e 18 de junho/2019. Neste primeiro contato com a CAN, Comissão Acadêmica Nacional, sob a coordenação geral do Prof. Luis Reznik, compreendi o significado do papel de uma coordenação local, diante de um Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional. Uma experiência ímpar, que requeria espírito

colaborativo. Uma perspectiva diferente, na maior parte das vezes, dos Programas Acadêmicos.

Visto que o Programa era totalmente novo na UFU, tudo teve que ser implementado do zero. E se não fosse a ajuda de muitas pessoas, nada teria sido possível. Em especial, quero destacar a dedicação da técnica administrativa Renata de Oliveira Andrade, que conduziu com extrema eficiência a secretaria nos primeiros dois anos do Programa na UFU. Mais tarde, veio se somar a ela a técnica Gizele Medeiros, que ficou conosco até o início de 2022, sendo substituída depois pelo técnico Vinícius Guimarães, que trabalhou no ProfHistória até meados de junho de 2023, quando foi substituído pela atual técnica administrativa, Kelly Rúbia Costa, secretária que terá à sua frente, juntamente com o atual coordenador, o desafio da implementação da primeira turma do Doutorado Profissional. A todos e todas essas(es) técnicas administrativas, meus agradecimentos.

Começar do zero significou implementar todos os aportes estruturais-administrativos que um Programa de Pós-Graduação exige, desde a criação de sistemas digitais próprios da UFU, passando pela formação de comissões docentes, até a criação de uma rotina que permitisse o curso caminhar em harmonia com os trâmites universitários cotidianos.

Foi assim que eu e Renata, com o suporte da Direção do INHIS, através da inestimável ajuda da técnica administrativa Luciana Lemes de Andrade Barbosa e do técnico administrativo Luís Augusto Mesquita, ambos profissionais fundamentais no Instituto, criamos os ambientes SEI do Programa; os Registros no SG – Sistema de Gestão; todo o controle acadêmico do curso; os registros de oferta de disciplinas; a primeira matrícula de discentes ingressantes, enfim, aquelas tarefas que nos tomam muito tempo, mas que, sabemos, são necessárias, apesar de nada criativas.

Fizemos a primeira aquisição de acervo da biblioteca, por meio de uma ação coordenada entre os(as) docentes do ProfHistória, e sob a responsabilidade do Prof. Amon Santos Pinho. Amon elaborou, entre 2019 e 2020, a primeira solicitação de compras de livros relacionados ao campo de Ensino de História para a Biblioteca Central da UFU.

Criamos e montamos o site do ProfHistória, sob a orientação do setor de CTI da UFU. Criamos ainda o Facebook do Programa, o canal do Youtube e, mais tarde, o perfil no Instagram, que são ferramentas imprescindíveis para a divulgação do curso, para a chamada de eventos, disciplinas, matrículas, defesas, avisos diversos, processos seletivos,

etc. Agradeço à Kauany Soares Mota, estagiária do INHIS, e à Maynara Roberta Soares, pelo trabalho cotidiano e persistente de alimentação das redes sociais do Programa.

Graças às visitas presenciais às escolas da Educação Básica de Uberlândia, para distribuição de material de divulgação que realizei em 2019, e às nossas redes sociais, nessa época o Facebook apenas, é que tivemos, acredito, o incrível número de 100 inscritos(as) para a primeira seleção do ProfHistória, quando oferecíamos apenas 15 vagas.

O curso estava dando seus primeiros passos: foi criada a 1ª. CAL (Comissão Acadêmica Local), o similar a um colegiado de curso, formada pelos colegas Prof. Amon Santos Pinho, Prof. Gilberto César de Noronha e pela colega Profa. Daniela Magalhães da Silveira. O corpo docente foi convidado para uma primeira reunião, para receber mais informações sobre as características do Mestrado Profissional e aguardávamos com muito entusiasmo a primeira turma que ingressou em março de 2020.

O clima de festa da primeira turma era contagiante. Tivemos uma aula inaugural com a Profa. Selva Guimarães, da Faced UFU, uma das grandes especialistas em Ensino de História do Brasil, e uma cerimônia de abertura com a presença do Reitor, Prof. Valder Steffein, o Pró-Reitor de Pós-Graduação, Prof. Carlos Henrique de Carvalho, e a Diretora de Pesquisa, Profa. Eloísa Ferro, que deram contribuições imprescindíveis para que o curso fosse implementado na UFU.



Figura 61 - Card Aula Magna 2020, com a Profa. Selva Guimarães. Fonte: a autora



Figura 62 - Aula Magna, Profa. Selva Guimarães - março de 2020. Fonte: a autora



Figura 63 - Cerimônia de abertura do curso, 2020. Fonte: a autora

Porém, o ano de 2020 foi marcado pela triste doença viral que transformou nossas vidas, um contágio em escala mundial, que colocou à prova nossas concepções de humanidade, que nos fez pensar sobre a finitude humana. Gerou medo e desespero em escala nunca vistas. No Brasil, em particular, ficamos sob o domínio de políticas da morte, uma necropolítica escancarada, à mercê das ordens de um déspota irresponsável na cadeira da presidência, mancomunado com ministros igualmente irresponsáveis e desumanos.

Foi nesse clima terrível, de insegurança sobre o futuro e medo da morte, que tivemos nossa primeira turma de Mestrado do ProfHistória da UFU. Eram 15 alunos(as), divididos entre a emoção da expectativa de um novo curso em suas carreiras e a desolação sobre o que se aproximava. No primeiro dia de aula, em março de 2020, não tínhamos ideia da avalanche que iria cair sobre nós.

A saída que encontramos foi mergulhar no trabalho, mesmo que no modo remoto. Criamos a parceria com o LEAH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História), para o evento “*Ciclo de Debates do LEAH-ProfHistória*”, em que mestrandos(as) do ProfHistória eram convidados(as) a participar de mesas de debates sobre suas experiências com o Ensino de História, ao lado de colegas docentes de universidades parceiras. O “*Ciclo de Debates do LEAH-ProfHistória*” deu tão certo que se estendeu de 2020 até 2024 e se perpetuou no formato do ebook *Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas*, publicado em 2024, na companhia de Gustavo Oliveira e Nara Cunha.

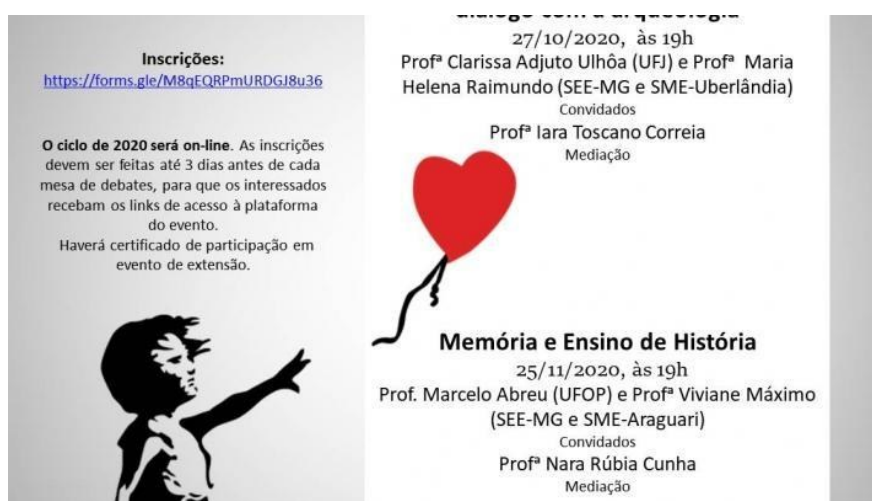


Figura 64 - Para não sucumbirmos aos horrores da pandemia criamos o “Ciclo de Debates LEAH – ProfHistória” (2020). Fonte: a autora



Figura 65 - Ciclo de Debates LEAH – ProfHistória, abril 2021. Fonte: a autora



ufu.profhistoria



CICLO DE DEBATES DO LEAH E PROFHISTÓRIA

MESA 2:
ENSINO DE HISTÓRIA E PENSAMENTO DECOLONIAL
COM



Prof. Elison Antônio Paim
(Departamento de Metodologia de Ensino e do Centro de Educação – UFSC)



Profa. Sandra Maisa dos Santos
(Docente Municipal em Nova Serrana, MG/ Mestranda ProfHistória UFU)

Moderação: Profa. Nara Rúbia de Carvalho Cunha (INHIS/UFU)

18/05/2021 às 19h  

Acompanhe em nossas redes do Youtube e Facebook

• Haverá emissão de certificado

Figura 66 - Ciclo de Debates LEAH – ProfHistória, maio 2021. Fonte: a autora

CICLO DE DEBATES DO LEAH E PROFHISTÓRIA UFU

MESA 3:
As contribuições dos laboratórios de ensino para a História Pública
COM



Prof. João Jorge de Martini Moraes
Professor de História e Atualidades no Colégio Piaget em Franca, é professor de Filosofia, Sociologia e Antropologia nos cursos de Direito, Administração e Ciências Contábeis da Faculdade de Ciências Empresariais de São Joaquim da Barra e professor de Ciências Humanas no Colégio EDUCARE. Tem Especialização em Museografia e Patrimônio Cultural. É discente no ProfHistória UFU.



Prof. Rogério Rosa Rodrigues
Professor na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), docente no ProfHistória e coordenador do Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente, Coordenador do Laboratório de Imagem e Som (LIS) da Faculdade de Ciências Humanas e da Educação (FAED/UDESC)

Moderação: Profa. Mara Regina do Nascimento(UFU)

18/08/2021 às 19h  **LEAH INHIS**

Acompanhe em nosso canal do Youtube Haverá emissão de certificados

Figura 67 - Ciclo de Debates LEAH – ProfHistória, agosto 2021. Fonte: a autora

CICLO DE DEBATES DO LEAH E PROFHISTÓRIA UFU

MESA 4:
Arquivos em Sala de Aula: Perspectivas para o Ensino e Pesquisa
COM


Prof. Rafael Fonseca Cardoso
Professor de História no Colégio Humboldt em São Paulo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da Unicamp e do Grupo de Pesquisa Arquivos, Educação e Práticas de Memória: diálogos transversais da UFMG/Unicamp. Mestre em Educação Escolar pela UNICAMP.


Prof. Cleber Araújo Cabral
Professor do Centro Universitário Internacional Uninter, em Curitiba, Área Linguagens e Sociedade: Letras e História. Pesquisa os seguintes temas: acervos e arquivos culturais e literários, edição de correspondências e periódicos, epistolografia literária brasileira, literatura fantástica, Murilo Rubião, processos e redes de edição. Doutor em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG.

Moderação: Prof. Thiago Lenine Tito Tolentino (UFU)

20/10/2021 às 19h
Acompanhe em nosso canal do Youtube

  LEAH INHIS
Haverá emissão de certificado

Figura 68 - Ciclo de Debates LEAH – ProfHistória, outubro 2021. Fonte: a autora

Entre inúmeras ações, é preciso salientar ainda o incentivo que implementamos da participação discente em publicações e em eventos científicos. Com esse espírito, o ProfHistória publicou dois e-books, sob a organização dos Prof. Gilberto César de Noronha, Profa. Nara Rúbia Cunha, Profa. Ivete Batista da Silva Almeida e Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, conforme já mencionado nas páginas anteriores. As obras contaram com o financiamento da Capes, orçamento para 2021 e foram lançadas em 2022, sob o acompanhamento, supervisão e coordenação do Prof. Gilberto César de Noronha, nesta época atuando como substituto eventual, já que eu me encontrava em tratamento de saúde.

Sobrevivemos a 2020, porém, muitos(as) discentes foram afetados(as) psicologicamente ao verem suas aulas escolares acontecerem de modo remoto, sem aproveitamento pleno de jovens e crianças, que não possuíam computadores em casa. As aulas realizadas por meio de celulares praticamente inviabilizaram a aprendizagem. Nossos(as) mestrandos(as) sofriam ao testemunhar a enorme dificuldade de seus alunos e alunas. Quase não conseguiam concentrar-se em suas pesquisas de mestrado. Muitos(as) adoeceram com ansiedade e depressão, além de terem também se contaminado pela covid ou terem perdido amigos(as), colegas e familiares. Os anos de 2020, 2021 e 2022 foram os mais terríveis para todos e todas. Ainda assim, conseguimos fazer muitas coisas pelo curso.

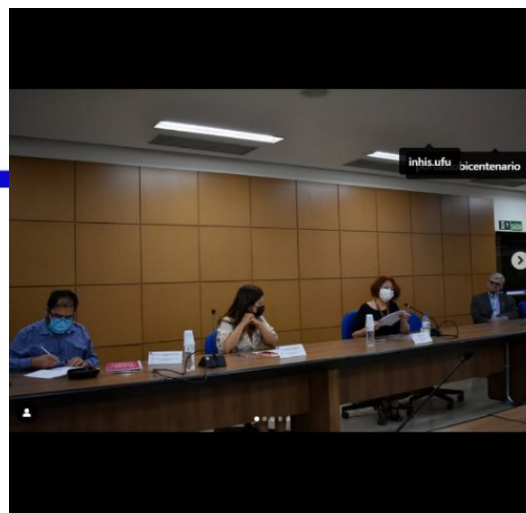
Em 2021, uma 2ª. CAL foi nomeada: Prof. Amon Santos Pinho, Prof. Newton Dângelo, Prof. Gilberto César de Noronha e o representante discente Adriano Mendes da Fonseca.

Em outubro de 2021, aconteceu o “*I Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória*”, sob a coordenação da CAL e do prof. substituto eventual, Prof. Gilberto. Este Seminário tornou-se a marca do ProfHistória UFU, criou raízes e se transformou em 2022 no “*II Seminário Permanente de Ensino, Pesquisa e Extensão UFU e UFG*”, uma parceria que se estendeu por 2023 e 2024, dentro da programação do COEEPHIS, do qual já tratei na seção “Eventos” deste Memorial.



Figura 69 - Criamos também o “Seminário Permanente de Ensino e Pesquisa do ProfHistória”, ocasião em que os (as) mestrandos(as) debatiam seus projetos de pesquisa com docentes externos ao Programa. No card, a palestra de abertura com o Prof. Luis Cerri. Fonte: a autora

Em agosto de 2022, com o meu retorno às atividades acadêmicas depois de 8 meses em tratamento, tivemos a aula inaugural do ano: uma mesa de debate sobre Memória, Ensino de História e as comemorações em torno do bicentenário da Independência. Uma recepção calorosa para a turma de 2022, a primeira que teria aulas presenciais, finalmente.



Figuras 70 a; b - Profa. Raylane Dias Navarro Barreto, Prof. Luciano Mendes Faria Filho e Prof. Wenceslau Gonçalves Neto, nossa aula inaugural em 2022. Fonte: a autora

Neste ano também tivemos uma Dissertação premiada no Prêmio ProfHistória de Melhor Dissertação. Nossa egressa, Maria Joana Costa Muniz de Resende, da turma de 2020, ganhou o título de Mérito Acadêmico, pela Dissertação “O Ensino de História e da Cultura Afro-brasileira e as Relações Étnico-Raciais: um estudo na Educação de Jovens e Adultos (CESEC, Uberlândia, MG, Brasil)”, orientada pelo colega Astrogildo Fernandes da Silva Júnior.

Em 2023, foi nomeada a 3ª. CAL: Prof. Amon Santos Pinho, Prof. Newton Dângelo, Prof. Gilberto César de Noronha, Prof. Guilherme Amaral Luz e o representante discente Robert William Borges.

Neste mesmo ano tivemos a aula inaugural com a Profa. Ana Maria Monteiro, da UFRJ, uma das responsáveis pela criação e fortalecimento do ProfHistória no Brasil, e intelectual das mais importantes da área de Ensino de História.



Figura 71 - Em abril de 2023, quase encerrando minha segunda gestão como coordenadora do ProfHistória, tivemos a honra da aula inaugural com a Profa. Ana Maria Monteiro

No ano de 2023, retomamos a parceria com o CEMEPE, agora com o ProfHistória e seus mestrandos(as), que ofereceram formação continuada aos docentes da Educação Municipal de Uberlândia. Um lindo projeto que eu e Lucas Henrique dos Reis, que agora ocupa o cargo de coordenador da área de História do Centro, alinhavamos e colocamos em prática.

Foram muitas as ações empreendidas em quatro anos de coordenação, muitas oficinas de orientação aos(às) discentes na atualização de seus Lattes, no preenchimento da Plataforma Paulo Freire, preenchimento da Plataforma Sucupira, organização de muitas Qualificações e Defesas, muitas reuniões, muitos encontros. No entanto, nenhuma dessas ações foi feita só. O corpo docente do ProfHistória sempre foi solícito, colaborativo, entusiasmado. Comissões de bolsas, comissões de relatórios discentes, comissões de eventos, comissões de publicações, enfim... são muitos e muitas a quem agradecer o sucesso do Programa. Além dos já citados até aqui, é importante mencionar igualmente a Profa. Aléxia Pádua Franco, o Prof. Astrogildo Fernandes da Silva Jr. e o Prof. Saulóeber Tarsio de Souza, que sempre foram apoio, parceria e companheirismo.

Aos(às) discentes das três turmas (2020-2022-2023), meus agradecimentos por acreditarem no ProfHistória e o meu reconhecimento pela riqueza e potência do trabalho que desenvolvem na Educação Básica. O ProfHistória existe porque são os(as) discentes que o constroem continuamente. Obrigada por cada palavra de agradecimento que me

dedicaram por meio de e-mails, whatsapps ou pessoalmente. Obrigada pela despedida sensível e pelos votos de boa sorte na nova instituição no Sul¹⁴.



Figura 72 - Um encontro afetuoso: as turmas de 2020 e 2022 recebem a turma de 2023. Março/2023. Fonte: a autora

Na UFSM, o ProfHistória foi muito acolhedor. Me senti bem recebida pelos colegas Prof. Guilherme Galhegos Felipe (Coordenador), Profa. Marta Rosa Borin e demais colegas da CAL, entre estes o Prof. José Iran Ribeiro e a Profa. Nikelen Acosta Witter. Assim, igualmente, pelo meu recém orientando Marcos Fischer.

Na nova instituição, terei outros desafios pela frente.

¹⁴ Não fossem os(as) discentes do ProfHistória (turmas 2020-2022-2023), nada teria sido possível. Obrigada Adriano Mendes da Fonseca, Arthur Willian Soares Alves, Adriano Giovanni Antonelli, Angélio Santos de Souza, Aryadni de Cássia Roice Ruas Aguiar, Carolina Ribeiro Gonçalves, Daniel Ramsés Moura Gomes Loures, Érika Silva Quites Machado, Flávio Christian Lemos Fernandes, Gabriella Oliveira Feitosa, Ianni Sousa Borges, João Jorge de Martini Moraes, Jemmerson Antonio de Souza, Jonny Assunção Tomé, Josué Mendes Alves, Juliana Nunes Miranda Santos, Karume da Silva Maluf Franco, Ligia Martinelli Costa e Oliveira, Leonardo Silva Oliveira, Luis Fernando Barbosa Rodrigues, Luís Humberto de Sousa e Silva, Marcos Raimundo Oliveira Carvalho, Marcos Vinícius da Silva Júnior, Marcus Dias Gimenes, Maria Joana Costa de Muniz de Resende, Mariane Mundim Borges, Mauricéia Aparecida Ferreira Maia, Mércia de Oliveira, Núbia Tortelli Mendonça, Pablo Lacerda Bueno, Pablo Vinícius Alves Santana, Paula Marcelle Ferreira Oliveira, Paulo César Macêdo, Rayner da Silva Lacerda, Robert William Borges, Rodrigo Augusto Menezes, Rogério Medeiros Silva, Samara Basílio de Oliveira, Sandra Maisa dos Santos, Thiago Barbosa de Oliveira, Verônica Garcia Simões, Vinícius Gonçalves de Freitas Silva, Viviane da Silva Pereira Máximo e Vitor Gabriel Coelho Ribeiro. A turma de 2024 ingressou sob nova coordenação de curso e não conheci a grande maioria dos(as) discentes, com exceção de Aline Fátima Guimarães, que foi minha aluna na graduação e com quem desenvolvi uma amizade afetuosa. A ela também meu obrigada e reconhecimento.

III g. Atividades editoriais – a Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer

Entre 2016 e 2020, tive a oportunidade de exercer, juntamente com a colega Claudia Rodrigues, a editoria da *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer* [<https://seer.unirio.br/revistam/index>]. A única revista brasileira, e uma das poucas no mundo, especializada no tema da morte. O periódico se firmou no meio acadêmico e hoje tem reconhecimento entre seus pares pela sua qualidade e importância para divulgação da produção científica de pesquisas da temática. Transdisciplinar, recebe artigos de várias áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Psicologia, Direito, Literatura e Ciências Sociais.

Até chegar ao que é hoje, a Revista significou muito trabalho, mas muita aprendizagem também. As funções de Editora-Adjunta e a de Editora-Chefe, ocupadas, respectivamente, por mim e por Claudia, exigiam muitas horas de dedicação, somadas às nossas atividades corriqueiras.

Nós duas partimos do zero, e graças aos esforços de Claudia, junto à Unirio e a outras instituições apoiadoras, elaboramos o site, a concepção da revista, a sua estrutura e diretriz editoriais. Foi fundamental a sua formação junto à ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos) para a compreensão dos caminhos necessários a serem tomados para as boas práticas editoriais, para o esclarecimento acerca do papel dos periódicos na avaliação dos cursos de pós-graduação, no avanço da ciência no Brasil, sua comunicação e divulgação. Tudo que Claudia faz é extremamente profissional. Foram quatro anos que nos dedicamos a ir formando, pouco a pouco, redes com muitos colaboradores(as), fossem autores(as), avaliadores(as), consultores(as).

Até o ano de 2020, fui responsável, como Editora-Adjunta, pela organização e pela publicação de 9 Dossiês, que versavam sobre os mais diversos e interessantes temas relativos às representações da morte: ***Dossiê nº 1: Morte, poder e política***, v. 1 n. 1 (2016); ***Dossiê nº 2: Morte, tradição e contemporaneidade***, v. 1 n. 2 (2016); ***Dossiê nº 3: Luto***, v. 2 n. 3 (2017); ***Dossiê nº 4: As celebrações da morte na Antiguidade***, v. 2 n. 4 (2017); ***Dossiê nº 5: Morte, regimes políticos e violência***, v. 3 n. 5 (2018); ***Dossiê nº 6: Arqueologia Funerária: performance, morte e corpo***, v. 3 n. 6 (2018); ***Dossiê nº 7: Suicídio, seus sentidos histórico-sociais e o sofrimento humano***, v. 4 n. 7 (2019); ***Dossiê***

nº 8: Cemitérios: arte, sociedade e cultura, v. 4 n. 8 (2019) e **Dossiê nº 9: Doença e Morte**, v. 5 n. 9 (2020).

Trabalhávamos muito, mas não estávamos sós, tivemos sempre a ajuda voluntária de pessoas imprescindíveis do Comitê Editorial, ou de colaboradores(as) nas funções de revisores(as), de copidesque, formatação, diagramação, normatização dos artigos, enfim, uma série de atividades de bastidores que são fundamentais. Foram (e são) pessoas imprescindíveis Marcelina das Graças de Almeida, Pedro von Mengden Meirelles, Rachel Aisengart Menezes, Cícero Joaquim dos Santos.

A chegada do ProfHistória em minha vida tornou muito difícil manter a função na *Revista M*. Decidi pela saída, com a certeza de que contribuí para o seu início, que foi alicerce para o seu contínuo sucesso.

III h. Consultorias: o início da parceria com o CEMEPE

Quando as Leis 10.639/03 e a 11.645/08 – que estabeleceram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio – foram aprovadas, significou um grande avanço em direção à democracia e à luta antirracismo no país. Era motivo incontestado de comemoração.

Entretanto, era também um enorme desafio. Para que as leis fossem cumpridas, era necessária uma série de ações que convergissem para os seus objetivos: reformas curriculares, preparação de docentes, leitura e produção voltadas à história da África, sobre as culturas de matriz africana e sobre as culturas dos povos indígenas. Significou uma revolução de enorme proporção na Educação Básica do país.

Se as leis não fossem cumpridas, o Ministério Público autuava e multava o órgão responsável pela infração. Foi o que aconteceu com a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Era necessário e urgente a reformulação das Diretrizes do Ensino de História da Rede Municipal.

Com o objetivo de cumprimento das leis, o CEMEPE (Centro de Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz), uma instância atrelada à Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, nomeou comissão para trabalhar na reformulação. Indicada pela colega da UFU, Josianne Cerasoli, e convidada pela coordenadora da área de História do CEMEPE, Rosa Maria Pelegrini, fui chamada, em

2010, para prestar consultoria acadêmica à comissão, formada também pelos(as) colegas da Educação Básica, Carmen Oliveira, Renato Jales, Edimilson Lino Guilherme e Maria Helena Gondim.

O resultado foi a publicação da nova grade curricular do município para a área de História e material de orientação para docentes, com as sugestões de conteúdos e temas obrigatórios para os currículos escolares. Hoje já há outros materiais publicados e atualizados, mas o nosso foi o primeiro a ser elaborado para atender às citadas Leis.

Exercer a “Assessoria Acadêmica à comissão de reformulação das Diretrizes do Ensino de História da Rede Municipal de Uberlândia” foi gratificante demais. Passamos o ano de 2010 em reuniões semanais, discutindo a inclusão de temas necessários ao cumprimento da nova legislação, para todos os níveis escolares. Que melhor experiência poderia ter tido uma gaúcha recém-chegada em Minas Gerais, docente de Estágio Supervisionado?

Nascia aí a minha longa parceria com o CEMEPE e a minha amizade duradoura com os(as) profissionais da Educação Básica de Uberlândia.

III i. Direção da ADUFU – Associação de Docentes da UFU – seção sindical do Andes Nacional

Sempre fiz parte do movimento docente. Desde que comecei a exercer a profissão em 1987, me engajei em greves e lutei por melhores condições de trabalho e por salários dignos.

Mas em Uberlândia, participei pela primeira vez como membra da Diretoria de um Sindicato. E foi por querer seguir o exemplo de mulheres inspiradoras como Jorgetânia Ferreira e Olenir Maria Mendes que aderi à ideia de fazer parte da chapa “*Resistir e Lutar*”, de 2017 a 2019. Formamos uma equipe muito colaborativa, com amigos(as) engajados(as) e afetuosos(as), como Ínia Franco de Novaes, Mariza Barbosa, Eduardo Giavara, Cláudia Costa e Tiago Soares Alves, sob a presidência de Benerval Santos.

Eu ocupava o cargo de suplente, mas na prática participava ativamente da gestão. Enfrentamos o governo Temer e o governo Bolsonaro e com eles todas as políticas neoliberais de desvalorização e perseguição às universidades e aos(as) docentes.

Lideramos o movimento feminista “*Ele não*” em Uberlândia. Nos engajamos no movimento nacional dos estudantes em defesa da universidade. Lutamos contra as defasagens salariais. Enfrentamos o corte de bolsas. Resistimos e lutamos.



Figura 73 - Chapa Resistir e Lutar - ADUFU 2017-2019. Fonte: a autora



Figura 74 - Os movimentos de rua em Uberlândia. É preciso lutar e resistir (2018). Fonte: a autora



Figura 75 - Movimento "Ele não" em Uberlândia (2018). Fonte: a autora

Gostaria de destacar e lembrar, mais especificamente, da atividade artístico-cultural que ajudei a coordenar durante essa gestão na ADUFU. Foram ações em torno dos 50 anos do movimento de maio de 68. Criamos a hashtag “#1968faz50”, o Projeto “*Memórias e Esquecimento: 50 anos do ano de 1968*” e envolvemos os(as) associados(as) numa intensa programação durante todo o ano, com mesa-debates sobre cidadania, democracia e liberdade, palestras sobre o AI-5 decretado em 1968, lançamento de livros, intervenções cênicas, apresentação teatral, sessões de cinema, show no teatro municipal e exposição artística. Foi um ano para marcar, por meio da arte, a necessidade de conhecer o que foram as manifestações da juventude em Paris, em maio de 1968, e ao mesmo tempo tratar das ditaduras e repressão, entre elas a do Brasil, do período da ditadura civil-militar.

O “#1968faz50” da ADUFU movimentou a cena cultural da cidade e sinto muito orgulho de ter promovido, com a ajuda de muitas pessoas¹⁵, essa intensa programação.

Os cartões de convites eram postados diariamente nas redes sociais do sindicato. Trago alguns, aqui. Mas eram muitos mais:

¹⁵ Comissão ADUFU *Memórias e Esquecimento: 50 anos do ano de 1968*: Mara Regina do Nascimento e Mariza Barbosa (presidentas). Integrantes: Cleber Couto, Isley Borges, Letícia França, Eduardo Túlio, Haroldo Resende, Iara Magalhães, Rodrigo Gonzaga, Lucia Helena de Paula Menezes.



Figura 76 – Criamos a "Matinê 68" aos sábados, na Adufu, com cinema, pipoca e debates. Fonte: a autora



Figura 77 - Uma sessão de cinema sábado à tarde, com filmes da década de 60 e animadas rodas de conversa pós sessão. Fonte: a autora

#1968 faz50 ADUFU
Gratuito Resistir e Lutar

#1968 faz50 ADUFU
Gratuito Resistir e Lutar

AI-5: CENSURA, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA



Prof. Afonso Lana
Professor aposentado do Instituto de Artes (IARTE) da Universidade Federal de Uberlândia. Artista plástico.



Prof. Flávia Oliveira
Graduada e Mestre em Direito. Professora da Faculdade de Direito da UFU.



Dr.ª Vanda Davi de Oliveira
Professora de Direito, Advogada e Conselheira da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.

12 de setembro 2018 / 19h / Sede da ADUFU
Nelson da Oliveira, 711, Santa Mônica



Sessão de Autógrafos com a autora

Este livro, sobre 1968 no Brasil, tem como eixo de análise o movimento estudantil. Sua originalidade e sua consequente contribuição para os estudos sobre esse momento de inflexão na sociedade brasileira podem ser destacadas a partir de alguns traços que o distinguem. A construção detalhada e rigorosa de quatro momentos do ano de 1968 no Brasil é redigida com base em uma questão central: a violência, que se constitui na linha interpretativa do trabalho. Focalizando o jogo político entre o movimento estudantil e a ditadura militar, faz incidir aí um outro 'ator', a imprensa da época, até então inexplorado nesse registro de análise e nos estudos já existentes.

O livro será vendido no local



Prof. Dr.ª Maria Ribeiro do Valle
Professora livre-docente da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Possui graduação em História e Ciências Sociais e mestrado e doutorado em Educação pela UNICAMP.

29 de agosto 2018
19h, aud. A e B, 5R
campus Santa Mônica da UFU

Figura 78 - A violência da ditadura no Brasil e o debate sobre os Direitos Humanos. "#68faz50" da ADUFU. Afonso Lana; Flávia Oliveira; Vanda Oliveira; Maria Ribeiro do Valle. Fonte: a autora



Figura 79 a-b-c - Uma programação emocionante, teatro com as atrizes Maria de Maria e Vilma Campos Leite Campos; uma sessão de cinema com a presença do diretor Eduardo Escorel; um show no teatro municipal com Karine Telles e Renato Braz. Inesquecível. Fonte: a autora



Figura 80 - A exposição em homenagem ao artista uberlandense Afonso Lana. "Permanente Combatente" (2018). Fonte: a autora



Figura 81 - O musical sobre o AI-5, na Trupe de Truões, com o grupo dos Cursos de Teatro e de Música da UFU, sob a direção e coordenação de Paulina Caon e Eduardo Túllio. Extraordinário.

O ano era 2018. Havíamos sofrido um terrível golpe. No poder, os golpistas se refestelavam com a farsa que criaram. Lula estava na cadeia. Dilma estava deposta. O neoliberalismo e a extrema direita avançavam. Mas o que nós queríamos era continuar acreditando em nossas utopias. Resistimos. Ainda estamos aqui. Viva a ADUFU!

Capítulo IV. Experiência Profissional na Educação Básica, tenho 24 anos de sonhos

Finalmente, com respeito ao processo real de instrução histórica nas escolas, a ênfase sobre o aprendizado de história pode reanimar o ensino e o aprendizado de história ressaltando o fato de que a história é uma matéria de experiência e interpretação. Assim concebida, a didática da história ou ciência do aprendizado histórico pode demonstrar ao historiador profissional as conexões internas entre história, vida prática e aprendizado. Isto, mais do que qualquer coisa, pode dar um novo significado à frase ‘historia vitae magistra’.
(Rüsen, 2010, p. 35)

Me formei em História em 1986. Ingressei como docente na UFU em 2009. Um intervalo de 23 anos. Desses, 9 foram de atuação da Educação Básica, antes de realizar o Mestrado e o Doutorado.

Toda a minha experiência na Educação Básica, que se iniciou quando eu completei 24 anos de idade, foi fundamental para o meu entendimento sobre o que é ensinar História. Foi a minha base, sem a qual não seria possível chegar até onde cheguei e por onde ainda chegarei, sempre buscando novos desafios.

Aprovada em concurso público, minha primeira escola foi em Florianópolis, a Escola Municipal Batista Pereira, onde atuei entre 1987 e 1991. Essa escola ficava no sul da ilha, um bairro de pescadores chamado Ribeirão da Ilha. Pequeno, modesto, com características coloniais, onde as relações de trabalho eram marcadas pelas de vizinhança e de parentesco. Eu era uma “estrangeira”, que demorou a compreender tanto a simplicidade dessas relações, como a sua força. Fui muito feliz no Ribeirão da Ilha, apesar da vida dura que levava como professora municipal, com baixo salário e horas de trabalho e de deslocamento, pois morava em outro bairro de pescadores, em localização oposta, no norte da ilha, chamado Sambaqui.

Meu desempenho foi notado e, por me destacar, fui convidada a atuar, em 1989, na Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis como coordenadora da área de História, para promover e coordenar as atividades de aperfeiçoamento e de formação continuada para professores(as) da Rede Municipal. Foi um ano atuando por 20 horas na gestão administrativa do município. Experiência importante, mas que não me trazia tanta

felicidade como a de estar em sala de aula. Completei um ano de trabalho e resolvi me despedir do cargo.

Em 1991, dobrei a minha carga horária para poder ter um salário um pouco melhor e assumi mais uma escola, a Escola Municipal Almirante Carvalhal, localizada no continente, no bairro Coqueiros, que era mais central. Não era nada fácil: pela manhã, a partir das 5h30, entrava no ônibus de Sambaqui para o Centro e do Centro para o Ribeirão da Ilha. Dava aulas pela manhã. Almoçava na escola e partia para o segundo turno, à tarde, na segunda escola. Ao final do dia voltava para casa esgotada. Tive que me render ao cansaço e me mudar para um bairro mais central. Mas, o que eu estava mesmo a sentir por esta época era saudade da minha cidade natal, Porto Alegre.

Quando completei 5 anos morando em Florianópolis, tomei a decisão de voltar ao Rio Grande do Sul, pedi exoneração e fui tentar a sorte nas escolas porto-alegrenses. Não foi fácil. A despedida das turmas foi marcada por muita emoção e homenagens. Era uma relação muito afetuosa o que havíamos construído.

Em Porto Alegre, atuei em escolas privadas: em 1993 dava aulas no Colégio São Manoel e no Colégio Israelita Brasileiro. Experiências difíceis, pois eram escolas, sobretudo esta última, de crianças e adolescentes da elite porto-alegrense. O respeito à figura do(a) professor(a) não estava posto como nas escolas públicas de Florianópolis, pois era preciso saber lidar com a arrogância que o poder econômico dos pais insiste em exercer sobre nós. Não fui feliz nessas escolas e saí delas.

Mas, entre 1994 e 1997, voltei a me sentir feliz em sala de aula. Fui contratada para atuar numa escola privada, a Monteiro Lobato, que tinha uma proposta totalmente inovadora para os padrões da época: o *construtivismo*. Apesar de ser frequentada pelos(as) filhos(as) da elite, a diretoria e a coordenação pedagógica sabiam determinar um limite para a tentativa da interferência de pais e mães no cotidiano escolar.

Foi nesta escola que aprendi muito sobre avaliação e processos de ensino-aprendizagem. Uma escola que não permitia que a avaliação se desse por meio de aplicação de provas e era de vanguarda, em sintonia com o que de mais avançado existia sobre ensino. Que sorte a minha ter conseguido ser contratada após entrevista para emprego.

Vale lembrar que, nessa época, Porto Alegre respirava ares de socialismo: as sucessivas prefeituras do PT, Partido dos Trabalhadores (Olívio Dutra, entre 1989 e 1992; Tarso Genro, entre 1993 e 1996; Raul Ponte, entre 1997 e 2000 e Tarso Genro, novamente entre 2001 e 2002), trouxeram a educação para o centro do debate na sociedade. A

secretária municipal de educação na gestão Olívio Dutra (1989 a 1992) era Esther Pillar Grossi, fundadora do GEEMPA (Grupo de Estudos Sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação), e que imprimiu à cidade a sua revolução educacional.

Em 2001, tive minha primeira experiência na educação superior como professora substituta da UFSM. Foi uma experiência breve, de seis meses, mas de valor inestimável.

Minha primeira formação como docente se localiza aí: na experiência com diferentes realidades e na participação em projetos ousados de questionamento das regras vigentes. Obrigada, Florianópolis; obrigada, Porto Alegre.

Capítulo V. Formação estudantil, tenho 19 anos e chego ao universo diverso da Universidade

Ao descobrir-se, o historiador descobre que é capaz de se colocar no lugar de inumeráveis personagens diferentes. Ele recapitula, de algum modo, em si mesmo, uma boa parte da humanidade, em uma infinidade de situações. A história seria menos fascinante se não combinasse, assim, um autoconhecimento aprofundado com a descoberta dos outros. (Prost, Antoine. Doze lições sobre a História. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, p. 152.)

Sou filha da classe média porto-alegrense. Tive um pai e uma mãe que colocavam a educação em primeiro lugar. Sete filhos, sete sujeitos a quem foram oferecidas as mesmas oportunidades de estudos: boas escolas públicas de Ensino Fundamental, escolas particulares de Ensino Médio e as melhores universidades.

Eu não desperdicei essas oportunidades e privilégios. Sei que, diante das profundas desigualdades do nosso país, de classe, de raça, de gênero, eu não precisei enfrentar as dificuldades que a maioria enfrenta.

Cheguei à universidade com 19 anos, após fazer o vestibular. Não tendo sido classificada na UFRGS, fui aprovada na PUC-RS, universidade situada entre as melhores do país, porém umas das mais caras também. Meu pai nunca reclamou. Pelo contrário, foi meu incentivador. Lembro bem quando ele comprou minha primeira estante de madeira de livros (uma só para mim!) e meus primeiros livros de História, aqueles recomendados pelos(as) docentes da universidade. Passou os quatro anos da minha graduação acreditando em mim e no curso que eu havia escolhido fazer. Acho que correspondi bem às suas expectativas. Espero.

Na PUC, entre 1982 e 1986, aproveitei ao máximo o que a universidade oferecia: viagens de estudos, cursos de curta duração de todos os tipos, diferentes disciplinas, muitas leituras na biblioteca. Mas também me inseri no movimento estudantil. Usei minha juventude para questionar e ousar.

Passei a criticar e resistir às regras católicas que sempre habitaram a minha casa, desde a infância. Minha mãe era extremamente religiosa, daquelas que na velhice não dormia sem segurar o terço e ouvir a missa pelo rádio. Quando jovem, não havia um só domingo que ela não fosse “à missa da São Sebastião”, a igreja do bairro Petrópolis, a

mais próxima de nosso endereço. Ela e meu pai faziam parte e eram líderes do MFC (Movimento Familiar Cristão) de Porto Alegre, uma sigla que era cotidianamente mencionada em casa.

O MFC era formado por casais católicos, chefes de famílias de classe média, que tinham a missão de promover cursos de catequização, organizar missas em residências, oferecer debates sobre os dogmas católicos. Enquanto as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), do mesmo período, eram espaços de práticas para uma nova evangelização de uma Igreja que, em parte, se queria mais popular e mais progressista, o MFC (Movimento Familiar Cristão) era conservador. Durante os anos da minha graduação no curso de História, me tornei crítica e rebelde a essas práticas católicas domésticas.

Foi com esse espírito que ingressei no Mestrado (1994- 1996), na PUC-RS, sob a orientação da Profa. Léa Freitas Perez (hoje docente aposentada da UFMG), especialista nos estudos sobre festa no Brasil, festas religiosas, festas de rua, festas enquanto fenômeno sociológico. Ganhei uma bolsa do CNPq, numa época difícil para as universidades, de poucas bolsas, e fiz um belíssimo curso, com professores e professoras excelentes, que me forneceram as melhores leituras e as mais profundas reflexões.

Foi no Mestrado que conheci e li com extremo interesse a bibliografia me apresentada por Léa Perez: *Teoria da Religião* de George Bataille; *O Homem e o Sagrado* de Roger Callois; *As formas elementares da vida religiosa* de Émile Durkheim; *O processo civilizacional* de Norbert Elias; *Ensaio sobre a dádiva* de Marcel Mauss; *Economia e Sociedade* de Max Weber; *A metrópole e a vida mental* de Georg Simmel; *História das crenças e das ideias religiosas* e *O sagrado e o profano* de Mircea Eliade; *Mito e significado* de Claude Lévi-Strauss; *O sagrado selvagem* de Roger Bastide. Essas obras foram fundamentais em toda a minha jornada acadêmica, como estudante, e continuam sendo enquanto docente e pesquisadora.

Foi com base na chave de compreensão da religiosidade oferecida por Mauss, Callois, Durkheim, Eliade, Lévi-Strauss e Bataille e a análise sobre as sociedades modernas oferecida por Simmel, Weber e Elias que construí os embasamentos teóricos da Tese, que seria escrita entre 2002-2006, tratando das irmandades religiosas em Porto Alegre e o seu desenvolvimento urbano. Esses teóricos das Ciências da Religião, como os da Sociologia, nem sempre utilizados pela comunidade historiadora, me ajudaram muito a ver a religiosidade com preocupação de compreender “as emoções obscuras e imperiosas que perturbam, fascinam ou por vezes subjugam o coração humano”, como escreve lindamente Callois no prefácio à sua obra *O homem e o sagrado*, original de 1939.

O meu foco sobre o fenômeno das crenças passou a ter, sem nunca mais se desfazer, esse olhar antropológico e o carrego assim desse modo desde o Mestrado. Os aportes teórico-metodológicos sobre as conjecturas da História foram ficando cada vez mais ricos com a junção dessa perspectiva mais estruturante da Ciências Sociais.

O que aprendi nesses anos foi o que passei adiante para os(as) alunos(as) orientandos(as). Olhar para a religiosidade sob o ponto de vista da devoção como um fenômeno que nem sempre pode ser classificado como falta de discernimento, ou como sinônimo de subjugação ou fraqueza do crente. A devoção pode representar escolha, reorganização de valores, a busca por um desejo ainda não atendido, percepção do real e até rebeldia contra a ordem estabelecida. Pesquisar sob esse prisma me trouxe muito encantamento.

Terminado com sucesso o Mestrado, com uma Dissertação sobre o desenvolvimento urbano de Porto Alegre, fiz, em 1996, um curso de Especialização em Antropologia Social, também na PUC-RS. Este curso foi fundamental para me ajudar a compreender ainda mais a Religião como um fenômeno profundamente humano. Antropologia e História deveriam andar sempre juntas, e cada vez mais acredito nisso.

Em 1997, resolvi arriscar o Doutorado na USP. Consegui ingressar numa seleção disputadíssima. Fiz disciplinas inesquecíveis. Tive aula com Laura de Mello e Souza, historiadora de renome nacional e internacional, que foi extremamente generosa comigo ao me elogiar em público numa sala lotada, porque havia gostado dos meus *papers* entregues a ela como parte da avaliação da disciplina. Jamais esquecerei desse dia. Guardo até hoje, como um tesouro, esses trabalhos, com as suas notinhas nos cantos das páginas, suas observações e aconselhamentos.

Mas, na USP, tive dificuldades com o orientador, uma relação muito difícil que, hoje sei, foi abusiva. Após o Exame de Qualificação, resolvi interromper o curso, porque não conseguia mais suportar humilhações e constrangimentos. Infelizmente estamos sujeitos a isso, e ninguém está a salvo. Reconhecer e sair de lugares como esses é difícil e requer muita coragem. Essa experiência no passado me ajudou a, hoje em dia, aconselhar alunos(as) que se sentem numa relação abusiva com seus orientadores(as) de romperem o ciclo, procurarem docentes éticos, respeitosos e generosos. Em 2000, fui embora de São Paulo e voltei ao Rio Grande do Sul para tentar continuar o Doutorado com uma nova perspectiva.

Em 2002, fui selecionada para ingressar no Doutorado da UFRGS, com um novo orientador, uma pessoa generosa e um intelectual incrível. Fui orientada entre 2002 e

2006 por José Rivair Macedo, com quem, além da liberdade de pesquisa e de escrita, tive uma ótima relação acadêmica. Na UFRGS, tive aulas com docentes de enorme qualidade, como Sandra Pesavento. Os tempos sombrios do Doutorado na USP haviam ficado para trás. Ganhei uma bolsa CNPq e fui feliz.

E na roda das voltas que a vida dá, defendi uma Tese sobre as irmandades religiosas em Porto Alegre. A religião, a Igreja Católica, seus dogmas, suas diretrizes passaram a ocupar meus interesses de pesquisa. A investigação realizada no Doutorado trouxe algumas perspectivas bastante inéditas para a historiografia local. E a religião, aquela que estava presente no meu cotidiano familiar da infância e da adolescência, e que me foi apresentada no Mestrado, tornou-se não mais alvo de críticas de uma jovem estudante, mas meu instrumento primordial de observação e compreensão das sociedades humanas.

Creio que na tese consegui expressar as minhas inquietações. Ela deixa transparecer muito claramente a minha preocupação – a minha hipótese motivadora – de um momento específico da minha vida: eu queria questionar a ideia de que no Rio Grande do Sul ou o povo pouco se dedicava à devoção aos santos ou quase não obedecia aos preceitos católicos; uma ideia baseada em um mito, uma ideia-força, que não encontrava respaldo na realidade das fontes. Comprovei que o habitante da vila porto-alegrense dos séculos XVIII e XIX sempre esteve em sintonia com o imaginário de seu tempo, quando a religião imperava em todas as instâncias da sociedade. Os mais de 130 escritos testamentais que pesquisei, e outras fontes, mostraram que o forte temor à morte e a marcante presença das irmandades religiosas no cotidiano eram instrumentos para se chegar à desconstrução daquele mito, muito presente na historiografia clássica da região.

Em 2025, essa Tese será publicada como livro, quase 20 anos depois de defendida. Uma bela forma de comemorar o que passou e o que virá.

Capítulo VI. Sem conclusões: mãe, professora, pesquisadora, mulher - meu infinito particular

Os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança.

(bell hooks. Tudo sobre o amor: novas perspectivas, 2021, p. 123)

Chego às páginas finais deste Memorial Descritivo com a esperança de ter conseguido oferecer aos(as) leitores(as) um mapa, ou um percurso, da minha trajetória não só acadêmica, mas também da minha estrada de vida. Que esse material me permita chegar ao nível mais alto da Carreira do Magistério Superior. Tenho alguns anos de trabalho pela frente e fico feliz com essa ideia.

Espero que eu tenha tido sucesso, até aqui, com os meus objetivos de contribuir para o fortalecimento e expansão das pesquisas que colocam em diálogo a História, a Religião e a finitude humana. Que eu possa ter sido compreendida pelos(as) discentes e colegas do valor de se estudar esse diálogo nas suas transformações e permanências no tempo, sua importância para a compreensão do que é a vida em nosso cotidiano, em diferentes campos do conhecimento, como o das confissões religiosas, da medicina, da antropologia, da ciência política, entre outros, e, evidentemente, da História. Que esses meus objetivos possam continuar sendo perseguidos na UFSM.

Tenho a esperança de ter sido agente importante para dar à área de concentração “Ensino de História” o devido respeito, reconhecimento e valor. Não sou uma especialista no tema, como colegas que têm a formação científica, com pesquisas sobre ensino-aprendizagem, livros didáticos, avaliação, metodologias de ensino, didáticas da História, teoria do currículo. Colegas que admiro imensamente. Porém, acredito que, como professora de Estágio Supervisionado, como coordenadora do LEAH e como coordenadora do ProfHistória, ajudei muito a divulgar, compreender e levar orientandos(as) e alunos(as) a se apaixonarem pela temática, multiplicando o interesse de novos(as) pesquisadores(as).

Como gestora, envolvida primeiramente com a coordenação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História por quase 5 anos, e com a coordenação do curso de pós-graduação profissional em Ensino de História por duas gestões consecutivas, espero que tenha conseguido atuar primando pelas boas práticas do serviço público, com transparência, ética e cuidado na administração dos bens da Universidade.

Em termos de atuação na administração, sempre procurei participar com empenho e dedicação nos colegiados da graduação e da pós-graduação, nos Conselho Superiores como o CONPEP e o CONSUN e em todas as Comissões internas do INHIS, entre estas, destaco aquela responsável pela refundação do PPGHI, a que implementou o ProfHistória na UFU e a que elaborou o novo Regulamento do INHIS. Também me deu muito orgulho ter sido a relatora do processo de implementação do Doutorado Profissional na UFU.

Quero realizar ainda muitas coisas na universidade e fora dela. Pretendo ampliar minhas pesquisas, com um planejamento para um pós-doc em 2026, algo que ainda não consegui realizar até o momento. Pretendo também continuar a me engajar na luta em defesa da universidade pública e de qualidade, nosso espaço de produção sempre tão ameaçado. A implementação e o fortalecimento do Doutorado Profissional em Ensino de História será, certamente, a maior empreitada que está posta para a atual CAN e para as próximas, nos anos que se seguirão.

Até aqui foram muitos desafios conquistados, muita estrada percorrida e intensas aprendizagens. Em 2003, minha filha Isadora nasceu. Em 2006, me tornei Doutora em História. Em 2009, fui aprovada no concurso público para docente na UFU. Em 2024, ingressei, via redistribuição, na UFSM. Em 20 anos, vários acontecimentos me constituíram como mãe, pesquisadora, professora universitária. Nada disso veio separadamente. Sou tudo junto e misturado, sem hierarquia: uma mãe que pesquisa e dá aulas; uma professora-pesquisadora que criou e educou uma filha; uma mulher que trabalha, reivindica, luta, ama, se encanta e busca reconhecimento profissional e humano.

Um futuro se aponta quando penso nos novos desafios em Santa Maria. Novos orientandos (as), novos grupos de estudos, novos projetos de pesquisa. Não serão mais outros 15 anos, será uma trajetória mais curta até a minha aposentadoria, que poderá ser em 2030, ou depois, mas espero que seja estimulante e gratificante tanto quanto o foi na UFU.

Almejo corresponder à altura do que se espera de uma servidora pública.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ/Livraria do Museu da República, 2003.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Volume I e II. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1981.
- BATAILLE, George. *Teoria da Religião*. São Paulo: Ática, 1993 (1973).
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. Lisboa: Edições 70, 1988
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.
- BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e Folia, Festa e Romaria*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.
- CABRINI, Conceição *et al.* *O ensino de história*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALAINHO, Daniela Buono. *Metrópole das mandingas. Religiosidade negra e inquisição portuguesa no Antigo Regime*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.
- CALLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988 (1950).
- CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DILLMANN, Mauro. Abordagens possíveis do ser religioso, do manifestar a fé e do viver experiências de crença: religiões e religiosidades a partir da história ensinada. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 221 - 246, abr./jun. 2018.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, 2 vol.

- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Jorge Zahar Editor, 2001.
- FALCON, Francisco. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- FEBVRE, L. Vers une autre histoire. (1949). In: *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953. Apud. PROST, Antoine. Doze lições sobre a História. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. Estudo sobre as formas de vida e de pensamento os séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Memória. In: História e Memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003, pp. 419-476.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte e expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, pp.305-327.
- LUZ, Guilherme Amaral; ABREU, Jean Luiz Neves; NASCIMENTO, Mara Regina do. (Org.). *Ordem Crítica*. A América portuguesa nas 'fronteiras' do século XVIII. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 235p.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e Edusp, 1974.
- NASCIMENTO, Mara Regina do; LIMA, Idalice; NORONHA, Gilberto (Org.). *O Golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil*. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020. v. 1. 393p.
- MATA, da Sergio. *História e Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo, n-1 Edições, 2018.
- MIGUEL, Luis Felipe. Introdução. A atualidade do golpe. In: NASCIMENTO, Mara Regina do; LIMA, Idalice; NORONHA, Gilberto (Org.). *O Golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil*. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020, p. 19-26.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese de Doutorado. PUC/SP, São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Gustavo de Souza. O liberalismo e a Congregação da Missão: um estudo comparado entre Portugal e Brasil (1860-1910). *Lusitania Sacra*. 35 (janeiro-junho 2017), pp. 73-93.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Mara Regina (Org.). *A Invenção das Devoções*. Crenças e formas de expressão religiosa. 1. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2013. 312p.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Cláudia e LOPES, Fábio Henrique (org.). *Sentidos da morte e do morrer na Iberoamérica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

RÜSEN, Jörn. História viva – Teoria da História III: *Formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2010.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 3ª. ed.

THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia*. Crenças populares na Inglaterra. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 2014, 2 vol.

**Anexo 1 – Tabela de Pontuação - anexo da Resolução n. 03/2017, do
Conselho Diretor – UFU**

PROFa. DRa. MARA REGINA DO NASCIMENTO
PROMOÇÃO de PROF. ASSOCIADO D-IV para PROF. TITULAR – E-1
Interstício: 23/01/2023 a 22/01/2025 = Período: 23/01/2023 a 22/01/2025
Pontuação mínima: 1.000 pts. = Pontuação atingida: 2.525,5 pts.

ANEXO DA RESOLUÇÃO Nº 03/2017, DO CONSELHO DIRETOR
 (Republicada conforme RESOLUÇÃO nº SEI 05/2018/CONDIR de 22/08/2018)

TABELA A1.1 – ATIVIDADES DE ENSINO		
Item	Descrição	Pts.
1	Aula teórica ou prática de componentes curriculares ministrados na modalidade presencial ou a distância, na Educação Básica, na Educação Profissional, em cursos de graduação ou pós-graduação stricto e lato sensu da UFU, aprovadas pelo Conselho da Unidade. <i>Obs.:</i> 1 - <i>Comprovação por cópia do diário de classe dos componentes curriculares ministrados ou declaração do coordenador do curso ou diretor de unidade especial, discriminando a quantidade de horas-aula ministradas no interstício e o número de discentes matriculados.</i> 2 - <i>Para componentes curriculares ministrados por mais de um docente, a pontuação deverá ser atribuída ao docente de acordo com a carga horária ministrada pelo mesmo.</i> 3 - <i>Componentes curriculares ministrados num mesmo horário, concomitantemente para diferentes turmas e/ou cursos e/ou projetos pedagógicos, independentemente do número de diários, devem ser contabilizados uma única vez.</i> 4 - <i>Nos casos das atividades desenvolvidas no formato de estágios, deverão ser consideradas neste item as atividades realizadas com a presença do docente, quando previstas pelo projeto pedagógico do curso, sendo as demais atividades pontuadas nos itens 13 ou 14 da Tabela A1.2.</i>	1 ponto Por hora-aula ministrada
1.1	INHIS31802 - Estágio Supervisionado IV – Graduação em História: Licenciatura - Matutino/UFU – 2022/2 (27/02/2023 a 29/06/2023)	105
1.2	INHIS31802 - Estágio Supervisionado IV – Graduação em História: Licenciatura - Noturno/UFU – 2022/2 (27/02/2023 a 29/06/2023)	105
1.3	INHIS31705 - Estágio Supervisionado III – Turma: I - Graduação em História: Licenciatura - Matutino/UFU – 10 alunos – 01 prof- 2023/1 (17/07/2023 a 17/11/2023)	126
1.4	INHIS31802 - Estágio Supervisionado IV – turma: I - Graduação em História: Licenciatura – Matutino/UFU – 07 alunos – 01 prof. - 2023/2 (04/12/2023 a 13/04/2024)	126
1.5	INHIS31802 - Estágio Supervisionado IV – Turma: HA - Graduação em História: Licenciatura - Noturno/UFU – 09 alunos – 01 prof. - 2023/2 (04/12/2023 a 13/04/2024)	126
1.6	PROFHIS03 - Seminário de Pesquisa - Turma: U - Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PPGEH)/UFU – 15 alunos - 1 prof. – 2023/2	54
1.7	HST1168 - Metodologia Científica em História – turma: 143 – Curso: História bacharelado – UFSM - 12 alunos – 02 profs. – 2024/1 (60 /2 = 30)	30

1.8	HST1110 - História Antiga B – turma: 10 – História bacharelado – UFSM – 13 alunos – 01 prof. – 2024/2	60
1.9	HST1110 - História Antiga B – turma: 10 - Curso: História Licenciatura – UFSM - 36 alunos – 01 prof. – 2024/2	60
1.10	EDE867 - Metodologia do Ensino de História: O Pesquisador-Professor e o Professor-Pesquisador "A" – turma: 10 - PG em História em Rede Nacional - Mestrado Profissional/UFSM – 8 alunos – 01 prof. – 2024/2	60
1.11	PROFHIS04 – Seminário Tutorial – Turma: Mara - Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – 01 aluno – 01 prof. = 2023/1	45

Pontuação Total da TABELA A1.1 – ATIVIDADES DE ENSINO	897
--	------------

TABELA A1.2 – ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

1 – Deverão ser pontuadas as orientações de alunos matriculados na UFU.

2 – Somente serão aceitas pontuações de orientações externas à UFU em Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, desde que aprovadas pelo Conselho da Unidade.

Item	Descrição	Pts.
14	Orientação e/ou supervisão de alunos de graduação e da educação profissional em atividades curriculares de ensino, <u>sem</u> a presença do docente, desde que não pontuada nas Atividades de Ensino. <i>Ex.: Estágio Supervisionado, Estágio Profissionalizante, Monografia de Graduação ou Trabalho de Conclusão de Curso de graduação e similares. A comprovação deverá ser fornecida pela Coordenação do Curso na qual o aluno encontra-se matriculado.</i>	1 ponto Por aluno/ Mês completo (teto de 160 pontos)
14.1	Orientação Monografia III – Curso: História – aluno: Antonio Edicarlo Mota Teixeira – 2022/2 (27/02/2023 a 29/06/2023) = 4 meses	4
14.2	Orientação Monografia III – Curso: História – aluno: Giovanna Lopes de Carvalho – 2023/1 (17/07/2023 a 17/11/2023) = 4 meses	4
14.3	Orientação Monografia III – Curso: História – aluno: Larissa Matos Silva – 2024/1 (20/05/2024 a 12/06/2024 e 05/08/2024 a 23/11/2024) = 4 meses	4
14.4	HST1141 – Trabalho de Conclusão de Graduação A – Turma: 10 – Curso: História Licenciatura/UFSM – 25 alunos – 02 profs. – 2024/1º (1 x 25 x 4 = 100 / 2 = 50)	50
14.5	HST1141 – Trabalho de Conclusão de Graduação A – Turma: 10 – História Bacharelado – Curso: História bacharelado/UFSM – 02 alunos – 01 prof. 2024/1º (1 x 2 x 4 = 8)	8
15	Orientação de alunos da Educação Básica, da Educação Profissional ou da graduação em projetos de ensino ou extensão ou pesquisa <u>com</u> bolsa (Ex.: PBG, PEIC, PET, PIBIC, PIBID, OBEDUC, PINA, RENAFOR e similares) e de alunos da Educação Básica em atividades de Iniciação científica com Bolsa na UFU (Ex.: PIBIC EM). <i>A comprovação deverá ser pelo órgão de fomento ou Pró Reitorias do qual o aluno é bolsista.</i>	1 ponto Por aluno/ mês completo
15.1	Orientação do Projeto: Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a história da morte na Educação Básica – PROPP – Edital DIRPE nº 2/2023 Aluno: Gustavo Henrique de Freitas Coelho Início: 09/2023 a 04/2024 (1 x 1 x 7 = 7)	7
15.2	Orientação do Projeto: Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a história da morte na Educação Básica – PROPP – Edital DIRPE nº 2/2023 Aluno: Ana Clara Lucas Crosara Gustin	7

	Início: 10/2023 a 05/2024 (1 x 1 x 7 = 7)	
19	Orientação de Dissertação de Mestrado. <i>A comprovação deverá ser feita pela Coordenação do Programa de Pós-graduação no qual o aluno encontra-se matriculado ou pelo diário de classe.</i>	2,5 pontos Por aluno/ mês completo
19.1	EDT002 – Elaboração de Defesa de Mestrado/Dissertação – PG em História em Rede Nacional – Mestrado Profissional/Universidade Federal de Santa Maria – Alunos: Juliano Silva de Bastos; Marcos Cristiano da Silva Fischer – 2024/2 (2,5 x 2 x 4 = 20)	20
19.2	Orientação dos alunos: Daniel Ramsés Moura Gomes Loures; Gabriella Oliveira Feitosa - Programa de Pós-graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional/UFU – Período: 01/2023 a 12/2023 (2,5 x 2 x 11 = 55)	55
19.3	Orientação dos alunos: Marcus Dias Gimenes; Robert William Borges - Programa de Pós-graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional/UFU – Período: 01/2023 a 06/2024 (2,5 x 2 x 17 = 85)	85
25	Orientação de Monitores e Tutores de EAD <i>A monitoria deverá ser comprovada pela Coordenação do Curso.</i>	0,5 ponto Por aluno/ mês completo
25.1	Orientação de monitoria da disciplina Estágio Supervisionado III do curso de Graduação em História – Licenciatura. Período: 21/08/2023 a 21/11/2023 (0,5 x 1 x 3 = 1,5)	1,5
Pontuação Total da TABELA A1.2 – ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO		245,5

TABELA A1.3 – PRODUÇÃO INTELECTUAL PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA E DIVULGAÇÃO Discriminar cada item incluindo a citação bibliográfica completa com todos os autores da publicação.		
Item	Descrição	Pts.
29	Artigo técnico-científico publicado em periódico qualificado pela CAPES <i>Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia da folha de rosto do meio de divulgação do artigo, da primeira página do mesmo e a comprovação da qualificação.</i>	150 pontos Por trabalho
29.1	NASCIMENTO, M. R. do. O bom cristão não deve temer a morte. O Manual de Conforto, do teólogo luterano Johann Gerhard, de 1611. In: Revista Brasileira de História das Religiões, v. 17, p. 1-21, 2024 – ISSN: 1983-2850 – Qualis: A2	150
36	Publicação individual de crítica, textos jornalísticos, prefácio de obras especializadas, espetáculos ou exposições. <i>Serão pontuadas aquelas comprovadas por cópia da publicação ou folha de rosto do meio de divulgação.</i>	30 pontos Por publicação
36.1	Apresentação do livro: OLIVEIRA, Gustavo de Souza; NASCIMENTO, Mara Regina do; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas. Recife: EDUPE, 2024 –pág.: 6-7 – ISBN: 978-65-85651-47-9	30

38	Apresentação de trabalho ou mostra documental em reunião científica. <i>Serão pontuados apenas os trabalhos apresentados pelo docente, comprovados por certificado assinado pelo Coordenador ou pelo Presidente do evento científico.</i>	10 pontos Por trabalho
38.1	“Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a História da Morte na Educação Básica” no Grupo de Reflexão Docente “Ensino de História e Memória”, no III Congresso Nacional do ProfHistória “10 anos de ProfHistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História”, em 22 a 25/10/2024 – Universidade Federal do Pará	10
38.2	‘Ensino de História e e Políticas Públicas’ – Modalidade Mesa de Debate ProfHistória, <i>In: II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS)</i> , promovido pelo Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia, 21/03/2024	10
38.3	‘O ProfHistória e o Ensino de História na Educação Básica: proposições, perspectivas, dilemas’. <i>In: II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS)</i> , promovido pelo Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia, 21/03/2024	10
39	Palestras e conferências proferidas, minicursos ministrados, seminários, oficinas, participação em painéis de debate ou mesas redondas em reuniões científicas promovidas por associações ou sociedades científicas ou associações esportivas nacionais e internacionais. <i>Somente serão pontuadas as participações devidamente comprovadas por certificado do evento.</i>	15 pontos Por tema
39.1	Mesa de Debate: ProfHistória, Ensino de História e Políticas Públicas. <i>In: II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS)</i> , promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU, no dia 21/03/2024	15
39.2	Ministrante do Simpósio Temático, O ProfHistória e o Ensino de História na Educação Básica: proposições, perspectivas, dilemas. <i>In: II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS)</i> , promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU, em 19/03/2024 e 20/03/2024	15
41	Palestras e conferências proferidas, minicursos ministrados, seminários, oficinas, participação em mesas redondas ou em painéis de debate em <u>eventos acadêmicos</u> isolados e eventos sem apresentação de trabalho. <i>Somente serão pontuadas as participações devidamente comprovadas por certificado do evento.</i>	5 pontos Por tema Limitado a 80 pontos
41.1	Palestra: Lives da Revista M: Vamos falar sobre a morte na escola? Desafios didáticos para um tema sensível – Rio de Janeiro – 04/09/2024	5
41.2	Ministrante da Mesa Redonda: A pós-graduação no INHIS e suas possibilidades, promovido(a) pelo Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia, em 09/05/2023	5
42	Participação em palestras, conferências, minicursos, seminários, oficinas, mesas redondas ou em painéis de debate em eventos da área do docente, sem apresentação de trabalho. <i>Somente serão pontuadas as participações devidamente comprovadas por certificado do evento.</i>	3 pontos Por tema Limitado a 48 pontos
42.1	III Congresso Nacional do ProfHistória “10 anos de ProfHistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História”, realizado nos dias 22 a 25 de outubro na Universidade Federal do Pará	3
50	Publicação de capítulo de livro didático, paradidático, cultural, técnico ou resultado de pesquisa acadêmica, desde que não inserido em anais de congressos ou eventos.	100 pontos Por

	<i>Só serão aceitos livros publicados por Editora com Conselho Editorial ou Editor/Diretor responsável. Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia da folha de rosto do meio de divulgação e da ficha catalográfica.</i>	publicação
50.1	NASCIMENTO, M. R. do. Simbioses Possíveis: religião, história e política. In: Jean Luiz Neves Abreu; Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro; Mônica Chaves Abdala (organizadores). Territorialidades, cultura e poder: por entre temas e trilhas historiográficas. Teresina: Cancioneiro, 2023 – pag. 235-254. ISBN: 978-65-5380-104-2 (digital)	100

51	Editoração/organização de livros, de anais de eventos, coleções, periódicos ou dossiês de periódicos. <i>Serão pontuadas as publicações comprovadas por cópia da folha de rosto do meio de divulgação e da ficha catalográfica.</i>	100 pontos Por obra
51.1	OLIVEIRA, Gustavo de Souza; NASCIMENTO, Mara Regina do; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Ensino de História: debates sobre questões contemporâneas. Recife: EDUPE, 2024 – 174p.- ISBN: 978-65-85651-47-9	100
51.2	ABREU, J, L, N.; NASCIMENTO, M. R.; NOGUEIRA, A, L, L. Apresentação do Dossiê nº 18: morte aparente e os fins últimos do corpo (séculos XVIII e XIX). In: Revista M. Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e13347 jul/dez/2024 – DOI: 10.9789/2525-3050.2023v9n18.e13347 – Qualis: B1	100

PRODUÇÃO TÉCNICA

Ite m	Descrição	Pts.
69	Membro de Comissão Julgadora ou Comissão Científica de eventos científicos, artísticos, culturais, esportivos ou técnicos. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas com certificado do evento.</i>	10 pontos Por participação
69.1	II Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão do ProfHistória – UFU e UFG da atividade de extensão II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS), promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU em 18/03/2024 a 22/03/2024	10
71	Membro de Comissão Organizadora de reuniões científicas, artísticas, culturais, técnicas e esportivas. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração do Coordenador da Comissão Organizadora ou do Diretor da Unidade responsável pela organização do evento.</i>	10 pontos Por participação
71.1	PPGEH – ProfHistória UFU – II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEEPHIS), promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU, em 18/03/2024 a 22/03/2024	10
71.2	Tempo presente e usos do passado, promovido pelo Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia, em 27/04/2023	10
71.3	III Congresso Nacional do ProfHistória “10 anos de ProfHistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História” – Universidade Federal do Paraná, em 22 a 25/10/2024	10
72	Parecer <i>ad hoc</i> prestado a editoras, revistas especializadas e órgãos de fomento, devidamente comprovado, resguardado o sigilo e demais considerações éticas associadas a pareceres <i>ad hoc</i> .	10 pontos Por parecer
72.1	Parecerista da seleção de artigos que constam na publicação do volume 36, número 2, jun/dez de 2023 da Revista Cadernos de Pesquisa do CDHIS (ISSN 1518-7640).	10

72.2	Parecerista ad hoc no volume 15, número 1, na Revista de Estudos de Religião, da Associação Brasileira para Pesquisa e História das Religiões (ABHR) – ISSN 2179-0019	10
72.3	Parecerista de um artigo submetido à Revista História (São Paulo) em 09 de junho de 2024	10
76	Membro titular de banca de defesa de projetos, estágio supervisionado, trabalho de conclusão de curso ou de monografias de graduação. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por meio de declaração fornecida pelo Coordenador de Curso de Graduação ou pelo Diretor da Unidade.</i>	4 pontos Por participação
76.1	Banca de Monografia III - aluna: Giovanna Lopes de Carvalho – “Mídias e representações da morte. Comparações entre o Brasil e o México do século XX” – Curso de História/UFU em 26/01/2023	4
78	Membro titular de banca de exame de qualificação de Mestrado ou Doutorado. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração fornecida pelo Coordenador de Curso de Pós-graduação ou ata de qualificação.</i>	10 pontos Por participação
78.1	Banca de Qualificação de Mestrado de Aline Lucimar dos Santos Alves – “Desvendando identidades locais: o Ensino de História e a Escola Euclides Figueiredo na “construção” da cidade de Parauapebas” – Mestrado Profissional em Ensino de História – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em 16/09/2024	10
78.2	Banca de Qualificação de Mestrado de Mauricéia Aparecida Ferreira Maia – “Ensino de História e Educação Patrimonial: Formação docente continuada” – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/UFU, em 30/08/2023	10
78.3	Banca de Qualificação de Mestrado de Lucas de Farias Silva – “A Morte e o morrer no Ensino de História: Representações e Sensibilidades no Século XXI” – Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – 28/03/2023	10
78.4	Banca de Qualificação de Gabriella Carvalho Motta – “Rompendo os muros acadêmicos e conquistando seguidores: Das narrativas públicas sobre o medievalismo nas mídias digitais” – Pós-Graduação em História/UFU em 16/05/2023	10
78.5	Banca de Qualificação de Mestrado de Eliene Gomes da Silva Alves – “Enfrentamento ao Anticomunismo: Desafios para os Professores de História do Ensino Médio” – 28/06/2023	10
78.6	Banca de Qualificação de Mestrado de Robert William Borges – “A cidade de Uberlândia e sua herança indígena e negra: memória e voz dos silenciados pelo esquecimento público” – Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória), em 27/08/2024	10
78.7	Banca de Qualificação de Mestrado de Paula Marcelle Ferreira Oliveira – “A produção da história local em Itumbiara/GO: Outras histórias” – Programa de Pós-graduação em História/UFU em 30/08/2023	10
78.8	Banca de Qualificação de Mestrado de Pablo Vinícius Alves Santana – “Ensino de História e as representações sobre a Ditadura Civil-Militar nos Livros Didáticos (1980-2000)”, em 21/11/2023	10
78.9	Banca de Qualificação de Mestrado de Luís Fernando Barbosa Rodrigues – “O papel do Ensino de História na desconstrução dos fakes news: os ataques antidemocráticos do 8 de janeiro” – Programa de Pós-graduação em História/UFU em 28/11/2023	10
78.10	Banca de Qualificação de Mestrado de Carolina Ribeiro Gonçalves – “Ensino de História e inclusão Escolar: estudo de caso sobre a elaboração e aplicação de materiais didáticos adaptados” – Programa de Pós-	10

	graduação em História/UFU em 31/01/2024	
78.1 1	Banca de Qualificação de Mestrado de Marcos Dias Gimenes – “Ferramentas didáticas para o(a) professor(a) designado(a). Ensino de História e Patrimônio Cultural no Ensino Médio em Minas Gerais” - Programa de Pós-graduação em Ensino de História/UFU em 28/07/2023	10
78.1 2	Banca de Qualificação de Mestrado de Marcos Cristiano da Silva Fischer – “A história local e sua interlocução com a formação da consciência histórica dos estudantes: uma importante contribuição para o autoconhecimento e realização da escrita de si” - Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História/UFMS em 19/09/2024	10
78.1 3	Banca de Qualificação de Mestrado de Juliano Silva de Bastos – “Produção de narrativas (auto)biográficas e Biografias Familiares por estudantes do Terceiro Ano do Ensino Médio” - Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História/UFMS em 19/09/2024	10

79	Membro titular de banca de Dissertação de Mestrado. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração fornecida pelo Coordenador de Curso de Pós-graduação ou ata de defesa.</i>	15 pontos Por participaçã o
79.1	Banca de Aline Daiane Diniz Ferreira – “As mulheres e o casamento na coluna “da mulher para a mulher”: uma análise a partir das legislações e da revista O Cruzeiro em 1962” – Programa de Pós-graduação em História/UFU em 13/12/2024	15
79.2	Banca de Gabriella Carvalho Motta – “Romper os muros acadêmicos e conquistar seguidores: das narrativas públicas sobre o neomedievalismo nas mídias digitais” – Programa de Pós-graduação em História/UFU em 06/02/2024	15
79.3	Banca de Lucas de Farias Silva – “A Morte nas Fronteiras do Ensino de História: Literatura, sensibilidades e propostas Didático-Pedagógicas” – Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória – 26/04/2024	15
79.4	Banca de Mauricéia Aparecida Ferreira Maia – “Educação Patrimonial: debates de conceitos e interpretações – Patrimônio Cultural – Identidade e Memória” de Conselheiro Lafaiete” – Programa de Pós-graduação em História/UFU, em 02/07/2024	15
79.5	Banca de Luis Fernando Barbosa Rodrigues – “A influência das fake news nos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023: reflexões para o Ensino de História” – Programa de Pós-graduação em História/UFU em 30/10/2024	15
79.6	Banca de Carolina Ribeiro Gonçalves – “Ensino de História inclusivo: Estudo de caso na Escola Estadual Mário Porto – Uberlândia-MG” – Programa de Pós-graduação em História/UFU, em 30/08/2024	15
79.7	Banca de Marcus Dias Gimenes – “Ferramentas didáticas para o(a) professor(a) designado(a) de Minas Gerais. Ensino de História, mundos do trabalho e Patrimônio Cultural em Uberlândia” – Programa de Pós-graduação em Ensino de História/UFU em 28/06/2024	15
79.8	Banca de Eliene Gomes da Silva Alves - “O Anticomunismo nas Aulas de História: E-book Temático para o Ensino Médio” – Universidade Federal de Goiás em 22/07/2024	15

Pontuação Total da TABELA A1.3 – PRODUÇÃO INTELECTUAL	877
--	------------

TABELA A1.4 - ATIVIDADES DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA SEM REMUNERAÇÃO SUPLEMENTAR		
Ite m	Descrição	Pts.

90	Coordenação de projetos de ensino ou extensão ou pesquisa com financiamento interno e registrado em Pró-Reitoria. <i>Serão pontuadas as coordenações, comprovadas por documento de aprovação do projeto pela respectiva Pró-Reitoria.</i>	5 pontos Por mês completo
90.1	Projeto de Pesquisa: Proposições Pedagógicas para Temas Sensíveis: a história da morte na Educação Básica – PROPP - Edital DIRPE nº 2/2023 Início: 09/2023 a 05/2024 (5 x 8 = 40)	40
92	Membro de equipe de projetos de ensino ou extensão ou pesquisa <u>com</u> financiamento externo ou interno. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração do Coordenador do projeto ou Diretor da Unidade Acadêmica ou por documento específico do órgão financiador ou Pró-Reitoria.</i>	2 pontos Por mês completo
92.1	Pesquisadora do Projeto de Pesquisa: Os debates sobre a morte e os usos do corpo post mortem no Brasil do século XIX – Edital No 001/2021 - Demanda Universal - APQ-00016-21 - Coordenador: Jean Luiz Neves Abreu - Período: 01/10/2021 a 01/10/2023 (a ser considerado a partir de 01/2023 = 2 x 9 = 18)	18
92.2	Membro do Grupo de Pesquisa: Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano – Líderes: Claudia Rodrigues; Cícero Joaquim dos Santos - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4149230700872041 – Pesquisadora desde abril/2014 (a ser considerado de 01/2023 a 01/2025 = 2 x 24 = 48)	48
92.3	Membro do Grupo de Pesquisa: Escravidão e Mestiçagens: poderes, povos, lugares e trânsitos culturais no Novo Mundo – Líder: Isnara Pereira Ivo Espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0581262533405541 – Pesquisadora desde 02/2024 (2 x 11 = 22)	22
92.4	Membro do Grupo de Pesquisa: NEPHISPO-Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política – Líder: Gilberto César de Noronha – Espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7383393902135529 – Pesquisadora desde: 09/2023 (2 x 16 = 32)	32
95	Coordenação de organização de eventos de ensino e/ou extensão abertos à comunidade <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração do Diretor da Unidade Acadêmica e número de registro junto à PROEXC.</i>	5 pontos Por evento Limitado a 60 pontos
95.1	Coordenou sessões de Grupos de Reflexão Docente (GRD) do III Congresso Nacional do Profhistória “10 anos de Profhistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História”, realizado nos dias 22 a 25 de outubro de 2024 na Universidade Federal do Pará	5
98	Coordenação e organização de eventos de ensino e/ou extensão abertos à comunidade promovidos por Instituição pública ou privada. <i>Serão pontuadas as participações comprovadas por declaração da Instituição promotora do evento.</i>	10 pontos Por evento
98.1	Coordenação de Simpósio temático da atividade de extensão II Congresso de Ensino, Extensão e Pesquisa em História (COEPPHIS), promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU em 18/03/2024 a 22/03/2024	10
Pontuação Total da TABELA A1.4 - ATIVIDADES DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA SEM REMUNERAÇÃO SUPLEMENTAR		175

TABELA A1.6 - ATIVIDADES DE GESTÃO

Item	Descrição	Pts.
117	Coordenação de Curso de Pós-graduação <i>lato sensu</i> ou coordenador de extensão que conste no regimento da unidade <i>A atividade será pontuada se devidamente comprovada por declaração do Diretor ou ata da reunião do Conselho da Unidade.</i>	1/1200 da pontuação de referência por dia
117.1	Portaria de Pessoal UFU nº 2894, de 22 de julho de 2021 - Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História do Instituto de História (FCC/FUC), a partir de 23/07/2021 e término 22/07/2023 (a ser considerado a partir de 23/01/2023 a 07/2023 (1000/1200 x 180 dias = 150)	150
121	Substituições de docentes em cargos de direção. <i>Serão pontuadas as atividades administrativas comprovadas por Portaria de homologação do cargo. O substituto legal receberá a pontuação correspondente ao cargo no período que exercê-lo de fato.</i>	1/1000 da pontuação de referência por dia
121.1	Substituta Eventual do Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional do Instituto de História (FCC/FUC) – Período: 04/09/2023 a 08/12/2023 (1000/1000 x 96 = 96)	96
149	Membro de comissões externas à Unidade, nomeadas pela Administração Superior da UFU ou por órgãos da administração pública. <i>Serão consideradas as comissões nomeadas por Portarias das Pró-Reitorias, Reitoria e da administração pública.</i>	2 pontos Por mês completo
149.1	Portaria nº 9964, de 12 de setembro de 2023 - Comissão Acadêmica Nacional do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (CAN ProfHistória). Como representante da Linha de Pesquisa "Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória": que terá seu mandato até 31 de julho de 2026 (a ser considerado até 01/2025 = 2 x 16 = 32)	32
154	Membro de Colegiado ou Conselho das Unidades Especiais de Ensino, de Curso de Graduação ou de Programa de Pós-graduação. <i>Serão pontuadas as atividades administrativas comprovadas por documento de homologação do cargo ou por declaração do Diretor da Unidade.</i>	2 pontos Por mês completo
154.1	Portaria de Pessoal CE/UFSM n. 060, de 19 de agosto de 2024 - Colegiado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA): (2 x 5 = 10)	10
154.2	Membra do Colegiado do ProfHistória da UFU, como presidenta do Colegiado durante a coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História do Instituto de História (FCC/FUC), a partir de 23/07/2021 e término 22/07/2023 (a ser considerado a partir de 23/01/2023 a 07/2023 (2 x 6 = 12)	12
154.3	Portaria PPGEH nº 32 de 31 de julho de 2023 – Comissão Acadêmica Local(CAL) Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – COLLPPGEH – Período: 07/2023 a 07/2025 (a ser considerado até 06/2024 = 2 x 11 = 22)	22
158	Membro de comissões internas de Unidade. <i>A pontuação deve ser comprovada por Ordem de Serviço ou Portaria.</i>	2 pontos por comissão específica ou por mês no caso de

		comissão permanente (Redação dada pela Resolução SEI nº 05/2018/CONDIR de 22/08/2018)
158.1	Portaria de Pessoal UFU nº 6364, de 21 de dezembro de 2022 - Prorrogar em 150 dias o prazo para conclusão dos trabalhos da Comissão designada pela Portaria de Pessoal UFU nº 3575, de 22 de julho de 2022	2
158.2	Portaria de Pessoal UFU nº 5094, de 25 de agosto de 2023 - banca examinadora especial com a finalidade de avaliar o exame de suficiência da discente Giovanna Gondim Pedroso no componente curricular INHIS31401 História da América Portuguesa	2
162	Parecer emitido em conselhos das Unidades <i>A participação será comprovada por documento emitido pelo diretor da unidade.</i>	5 pontos Por parecer
162.1	Portaria PPGEH nº 34, de 01 de agosto de 2023 - relatora do processo 23117.067651/2021-19, de reformulação do Regulamento do PPGEH e de reforma no currículo do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, no Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UFU.	5
Pontuação Total da TABELA A1.6 - ATIVIDADES DE GESTÃO		331

Quadro demonstrativo geral de pontos

Itens	Descrição	Pontuação
1 a 12	Atividades de Ensino	897
13 a 28	Orientação	245,5
29 a 88	Produção Intelectual	877
89 a 102	Atividade de Ensino, Extensão e Pesquisa sem remuneração suplementar	175
103 a 113	Atividades de Ensino, Extensão e Pesquisa com remuneração suplementar	--
114 a 162	Atividades de Gestão	331
163 a 167	Licenças, Situações Especiais e Afastamentos	--
TOTAL GERAL		2.525,5